

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Milton Leandro Santos Leituga**

**Memória, trabalho e cotidiano na cidade de Vitória da Conquista/Ba:  
o caso do parque ambiental lagoa das Bateias**

Vitória da Conquista  
Fevereiro de 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

**Milton Leandro Santos Leituga**

**Memória, trabalho e cotidiano na cidade de Vitória da Conquista/Ba:  
o caso do parque ambiental lagoa das Bateias**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito obrigatório para defesa.

Área: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira  
Marta

Vitória da Conquista  
Fevereiro de 2016

Leituga, Milton Leandro Santos  
L533m Memória, trabalho e cotidiano na cidade de Vitória da Conquista/Ba: o caso do  
parque ambiental lagoa das Bateias: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta- - Vitória  
da Conquista, 2016.  
146 f.

Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). - Programa de Pós-  
Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

1. Memória. 2. Cotidiano. 3. Urbano. 4. Cidade I. Marta, Felipe Eduardo Ferreira. II.  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. Título.

Título em inglês: Memory, work and daily life in the city of Vitória da Conquista / Ba: the  
case of Lagoa das Bateias environmental park

Palavras-chaves em inglês: Memory; Daily Life; Urban; City.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (Orientador), Prof. Dr. João  
Diógenes Ferreira dos Santos (titular), Prof. Dr. Jânio Laurentino de Jesus Santos (titular).

Data da Defesa: 29 de fevereiro de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e  
Sociedade.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Milton Leandro Santos Leituga

**Memória, Lazer, e Cotidiano na Cidade de Vitória da Conquista-BA: O caso do parque ambiental Lagoa das Bateias.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: 29 de fevereiro de 2016.

### Banca Examinadora:

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (Presidente)  
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. João Diógenes Ferreira dos Santos  
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Jânio Laurentino de Jesus Santos  
Instituição: UEFS

Ass.: 

Dedico este texto para o orixá Exu, pois assim como a memória, transcende a temporalidade e nos conecta à imensidão do conhecimento. Também, aos meus irmãos de cor, que com o alarde do genocídio do povo negro, estamos cada vez mais distantes da democracia racial. Laroîê!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família por ter dividido esses dois anos de dedicação para conclusão do mestrado, em especial, a minha querida mãe, Maria Amália Santos Leituga, que apesar de todas as intempéries da vida, no que se refere à sua saúde, e como grande educadora, vê seu filho se tornando Mestre.

A minha querida companheira, Daniela Silva Pires, sempre presente no carinho, cuidado, dedicação e na reciprocidade de nosso amor, que nos dá vitalidade para encarar a vida com bastante vigor.

Meu pai, Milton Sousa Leituga, por contribuir com minha vinda ao mundo. Aos meus irmãos, em especial Bruno Milton Santos Leituga e Maicon Santos Leituga, pelo carinho.

Para a Família Menezes, em especial, Vilma Celeste Menezes Moreira, Washington Matos Moreira e Adriano Menezes Moreira, por todo apoio incondicional nessa pós-graduação.

Aos meus amigos, Flávio Benício dos Santos Oliveira, Elson Gonçalves Oliveira Júnior, Fabio Andrade Botelho, Gabriel Souto Pinheiro, Fabiana de Amorim Araújo, Judá Cabral Oliveira da Rocha, Paulo Maurício Oliveira Corrêa, Francino Fábio Santana Bacelar Rebouças, Ricardo Ruiz Freire por todo o carinho e por estarem sempre presentes nos diversos momentos e a todos os outros que não citei mais que moram no meu coração.

Ao meu orientador Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta, em especial, pela dedicação, grande ajuda e incentivo na elaboração da pesquisa, e por transcender a formalidade acadêmica, transformando-se em um grande amigo.

Ao grande mestre e amigo Dr. Janio Santos Laurentino de Jesus, por estar presente nesse momento, sendo um dos grandes incentivadores desde a graduação, na iniciação à pesquisa, e sua contribuição na elaboração da dissertação. Também, ao Professor Dr. João Diógenes, pela grande contribuição na discussão sociológica na elaboração desta pesquisa.

Aos moradores do entorno do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias, pois, como a pesquisa foi elaborada na perspectiva da História Oral, foram de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa empírica.

O professor Dr Espedito Maia Lima, por ceder às fotos da época da construção do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias.

À Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, por meio das Secretarias do Meio Ambiente, Secretaria de Cultura Lazer e à coordenação do Parque.

Às coordenadoras do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Às professoras Dr<sup>a</sup>. Livia Diana Rocha, coordenadora e Dr<sup>a</sup>. Maria da Conceição Fonseca Silva, vice-coordenadora. Também, às secretárias Andreia Santos da Silva, Tâmara Marinho de Oliveira Freitas, Vilma dos Santos Borges, Juliana Silva Santos, Jéssica dos Santos Oliveira, pela dedicação, responsabilidade e compromisso para com o curso.

Por fim, a todos os presentes e participantes nessa etapa de grande importância e transformação acadêmica por que passei. Asé!

Agora vem o texto

Há uma célula fascista em cada pedra de crack.

Há tumor no céu da boca do ESTADO.

Há um estado irreversível na minha Loucura.

Há um abismo velado no orifício retal da autoridade.

Há um presídio no fundo do olhar de cada cidadão comum!

Há um último fôlego de vida em alguma periferia.

Há uma última centelha de vida no olhar daquela moça de  
chinelo quebrado!

Há uma puta misericordiosa fazendo a felicidade de um  
milhão de operários quase enfartados.

Há uma comuna escondida em algum quarto de quaisquer  
cracolândias!

*Bruno Milton Santos Leituga*



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise sobre a memória e o cotidiano do trabalho urbano da cidade de Vitória da Conquista/BA, uma vez que essa cidade passa por profundas transformações em seu processo de urbanização, fato marcado fortemente pelo avanço das relações capitalistas no estado da Bahia. A cidade está localizada ao sul da Chapada Diamantina, mais precisamente, no Território de Identidade de Vitória da Conquista, sendo o município um grande influenciador e captador de recursos e investimentos. No modelo de urbanização, atualmente adotado pelo estado da Bahia, o município exerce forte papel regional sobre as demais cidades vizinhas, com uma população total de 306.866 habitantes, segundo dados do IBGE, Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010). Trata-se, portanto, de uma cidade de médio porte com grande expressão regional sobre as demais localidades, sendo alvo de investimentos tanto da construção civil como no setor terciário. Como tentativa de compreender as consequências sociais que essa lógica impõe ao cidadão, utilizamos um referencial teórico para compreender o conceito de cidade, a fim de empreendermos uma abordagem histórica para o entendimento da inserção da cidade no modo de produção vigente. Para o desenvolvimento da pesquisa empírica foi realizada uma investigação em campo no Parque Lago das Bateias, por meio de entrevistas com os seus moradores e usuários, além de recorreremos ao setor público e ao arquivo municipal, para entendermos as especificidades da localidade, as escalas de influência no espaço e a estrutura da área estudada, a fim de mapearmos e fotografarmos seus usos e, particularmente, o lazer e cotidiano dos diversos sujeitos que se apropriam do local. As entrevistas foram feitas sob a perspectiva da História Oral, segundo pressupostos de Portelli (1997), considerando a área estudada segundo a narrativa inicial de um morador antigo, sendo depois entrevistados outros moradores, em sistema de rede. Dessa maneira se estruturou um recorte histórico da década de 1940 à contemporaneidade, para saber como se configurava a memória da vida cotidiana e as transformações ocorridas frente aos ditames do modo de produção capitalista. A construção do conceito do cotidiano conquistense foi também necessária, uma vez que este se dá por meio das relações mais íntimas no seio da cidade. A partir da análise do cotidiano, a pesquisa revelou a face espoliativa da urbanização; cujo cerne é a produção de novas contradições na sociedade e a forma como Vitória da Conquista, caracterizada como cidade de médio porte, tem o seu cotidiano condicionado às necessidades mercadológicas capitalistas.

**Palavras-chave:** Memória. Cotidiano. Urbano. Cidade.

## ABSTRACT

This work aims to make an analysis on the memory and the urban daily life leisure in *Vitória da Conquista/BA*, since this city is undergoing profound transformations in its process of urbanization, a fact strongly market by the advance of capitalist relations in the state of *Bahia*. The city is located at the south of the *Chapada Diamantina*, more precisely, in the Territory of *Vitória da Conquista* Identity, because the city is a great influencer and fund raiser. In the urbanization model, currently adopted by the state of Bahia, the municipality has a strong regional role over other neighboring towns, with a total population of 306,866 inhabitants, according to IBGE, Census 2010 (IBGE, 2010). It is, therefore, a medium-sized city with great regional expression over the other locations that is a target of investments both to the civil construction and the tertiary sector. As an attempt to understand the social consequences that this logic imposes to the urbanite, we used a theoretical framework to understand the concept of the city in order to undertake a history approach to understanding the city's inclusion in the existing mode of production. For the development of the empirical research we carried out a field investigation in the *Bateias* Lake Park, through interviews with its residents and users, besides appealing to the Public Sector and to the Municipal File, to understand the specifics of the locality, the influence scales in space, and the structure of the studied area, to map and photograph its uses and, particularly, the leisure and the daily lives of many individuals who appropriate this local. The interviews were conducted from the perspective of Oral History, according Portelli (1997)'s assumptions, considering the studied area according to the initial narrative from a former resident, interviewing other residents later, in a networking system. In this way it was structured a historical portrait of the 1940s to the contemporary time, to see how the memory of the daily life was configured and the changes occurred before the dictates of the capitalist mode of production. The construction of the concept of the daily life for the inhabitant of *Conquista* was also required, since it is occurs through the most intimate relations within the city. From the daily life analysis, the survey revealed the despoiling face of the urbanization; whose core is the production of new contradictions in society and how *Vitoria da Conquista*, characterized as medium-sized city, has its routine conditioned to the capitalist market needs.

**Keywords:** Memory. Daily Life. Urban. City.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

### FOTOS

Figura 1: Lazer nas Bateias na década de 1990	747
Figura 2: Construção do Parque Ambiental Lagoa das Bateias	107
Figura 3: Construção do Parque Ambiental Lagoa das Bateias	108
Figura 4: Degradação e abandono do parque	126
Figura 5: Degradação e abandono do parque	1262

### GRÁFICOS

Gráfico 1: Taxa de urbanização e ruralização na Bahia, 1970 - 2010	299
Gráfico 2: Crescimento Populacional de Vitória da Conquista/BA – 1940 a 2010.	983

### MAPAS

Mapa 1: Localização do Município de Vitória da Conquista na Bahia, 2012.	
.....	

#### **Erro! Indicador não definido.4**

Mapa 2: Localização das Áreas de Estudo, Vitória da Conquista, Bahia, 2012	
.....	

#### **Erro! Indicador não definido.5**

Mapa 3: Equipamentos de Lazer do Parque Lagoa das Bateias, Vitória da Conquista, Bahia, 2012	130
--	-----

### TABELAS

<i>Tabela 1 Taxa de urbanização, por década – Vitória da Conquista – Bahia – 1940 – 2010.....</i>	72
---	----

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

EMURC – Empresa Municipal de Urbanização de Vitória da Conquista

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

URBIS – Companhia de Habitação e Urbanização

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 MEMÓRIA E PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DO ENTORNO DA LAGOA DAS BATEIAS</b> .....	25
2.1 TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS NAS BATEIAS.....	35
2.2 VIDA COTIDIANA E MEMÓRIA NO PASSADO DAS BATEIAS. ....	47
2.3 AÇÃO POLÍTICA E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO NA MEMÓRIA DOS MORADORES DAS BATEIAS. ....	55
<b>3 URBANIZAÇÃO E AVANÇO DAS RELAÇÕES CAPITALISTAS NO COTIDIANO DAS BATEIAS</b> .....	68
3.1 OS LOTEAMENTOS E OCUPAÇÕES, A CHEGADA DOS NOVOS HABITANTES.....	76
3.1 NOVOS BAIRROS E NOVAS EXPRESSÕES DE SOCIABILIDADE: A CHEGADA DA VIOLÊNCIA.....	87
3.2 A CONSTRUÇÃO DO PARQUE AMBIENTAL DA LAGOA DAS BATEIAS E AS MUDANÇAS NOS BAIRROS.....	96
<b>4 AS RELAÇÕES DE USO DO PARQUE AMBIENTAL DA LAGOA DAS BATEIAS: MANUTENÇÃO E APROPRIAÇÃO DOS SUJEITOS</b> .....	111
4.1 USO E APROPRIAÇÃO DOS DIVERSOS SUJEITOS NA ÁREA ESTUDADA: AS TRANSFORMAÇÕES ANALISADAS PELOS ENTREVISTADOS.....	113
4.2 MANUTENÇÃO DO EQUIPAMENTO: CONFRONTO ENTRE AS FALAS DOS MORADORES E AS DOS REPRESENTANTES DO PODER PÚBLICO .....	123
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	135
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	138
<b>APÊNDICE A:</b> Entrevista com o Secretário do Meio Ambiente.....	141
<b>APÊNDICE B:</b> Entrevista com Secretário do Lazer e Esporte da cidade.....	142
<b>APÊNDICE C:</b> Entrevista com o Coordenador do parque.....	143
<b>APÊNDICE D:</b> Termo de consentimento.....	144

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade, em sua perspectiva histórica, serviu de base tanto material, para a realização da estrutura social, quanto como cerne da divisão social, territorial e técnica de trabalho, que arquiteta o sistema produtivo em seu determinado tempo histórico, contraditoriamente sendo por esse também arquitetado. Com o processo de industrialização, segundo Sposito (2004), a homogeneização das relações sociais capitalistas intensificou a ideia de espaço enquanto mercadoria para suprir as necessidades do mercado mundial. O conteúdo do urbano, como afirma Lefebvre (2008), foi modificado, passando a apresentar um novo caráter ideológico, que absorve e impõe formatos que alteram o cotidiano das pessoas, gerando espaços segregados de convivência dos cidadãos. Assim, a cidade, reproduzida como mercadoria, legitima a segregação, na qual o cotidiano do lazer, as relações de trabalho capitalistas e o consumo por classe segregam e separam cada vez mais os habitantes. Nessa perspectiva, a proposta deste trabalho é pensar até que ponto o urbano, na especificidade da cidade Vitória da Conquista/BA, nosso objeto de estudo, avança em direção ao global, no sentido da absorção de certos estilos de vida relacionados às expressões artísticas e culturais hegemônicas direcionadas ao consumo. A nossa hipótese é a de que a produção do espaço urbano de Vitória da Conquista/BA que, a partir da década de 2000, viu seu crescimento em “pleno desenvolvimento”, através da construção de espaços físicos, tanto de moradia quanto de lazer e consumo de massa se estabelecer, coaduna com o modo de produção vigente.

Dessa forma, a presente pesquisa teve por meta resgatar, através da construção da memória dos moradores, o processo de ocupação do entorno do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias. Para tanto, utilizou-se a perspectiva teórica da História Oral, com o propósito de apreender os impactos causados no cotidiano dos moradores das imediações do Parque, dos Bairros Santa Cruz e Santa Helena. Tal perspectiva é viável, pois entendemos que é no local de desenvolvimento da vida cotidiana dos habitantes, seja no lazer, no trabalho, nas relações estabelecidas entre os vizinhos e nos lugares de significância das atividades humanas que surge o urbano inerente à cidade.

O processo não só de elaboração, como também de escolha do objeto de estudo, foi em consequência do que já vinha sendo estudado na graduação.

Contudo, no início do estudo foi elencado três áreas para estudo: Parque Ambiental Lagoa das Bateias, Avenida Olívia Flores e Praça da Juventude. Entretanto, como a pesquisa do mestrado tem um tempo relativamente curto, foi elencado somente o Parque ambiental da Lagoa das Bateias para o estudo.

No princípio foi estabelecido o contato com a primeira pessoa para ser entrevistada, e dessa maneira se estabeleceu uma rede com outros contatos, para elencar um número de pessoas para construir uma narrativa, que envolveria a construção de história de ocupação do bairro a partir das falas dos moradores antigos de como foi no começo do bairro até a construção do parque ambiental.

Primeiramente, o conceito de História Oral, que segundo Delgado (2010) estrutura-se da seguinte forma:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas individuais e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações da História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. *Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história de vida.* (DELGADO, 2010, p. 15, grifo do autor)

Nessa perspectiva, o presente trabalho, que segue a supracitada metodologia proposta para entendimento da realidade estudada, fundamenta-se nos depoimentos de moradores mais antigos estabelecidos na localidade. Portanto, a base deste trabalho são as entrevistas e as histórias de vida dos moradores. Buscou-se um primeiro contato para efetivação da entrevista. Após isso, estabeleceu-se uma rede de contato, por indicação de uma moradora, com os demais habitantes do local para efetivação das entrevistas.

Passado esse momento da pesquisa empírica, foi feita a sistematização das entrevistas com o intuito de elencar os principais pontos de discussão, uma vez que foram norteadores para elaboração da pesquisa.

Ainda no que se refere à parte empírica da pesquisa, foram feitas fotografias para constatação de como está a estrutura do Parque, como também para mapeamento dos equipamentos. Já no que se refere ao setor público administrativo, foram feitas pesquisas nas seguintes secretarias: Secretaria de Lazer Cultura e Esporte, que por sinal se mostrou muito disposta em contribuir para a pesquisa, e com a Secretaria de Meio ambiente, cujo atendimento foi feito pela técnica em meio ambiente, e não obteve nenhum contato com o secretário. O

Coordenador do parque foi também entrevistado. O arquivo público municipal também serviu de suporte para dar mais embasamento para a dissertação, no que se refere a comprovação de algumas falas dos moradores.

A articulação teórica entre memória e narrativa, a partir dos depoimentos levantados em campo, é de suma importância para a construção do texto. Alberti (2004) traz o seguinte conceito da narrativa:

[...] acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitida a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista. Ao contar suas experiências, o entrevistador transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. Esse trabalho da linguagem em cristalizar imagens que remetem a, e que significam novamente, a experiência é comum a todas as narrativas – e sabemos que algumas vezes é mais bem-sucedido do que outras (assim como algumas entrevistas de história oral são certamente mais bem-sucedidas do que outras). Mas talvez não tenhamos dado ainda a devida atenção para esse trabalho da linguagem nas chamadas “fontes orais”. (ALBERTI, 2004. p, 77).

Ao se fazer uma entrevista, com base nas histórias de vida dos habitantes, aparece, em suas falas, apresenta alguns aspectos, sejam as narrativas de histórias de vizinhos, os conflitos com o Estado e outros aspectos. Assim, ao analisar os dados empíricos, percebemos todo um movimento histórico e social que permeia não só o imaginário, como também as transformações ocorridas espacialmente.

Nessa perspectiva, para Benjamin (2012), as narrativas estão estreitamente ligadas às histórias orais:

A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre esses últimos existem dois grupos que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrado só se torna plenamente tangível se tivermos presente ambos esses grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrado como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 2012, p. 214)

A riqueza da oralidade na construção da narrativa demonstra o quanto, na construção do cotidiano, há diversidade de informações e estórias abordadas pelos



diversos sujeitos, que compõem a realidade estudada, oferecendo-nos substrato para compreensão e para uma análise apurada das transformações e imposições na produção do espaço estudado.

Ao sequenciar nessa perspectiva, a aproximação entre a memória e oralidade na construção da narrativa se dá da seguinte forma, segundo Portelli (1996):

O processo de transformação, o trabalho da consciência, manifesta-se na entrevista pelo fatigante trabalho da palavra. As interrupções, digressões, repetições, correções que caracterizam a narração de Máuri são procedimentos constitutivos da oralidade, graças aos quais o discurso oral se apresenta mais como um processo do que como um texto acabado. Estes procedimentos da oralidade põem em evidência o trabalho da palavra, da memória, da consciência. (PORTELLI, 1996. p. 6)

As relações entre narrativa e memória, nos meandros da História Oral, se dão pelo fato de que, ao requisitar às lembranças que norteiam a vida do entrevistado, há a construção de uma história que envolve as relações humanas no espaço. Contudo, vale ressaltar que essas memórias que aparecem nas entrevistas são selecionadas e sistematizadas a partir do que é definido como importante por parte do pesquisador, que as elenca de acordo com a finalidade e o interesse que cabe para explicitar o objeto estudado.

Para tanto, o conceito de memória que se aproxima desta pesquisa é o de “memória coletiva”, segundo Halbwachs (1990). Na perspectiva desse autor, a memória coletiva está intrinsecamente ligada à memória individual, ou seja, uma não está desassociada da outra:

Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos (não em aparência, mas realmente sós), cuja imagem não esteja no pensamento de nenhum conjunto de indivíduos, algo que recordamos (espontaneamente, por nós) nos situando a um ponto de vista que somente pode ser nosso? Ainda que fatos desse tipo sejam muitos raros, até mesmos excepcionais, fato que a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e talvez não explique por si a evocação a evocação de qualquer lembrança. (HALBWACHS, 1990. p 42)

Dessa forma, ao se pensar na construção de um passado, baseado nas lembranças dos moradores mais antigos, percebe-se como a construção e

estruturação espacial, na referida área, são compostas por uma complexidade de discursos que, ora se divergem e ora se convergem, e, no final, compõem a totalidade da construção espacial.

Para tanto, nesse momento busca-se uma categorização de conceitos norteadores de estudos da memória. Dessa forma, primeiramente daremos a compreensão de lembrança, conforme Halbwachs (2013, p. 90):

[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimos ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada.

O autor caracteriza a lembrança e sua atemporalidade. Contudo, mostrando a estreita relação com a memória individual:

Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referencia que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado do seu ambiente. (HALBWACHS, 2013, p. 72)

O autor elabora o processo de construção da memória, partindo do indivíduo. Entretanto, na construção da memória individual, através da lembrança, se tem, nas estruturas sociais, a base para a sua estruturação. Dessa maneira, caminharemos para o foco do conceito de memória adotado nesta pesquisa, associando memória à memória coletiva, de acordo com Halbwachs (2013):

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo. (HALBWACHS, 2013, p. 41)

Para o autor, a memória e a lembrança são tratadas de forma distinta, mas, ao mesmo tempo, estão intrinsecamente ligadas. A lembrança auxilia a memória de um passado no presente, todavia, esse passado é rememorado na memória individual, tornando-se coletivo quando marca um acontecimento vivenciado pelo grupo, ou seja, a memória coletiva, para ser efetivada, necessita da lembrança, que constrói a memória individual, e a mesma marca o coletivo.

Considerando-se o lugar como categoria de análise da memória, Nora (1993) afirma que:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões da eternidade. (NORA, 1993. p, 12)

Entretanto, as marcas que o lugar deixa do passado que já não mais existe, são testemunhas do momento histórico, cujas interpretações e análises de processos ligados à época são de suma importância para seu entendimento. Sendo assim, como o lugar é a ponte que liga os processos da memória e o cotidiano do lazer, para dar sequência às discussões que se sucederam nas análises mais adiante, é de extrema necessidade compreendê-lo.

Ainda com relação à metodologia dos trabalhos com História Oral, outra questão tem a ver com a responsabilidade no compartilhamento de informações contidas nas falas dos entrevistados. A esse respeito, Portelli (1997, p. 15) nos traz a seguinte orientação:

Nesse contexto, compromisso com a honestidade significa, para mim, respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos: compromisso com a verdade, uma busca utópica e a vontade de saber “como as coisas são”, equilibradas por uma atitude aberta às muitas variáveis de “como podem ser”. Por um lado, o reconhecimento da existência de múltiplas narrativas nos protege da crença farisaica e totalitária de que a “ciência” nos transforma em depositário da verdade. Por outro lado, a utópica busca da verdade protege-nos da premissa irresponsável de que todas as histórias são equivalentes e intercambiáveis e, em depositários de verdades únicas e incontestáveis.

Nessa perspectiva, a importância e o respeito com a fidedignidade dos relatos dos entrevistados nos colocam na incumbência da responsabilidade de construir uma narrativa, respeitando as falas, bem como inter cruzando os fatos em

diferentes pontos de vista. O objetivo é que a construção do texto seja a mais próxima da realidade narrada pelos moradores.

A cidade de Vitória da Conquista fica localizada ao sul da Chapada Diamantina, mais precisamente, no Território de Identidade<sup>1</sup>, sendo o município um grande influenciador e captador de recursos e investimentos. No modelo de urbanização que está sendo adotado no estado da Bahia, o município exerce forte papel regional sobre as demais cidades vizinhas, com uma população total de 306.866 habitantes, dados do IBGE, no Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010). Vitória da Conquista/BA, por ser uma cidade média que exerce grande expressão regional sobre as demais localidades, é alvo de investimentos na construção civil e no setor terciário.

Partindo da memória na perspectiva da História Oral e do estudo prévio das cidades médias baianas, percebe-se que Vitória da Conquista revela indícios de novas contradições. O centro e a periferia se redefinem, e seus usos se focam nas relações ditadas pelo modelo globalizante, sobretudo, no que se refere à concentração de investimentos em determinados setores com maior margem de lucro para os financiadores. Dessa forma, através da análise da memória cotidiana, objetiva-se entender como se configura o movimento dialético entre o que é local e o que vem de fora.

Logo, objetivou-se verificar quais são as consequências desse novo urbano que se sobrepõe ao que já existia e como isso relativiza os discursos de modernização e o desenvolvimento das socializações entre as pessoas. Ou seja, o que está por trás desse fenômeno? Será que não há um aprisionamento nos espaços segregados e uma diferenciação social entre quem frequenta cada um destes espaços públicos de lazer?

Cada vez mais, as ciências humanas têm o comprometimento de dar um suporte teórico e técnico para o entendimento das relações que se materializam no território. Nesse sentido, a presente pesquisa se justifica pela necessidade de maior compreensão da realidade, nesse caso, o estudo do cotidiano do lazer em Vitória da

---

<sup>1</sup> Com o intuito de fazer uma divisão regional na Bahia, que contemple as especificidades culturais e político sociais das diversas localidades do Estado, foram estipulados 27 territórios de identidade.

Conquista, no momento em que a urbanização é fortemente caracterizada por modificações na estrutura das relações capitalistas.

Partimos do princípio de que a cidade é um espaço de livre circulação da população para lazer, entretenimento e cultura, mesmo que na prática isso não se realize. Nesse sentido, urge a necessidade de se fazer um estudo mais aprofundado sobre qual é o propósito desse projeto-modelo de cidade. A pesquisa levantou questões importantes, com base na análise do cotidiano no urbano, pois esmiuçar o lazer no tempo do não trabalho em Vitória da Conquista. A ideia é trazer para esta pesquisa esclarecimentos sobre como se processa no espaço urbano a sua materialização.

No que se refere ao estudo do cotidiano do lazer, os trabalhos de autores como Pires (2008), Nasser (2001) e Carlos (2007) trazem um marco teórico referente ao lazer sob a égide da urbanização capitalista. Além disso, em outra pesquisa sobre urbanização e fragmentação do cotidiano na cidade de Vitória da Conquista/BA, foram elaboradas ideias iniciais sobre o tema, por Leituga (2012).

Esta dissertação teve como objetivo central analisar o processo do cotidiano do urbano na perspectiva da memória em Vitória da Conquista, pensando suas implicações face às mudanças ocorridas no processo de urbanização, como também a construção de uma narrativa da modernização do espaço citadino de acordo com a fala dos moradores locais.

Foram analisadas as formas de uso e a apropriação dos espaços urbanos, sobretudo aqueles voltados para o consumo do lazer, pelos diferentes sujeitos da cidade de Vitória da Conquista. Compreendeu-se o que alimenta a reprodução do cotidiano de Vitória da Conquista, enquanto uma cidade média. Foram investigadas as alterações da memória no cotidiano do urbano, produzidas pelo avanço da lógica capitalista atual, que é fortemente marcada pelo consumo, além de verificarmos os efeitos, na sociedade conquistense, da disseminação e expansão desse modelo de reprodução social.

O tema proposto para o estudo é relativamente novo, no caso das pesquisas sobre as cidades médias baianas. Percebe-se que ao se aprofundar nas discussões sobre o cotidiano do urbano, na perspectiva do lazer, pouco se tem de referencial teórico. Sendo assim, o trabalho levanta novas interpretações de como ocorre à reprodução do urbano, em função da perspectiva de análise das

contradições geradas nessa lógica, que vem com a intensificação da urbanização capitalista.

A dissertação foi estruturada em três capítulos, a partir das primeiras memórias dos moradores mais antigos, para saber como se configurava o referido espaço no passado na época de 1940, abordando as transformações ao longo do tempo até se chegar à década de 2010. Os conflitos com o Estado, e a chegada de novos moradores demonstram, não só a complexidade da produção do espaço urbano, como as relações de poder, como visto na construção do parque, que foi um projeto imposto pela Prefeitura, que não respeitou as vidas dos cidadãos locais, mas, que ao mesmo tempo, promoveu certa melhoria no acesso de alguns equipamentos urbanos que não existiam no local.

Dessa maneira, nos três capítulos foram trabalhados os resultados e as discussões na construção de uma narrativa que contemplasse o que as pessoas relatavam em suas falas, coadunando também com os teóricos que deram suporte para interpretação da realidade abordada pelos moradores.

Na elaboração do primeiro capítulo, foi dedicada maior atenção às entrevistas, à fala dos primeiros habitantes da Lagoa das Bateias. Algumas questões suscitadas por eles foram: como chegaram ao local? De onde partiram, e como se estabeleceram no espaço? Quais foram as dificuldades encontradas? Como foram desenvolvidas as relações socioespaciais por esses cidadãos? Como eram as relações com os demais vizinhos? Que fatos ocorriam no cotidiano por meio das festas? Quais foram os desafios e as dificuldades com as enchentes, por morarem em uma área bastante alagadiça?

Outra questão discutida tem relação com as obras antigas que foram iniciadas, não só para modificar a estrutura das Bateias, mas a atingir as terras dos primeiros moradores. Dessa maneira, foram destacadas as categorias mais comuns presentes nos depoimentos.

O trabalho é também apresentado na sua perspectiva ontológica, uma vez que nas falas aparece no passado enquanto associado à família, às atividades rurais e ao desenvolvimento das relações capitalistas, modificando-se e demonstrando o fenômeno da precarização e assalariamento dos moradores.

O segundo capítulo, pautou-se nas transformações que resultaram da intensificação da urbanização da cidade de Vitória da Conquista e das

consequências socioespaciais que esse fenômeno acarretou. O recorte histórico, adotado, seguindo as entrevistas, foi concentrado nas décadas de 1980 a 2000.

Esse passeio histórico pode ser situado, no primeiro momento, com a ocorrência de algumas mudanças. Dentre elas, o surgimento de novos bairros e, conseqüentemente, de novos moradores, o que acarretou em outras formas de sociabilidade, principalmente entre o final da década de 1980 e os anos 1990. Por essa via das transformações locais, chegamos à construção do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias, outra alteração abrupta no local. Dessa forma, em decorrência dessa nova obra, chegaram novos equipamentos urbanos, significando a melhoria de vida dos habitantes e nas relações cotidianas dos bairros.

A discussão desse capítulo se concentrou na urbanização e na mudança das relações cotidianas do local. Ou seja, na forma de pensar os novos moradores, tendo como perspectiva os projetos que nortearam o avanço do capitalismo na Bahia. Dessa maneira, ver o lugar com sua devida articulação, com os novos ditames globais, sem perder de vista suas especificidades.

Ficaram nítidas as nuances entre o passado, no qual a sociabilidade era pautada na lógica rural, e a atualidade, na qual a lógica urbana deu novos contornos às relações socioespaciais. Com isso, a marca da “modernização” é muito forte em Conquista. Trata-se da memória de um tempo cujas relações entre os sujeitos eram de outro conteúdo social, em que as portas das casas não eram trancadas e não se tinha muros para dividir os terrenos e de outro tempo que anuncia a chegada de loteamentos, de novos bairros e ocupações, onde se vê a expansão do capitalismo urbano.

Além disso, outro fator que começa a aparecer são as ocupações ligadas à luta pela moradia. Nessas referidas décadas, a cidade passava por um processo em que se constata uma grande quantidade de residências irregulares. Mesmo com a construção das URBIS, um projeto de habitação do governo baiano, os movimentos de ocupação e luta pela moradia também se manifestam no local estudado.

Com suas características específicas, as ocupações não partiram de nenhum movimento organizado, os boatos corriam pela cidade e as pessoas chegavam e instalavam-se no espaço. Dessa forma, esse processo acarretou na favelização da cidade de Conquista, com construções sem nenhum planejamento por parte do Estado.

Entretanto, os atos de violência, descrito pelos moradores, não partiam somente daqueles envolvidos no crime. O próprio Estado, representado pela Polícia Militar, em suas ações, proporcionou momentos de terror, conforme narrado nas entrevistas. As ações policiais, ao invés de levar a segurança, disseminavam o medo e a truculência. Os moradores eram caracterizados como bandidos, embora fossem, em sua maioria, trabalhadores.

O terceiro capítulo foi pautado na questão do uso e manutenção do parque ambiental. Dessa maneira, o foco foi à contemporaneidade do parque, sendo confrontadas as falas dos moradores com as dos representantes da Prefeitura.

De acordo com os moradores, o parque está abandonado, e não há projetos da prefeitura que os envolvam de forma eficiente, tanto na preservação, quanto em atividades que insiram a população no uso do equipamento de lazer.

Conforme entrevistas feitas com a Secretaria de Lazer e Esporte e Cultura da cidade, e também com a Secretaria do Meio Ambiente, que é a gestora do parque, como também com o coordenador do parque, existem não só políticas, mais algumas discussões de verbas públicas que venham a revitalizar a área, como: despoluição da nascente, dentre outras melhorias. Contudo, a análise dos relatos demonstra a distância entre os representantes do setor público e os moradores, que reconhecem as melhorias oriundas da construção do parque para as suas vidas cotidianas, mas, reclamam do abandono e da falta de compromisso para com a manutenção do equipamento de lazer.

Cada vez mais, a ciência e, especificamente a Geografia, tem o compromisso de dar um suporte teórico e técnico para o entendimento das relações humanas que se materializam no território. Nesse sentido, justifica-se a necessidade de compreender melhor esta realidade, no caso, o estudo do cotidiano do urbano em cidades médias, em um período em que a urbanização é fortemente caracterizada por modificações na estrutura das relações capitalistas, o que reproduz, no cotidiano, espaços de segregados, destinados em sua maioria ao consumismo.

Desse modo, passamos a apresentar as análises preliminares da memória do cotidiano do trabalho em Vitória da Conquista/BA, que de antemão, nesses dois capítulos, visam destacar o modo como as transformações abruptas no espaço geográfico vêm intensificando os ditames dos modos de produção vigentes,



não apenas na produção espacial, mas na forma brusca com que modifica o cotidiano citadino.

## 2 MEMÓRIA E PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DO ENTORNO DA LAGOA DAS BATEIAS

Neste capítulo, o estudo do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias tem como fonte as entrevistas feitas com moradores antigos desse local, que são a base da pesquisa. As entrevistas foram elaboradas sob a perspectiva metodológica e teórica da História Oral. A proposta foi construir uma narrativa que se concentrasse na abordagem das lembranças dos entrevistados sobre o processo de ocupação do entorno das Bateias, com os primeiros moradores, que se fixaram no local em meados dos anos de 1954. As questões estão centradas nas lembranças das relações cotidianas, na sociabilidade desses primeiros moradores, e suas respectivas histórias de vida. Desse modo, as entrevistas com os moradores mais antigos levantam informações sobre as dificuldades encontradas no processo de ocupação do espaço estudado. A partir desses dados, foram elencadas as categorias que mais eram comuns nas entrevistas.

Inicialmente, buscou-se saber como foi à chegada desses habitantes e quais foram os problemas por eles encontrados. No âmbito das relações cotidianas, por exemplo, aparecem, nas falas, relatos de enchentes, de trabalhos coletivos e de atividades festivas que envolviam os moradores. Há relatos, também, das primeiras ações do Estado com obras que iriam atingi-los. Desse modo, as discussões do capítulo estão pautadas nas transformações dos conteúdos sociais no Parque Ambiental da Lagoa das Bateias.

Na década de 1950, as atividades desenvolvidas no local eram: agrárias, plantio de hortaliças, criação de animais, tanto para a subsistência quanto para a venda no comércio local, com as produções das fazendas e a concentração de terras, e de acordo com a seguinte fala:

Foi na década de 1940. Então, nessa luta a gente foi e não deu certo lá, os meninos começou a adoecer lá na mata, ai pai pegou voltou e comprou aqui essa Bateia. Ai comprou aqui e a gente veio para aqui, e foi a mesma *luita*, de roça e de plantar, alface, coentro, cenoura e ai agora eu não ia para a fera eu ficava cuidando das roças né, as minhas irmãs essa Nicinha que ia para a feira vender.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida ao autor por Dona Luzia, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

As relações de trabalho estão vivas na memória dos moradores e presentes em suas falas. Acredita-se que no passado o trabalho era baseado nas relações familiares e fazia parte da educação das crianças e jovens, envolvendo familiares e vizinhos à época das festas e colheitas. E, em contrapartida, como o desenvolvimento das relações capitalistas, as relações de trabalho começaram a se transformar, através do assalariamento e sua precarização. Com as mudanças e com o avanço da urbanização da cidade de Vitória da Conquista, tem-se uma modificação abrupta no espaço estudado.

A presença dos políticos, tanto no passado, em meados das décadas de 1960 a 1970, quanto no processo de construção do parque ambiental é de suma importância. Essa questão é relevante para compreender o papel do Estado, e das suas intervenções, por meio das obras oferecidas à comunidade, demonstrando, segundo eles, interesse nas articulações, não só para perpetuar o poder, mas para deixar marcas nas memórias dos moradores locais e de todo o município.

Ao se entender o processo de expansão da malha urbana da cidade de Vitória da Conquista/BA e sua complexidade, tanto no que se refere aos incentivos do Estado em suas diversas esferas, como no incremento socioespacial Santos (1988), na vivência cotidiana, percebeu-se a necessidade de compreender como esses diversos sujeitos, que ocupam e se reproduzem no espaço das relações de trabalho, deixam suas marcas na história do lugar.

Analisar esse passado das Bateias nos leva à percepção dos movimentos migratórios ocorridos no Brasil. Na referida área de estudo, em uma escala mais regional, existem muitas histórias de moradores, que por dificuldades em municípios menores, foram “forçados” a migrar em busca de melhores condições de vida. Nesse momento, compreender de onde saíram alguns desses sujeitos entrevistados é parte da história da composição dos moradores da localidade, como na entrevista com José Ribeiro do Prado:

[...] eu sou de uma geração de quinze irmãos. Meu pai, Venceslau Ribeiro de Novaes, minha mãe, Maria Rosa de Oliveira, e nós moramos muito tempo ali em Itarantim, que era a antiga Nova Esperança não é, mais como a situação lá nos anos de 1954 né, anos muitos chuvosos, lá mata muito fechada lá né, lá em Itarantim, então meu pai, viu assim uma situação muito difícil, para que [...], com crianças pequenas e [...], achou muito difícil, residir naquele

lugar. Aquela situação de Febre Amarela mata muito fechada, aí meu pai resolveu vir para as Bateias.<sup>3</sup>

O trecho acima demonstra que as dificuldades enfrentadas levaram essa família a entrar no processo migratório em escala regional, em busca de melhores condições de vida. Contudo, sabemos que a produção do espaço urbano se dá de forma diversificada. Em outros casos, o que vem à tona é a necessidade de moradia.

No caso da moradia, o relato do entrevistado sobre o seu acesso à cidade demonstra que é muito difícil, por parte de quem não tem renda, comprar um terreno, para que lhe seja assegurado um teto no espaço urbano.

A entrevista com a Sr<sup>a</sup> Helena demonstra como foi a trajetória de sua família até chegar às Bateias, sendo ela nascida na cidade de Vitória da Conquista:

Eu nasci e fiquei na Av. Santos Dummont até os cinco ou seis anos de idade; não me lembro muito bem não. Daí mudamos para perto do posto de gasolina chamado Brasil, perto da Av. Frei Benjamim. Logo após mudamos para a Av. Ilhéus. Depois mudamos para a roça para o povoado chamado Espinhaço, retornou novamente para a Av. Ilhéus, depois para a Av. Serrinha e da mesma, o meu pai ganhou um terreno e construiu uma casa no entorno da lagoa e mudamos para as Bateias e na época, eu tinha onze anos.<sup>4</sup>

No caso dessa família, houve, como se vê, uma tentativa de retorno à zona rural, em busca de melhores condições de vida, como relata a entrevistada: “Quando fomos para a roça, fomos e voltamos, era mais divertido, só ficou seis meses morando lá.”<sup>5</sup> Percebe-se, nesse relato, qual é a complexidade da produção das cidades brasileiras, porque o valor do solo urbano nem sempre é condizente com à realidade dos cidadãos, o que faz com que muitos se lancem em um movimento migratório em busca de moradia.

A dificuldade também é expressa por dona Luzia, moradora e irmã de José Ribeiro Prado: “Foi na década de 1940. Então, nessa luta a gente foi e não deu certo lá, os meninos começou a adoecer lá na mata, aí pai pegou, voltou e comprou

---

<sup>3</sup>Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>4</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>5</sup> Idem

aqui essa Bateia.”<sup>6</sup> Essa fala coaduna com a do seu irmão, no sentido de trazer à tona as dificuldades sofridas pela família. Isso reflete o quadro social brasileiro, em que as pessoas, na luta pela sobrevivência, passam por diversas privações.

Os estudos e o levantamento dos dados feitos na pesquisa indicam que, no final da década de 1960 e início da década de 1970, tem-se início a uma primeira transformação do lugar conhecido como Lagoa das Bateias. Em entrevista realizada com uma moradora do local, a Sr.<sup>a</sup> Helena, obtivemos o seguinte relato:

[...] na década de 1968 e 1970 que cresceu a lagoa, porque só existia uma nascentezinha do Rio Santa Rita. Na segunda vez que Pedral foi prefeito de Vitória da Conquista, que teve a obra no local. Aqui só tinha dois carreirinho para passagem um do lado alto e outro do lado baixo, que colocamos o apelido de cidade alta e cidade baixa, tinha a parte da ladeira que era alto. Só existiam três casas e a do povo de Venceslau que concentrava em umas cinco a seis casas. Tinha cisterna que tirávamos água de sari.<sup>7</sup>

Já a moradora Neuma traz a seguinte fala:

Minha infância lá na lagoa das Bateias foi proveitosa né? Eu morando ali naquele local. Nós chegamos ali, lembro muito bem que era uma fazenda, naquele espaço tinha muitas coisas boas. Primeiro, tinha muitos gados, o pessoal cuidava do gado. passavam aquelas boiadas na frente da minha casa.<sup>8</sup>

Da década de 1970, o morador Paulo Cesar faz a seguinte descrição:

Aí, quando foi em 1973, a gente veio embora para Vitória da Conquista, aí a gente morou na Av. Piauí quatro anos, depois a gente comprou uma casa na Av. Macaúbas, no bairro Brasil. Na época, foi em 1977, quando nos fomos para essa casa. A Av. Macaúbas, era a penúltima rua do bairro, a Barreiras era a última rua, inclusive se chama a rua do Arame, porque do lado de cá, da Barreiras para cá era só mato, era essa baichona, que nós estamos aqui [...]<sup>9</sup>

A descrição do passado por esses moradores redundava na configuração dos formatos das cidades baianas, que na década de 1940 e 1950 eram ainda

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida ao autor por Dona Luzia, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

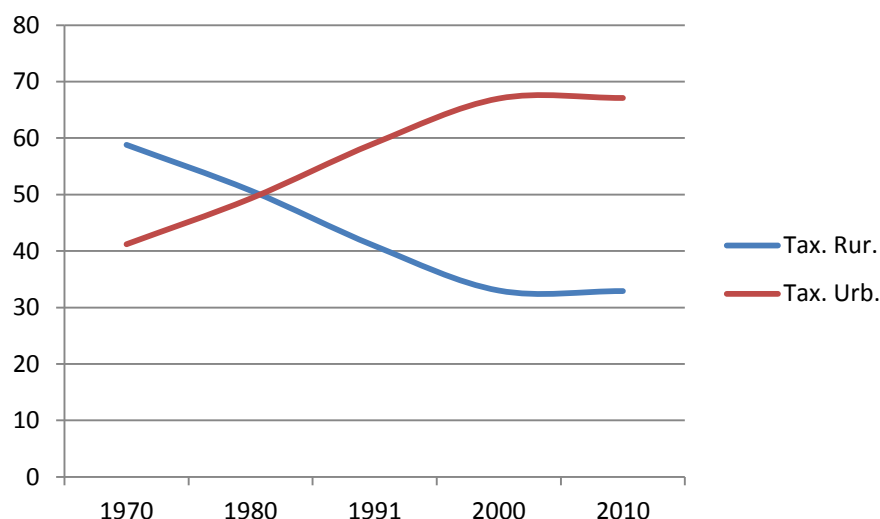
<sup>7</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>8</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>9</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

rurais, como demonstra o gráfico da taxa de urbanização e ruralização do estado da Bahia. Não só a concentração da população ainda era no campo, como também as cidades ainda eram de dimensões menores. Era caso de Vitória da Conquista/BA nessas referentes décadas, ainda rurais. É o que mostra o gráfico abaixo das taxas de urbanização e ruralização da Bahia.

Gráfico 1– Taxa de urbanização e ruralização na Bahia, 1970 - 2010



Fonte: IBGE 1970 - 2010

Dessa maneira, nas décadas de 1960 a 1970, 60% da população do Estado ainda vivia na zona rural, em condições de restrições ao acesso de saneamento básico, educação e dentre outros serviços para um bem estar e desenvolvimento social.

Entender o processo de apropriação e ocupação das Bateias, nessa época, demonstra que o conteúdo de seu passado era, basicamente, no formato agrícola do país: grandes propriedades concentradas nas mãos de grupos familiares. Isso aparece nas entrevistas, nas lembranças do passado por parte dos moradores. De acordo com as falas: “Tinha três fazenda a de Pedro Morais, que é aqui, a de seu Aloísio do outro lado e a o povo de Venceslau. Só tinha essas duas pessoas que eram donas daqui das Bateias”.<sup>10</sup>

Em outro relato, temos a seguinte afirmação:

<sup>10</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Eu nasci no ano de 1948, cheguei com seis anos de idade, né? Eu tenho pouco conhecimento, mais o pouco conhecimento que eu tenho, ali eu fui me criando, ali nas Bateias, ali eu fui aprendendo e fui vendo, e fui vendo, convivendo ali com as Bateias. Então, meu pai né, nós residimos ali até hoje nas Bateias. Ali não tinha aquele manancial de água. Ali, naquele centro ali, nós tínhamos um vizinho, ali ao lado direito, que era Pedro Francisco de Moraes, e também seu Aloísio quem tomava conta da fazenda dele.<sup>11</sup>

Seu Hermínio traz o seguinte relato:

Isso aqui não tinha lagoa, não tinha a lagoa aqui nas Bateias, né? Aqui era uma baixada, fazenda Bateias, né? Mais então, sobre lá [...], o alagamento lá da cidade, a serra que descia lá pelo centro, lá para o Verruga, eles cortaram aqui justamente, cortaram o valão e jogaram aqui nessa baixada. Não tinha [...], não tinha, aqui era só manga criatório, tudo não tinha esse negócio de lagoa não viu?<sup>12</sup>

Os relatos acima são esclarecedores, por mostrarem a composição e estruturação desse espaço no passado. De acordo com as lembranças desses moradores, a concentração de terra estava nas mãos de poucos e sua produção se deu com a ação e o trabalho dessas famílias. Para se ter uma ideia, na entrevista com o José Ribeiro Prado foi perguntado sobre a dimensão das terras de seu pai, seu Venceslau, e ele diz:

Então meu pai tinha ali. Quando, meu pai comprou as Bateias, nois tinha ali uma área de 110 hectares de terras, é o que dá cinco alqueiro e meio. Nós confrontávamos ali com a Cidade Serrinha, um bairrozinho que criou ali depois da lagoa. Então ali tinha Cidade Serrinha, próximo ali ao São Pedro, voltando perto de chegar ali, em Adelho, perto de chagar ali perto dos Campinhos, não chegava perto da Zabelê, mais do São Pedro. O São Pedro estava mais próximo de nós. E o São Pedro é hoje onde é a Cidade Serrinha, virou ali o Remanso ali o bairro Remanso. De um lado nois tinha ali Pedro Moraes, Pedro Francisco de Moraes do lado direto, e do outro lado a esquerda no sentido, nois tinha o aeroporto do nossa lado. Nois ficava num circulo ali, numa área de 110 metros de hectares, 110 hectares que é um total de cinco alqueiro e meio como eu te falei.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>12</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Hermínio Ribeiro do Prado, em 12 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>13</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

O tamanho da propriedade de seu Venceslau dá uma noção de como a apropriação do espaço se deu de forma desigual, no sentido de que a concentração de terra gerou a grandes consequências socioespaciais. Dessa maneira, essa característica, ainda no presente, é muito marcante no espaço agrário brasileiro. Mas na pesquisa nos ateremos a discutir o espaço urbano.

Refletir sobre o passado das Bateias, por meio do levantamento realizado nas entrevistas com os moradores, demonstra como se deu a apropriação desse lugar – de forma concentrada em certo momento, mas, com o desenvolvimento do capitalismo citadino, aconteceram alguns conflitos ligados à moradia. Dessa maneira, mesmo que no passado não se tinha, de forma contundente, o desenvolvimento das relações capitalistas, as contradições já afloravam no cotidiano desse lugar. Isso fica evidente com a concentração de poder no passado das Bateias. Vejamos o seguinte relato:

Seu Aloísio era um fazendeiro muito rico, sergipano e ele abatia esse gado lá juntamente com outros até de outras fazendas, ele tipo assim a união deles lá entre fazendeiros ai levava outro gado também de outros fazendeiros para ser abatido no matadouro. Seu Aloísio, ele tinha comércio aqui em conquista na feira livre naquela época, aí o gado era abatido lá e também levava para outras cidades pequenas.<sup>14</sup>

Figuras como o fazendeiro supracitado trazem indícios de como era a forma de apropriação do referido espaço. Os fazendeiros concentravam a maior parte das terras. A composição estrutural e paisagística das Bateias era basicamente rural.

Outra fala interessante da moradora Neuma demonstra o passado rural das Bateias:

Veja bem, lá nas Bateias era dessa forma mesmo, uma área rural, tinha essas fazendas com a criação de gado como eu relatei, também tinha a parte da cultura da agricultura rural, o plantio de hortaliças das famílias Prado de seu Venceslau, que foi nosso vizinho lá, ele tinha a cultura a família dele inteira, a cultura de fumo muito grande. Lá na época ele tinha a parte todinha para a produção do fumo mesmo, tinha o plantio, aí eles colocavam o processo de secar e fazia mesmo, prensava e vendia. Minha mãe, sábado, domingo, ia para a feira livre, ia para o mercadão, aqui de conquista,

---

<sup>14</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.



ali ao lado onde tinha os açougues, minha mãe vendia, rosas, cravos, muitas flores e vendia as hortaliças também e entregava no supermercado Super Lar, que era de seu Pedro Moraes o dono da fazenda. Ela entregava em duas lojas do Super Lar, que era a loja 11, naquela época do Super Lar, que hoje é o bom preço, atualmente o Bom Preço e era o Super Lar, que hoje é o Rondeli, ali era a central do Super Lar, minha mãe entregava todas as hortaliças lá.<sup>15</sup>

A descrição das atividades agrícolas que a entrevistada relata sobre a época das fazendas, com sua diversidade de plantio, o café, o fumo e outras atividades, nos dá a noção da riqueza e multiplicidade da época. O abastecimento de alguns mercados era muito forte com a venda não só de hortaliças, mas de outros tipos de plantio. O gado era abatido e levado para as feiras livres e mercados da cidade e também para outros lugares.

Em meio a todas essas ocupações das Bateias, surgem também, os relatos referentes às dificuldades vivenciadas pelos moradores mais antigos no passado. Como o terreno era muito acidentado, Segundo Faustino (1996) área se caracteriza como: “A micro bacia possui toda sua área com drenagem direta ao curso principal de uma sub-bacia, várias micro bacias formam uma sub-bacia. Possuem a área inferior a 100 km<sup>2</sup>.” (FAUSTINO, 1996). Sendo assim uma área de nascente, existiam problemas com enchentes. Há relatos de uma obra feita pela Prefeitura, cujo resultado foi o desvio da água que vinha da Serra do Periperi. Essa obra começou a causar transtornos aos moradores, porque aumentou o volume de água do local, e quando chegava à época da chamada “chuva das águas”, inundava muitas casas. Como relatam alguns moradores:

Quando Pedral fez essa obra, a lagoa encheu e pai fez um desvio da água. Tinha até o canal que pai abriu braçal para a água descer e quando enchia demais a gente tinha que mudar. Quando morávamos na casa mais embaixo perto da lagoa, que tinha 23m de comprimento com 10 de largura e a casa fica metade dentro da água e outra metade fora da água. Quando começou encher demais mudamos para aqui.<sup>16</sup>

O problema relatado pela moradora foi descrito por outros entrevistados, como na fala de Neuma:

---

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

[...] minha casa foi destruída, devido as muitas enchentes, muitas enchentes, porque a casa ficou ameaçada. Vou usar um termo “istorada”, meu pai era mestre de obra – pedreiro, ele sempre fazia reforma. Mais a casa, foi ficando “istorada” e nós estávamos correndo risco. Ai seu Pedro Moraes, achou melhor que nós fossemos para outra casa no mesmo terreno acima da lagoa também, que meu pai já fazia o plantio, desde cá dessa casa até lá na lagoa, era uma área bem extensa.<sup>17</sup>

A mesma entrevistada também diz:

Quando chegava a época das águas, foi uma coisa que marcou muito, meu pai ele chegava e falava assim: “Olha cuidado meninas, vocês ficam preparadas, porque está vindo a chuva forte de Janeiro está chegando, esta vindo as águas”. Na época das águas, nós estávamos naquela casa ali que tinha a parte da lagoa, aí minha mãe, a gente saía de noite, para ir pescar, minha mãe, minhas tias, pescavam dentro da lagoa de noite, minha mãe colocava uma bota, que se chamava galocha, meu pai e minhas irmãs, colocavam bota, com medo de bicho assim na água, tinha muito sangue suga, inclusive eu tenho marcas até hoje de sangue suga de besouro que picou minha perna e eu chegava e ia sem proteção na água, ai me picava e nascia feridas no meu corpo, que ficaram as marcas. A gente ia pescar, pescava com minha mãe, chegava de noite com minha tia e pescava. Pescava muita Traíra. Agora a gente tinha medo, porque meu pai falava, para preparar, porque tinha muita cobra e ele tinha muito medo, porque na época da enchente, a gente sofria muito, porque a água subia e invadia a minha casa e aí o povo ia os curiosos, para ver o que tinha acontecido com medo de a gente morrer ali, alagado, ali afogado. Perdemos erva doce, perdeu tudo porque veio a chuva e não teve como. Aí nós vivíamos felizes, mais ao mesmo tempo sobressaltados, porque quando era no período da chuva, tinha as inundações lá. Então, foi muita coisa, muita coisa forte, muita coisa marcante na minha infância, eu tenho muitas lembranças boas, mais tem muita coisa que marcaram que nos entristece também, mais a gente tem que aceitar as mudanças, aceitar a evolução, e guardar as lembranças boas.<sup>18</sup>

Outros moradores também falam das dificuldades vividas, principalmente com as enchentes:

Meu filho a gente sofreu com aquelas enchentes. A casa caiu, invadiu nossas casas. Um dia mesmo, eu lembro, a gente *tava* plantando um feijão, mais ou menos no rumo da casa de Tia Lú ali, só que dentro desse terreno aqui. Quando a gente escutou só foi o baque. Ai mãe falou assim: “misericórdia, foi lá em casa”. Quando a

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA..

<sup>18</sup> Idem.

gente chegou lá, a parede do meio da casa estava toda no chão. Mãe perdeu duas casas, com a enchente da água aí.<sup>19</sup>

Esses acontecimentos, que marcaram profundamente a memória desses indivíduos, encaminham-nos para uma reflexão em relação à produção do espaço urbano, em específico, de uma cidade média brasileira. Na escala local, estamos nos reportando a um recorte temporal, Vitória da Conquista, nas décadas de 1950 a 1970, era, basicamente, rural. A dimensão da problemática, que foi o processo de ocupação do espaço urbano citadino, explicita o mau planejamento urbano, que redundam na dificuldade para sobrevivência em situações difíceis.

Ter acesso à história de vida desses diversos sujeitos, suas trajetórias em busca de melhores condições de vida, remete-nos a pensar como as dinâmicas de um modo de produção excludente produzem realidades contraditórias e precárias. A ocupação em áreas alagadas é bastante comum devido à falta de planejamento. De acordo com a fala de um entrevistado:

Atingia sim, atingi sim, eu querido dizer assim, em comparação de volume de água, não é que não prejudicava, prejudicava sim, nós fomos prejudicados, agora a parte de água é mais do lado de Pedro Moraes, mais nois tinha muita água para o nosso lado, que inclusive, a sangria da lagoa a vasão da lagoa, do manancial, ela passava dentro da terra do meu pai, entendeu, porque ela fazia aquela [...], uma bacia, a lagoa é na forma de uma bacia, por isso que chama Bateia, mais a parte do [...], da sangria da lagoa ela fazia parte, toda do terreno do meu pai.<sup>20</sup>

Vale ressaltar que a área ocupada faz parte de uma sub-bacia hidrográfica, e as mudanças ocorridas com a obra, um canal de desvio de água da chuva da Serra do Periperi para as Bateias, aumentou o risco de enchentes. Fica claro como a ocupação urbana mal planejada incorre em riscos para moradia, o que revela a falta de preparo e gestão por parte do administrador público.

A história da produção socioespacial das Bateias no imaginário dos moradores antigos, demonstra as especificidades da construção da referida realidade estudada, bem como as lutas diárias desses moradores em busca de melhores condições de vida. As mais variadas situações levaram as pessoas, em

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

<sup>20</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

suas trajetórias pela necessidade do habitar, a imprimir suas marcas no que se refere à memória no cotidiano desse lugar, como as figuras de seu Venceslau, Pedro Moraes e Aloisio, grandes proprietários, que chegaram com suas famílias no espaço, em meados da década de 1940, e que, a partir do trabalho, começaram as transformações da referida realidade. Ao pensar o trabalho enquanto motor da sociedade capitalista, e como formador social na composição das relações do ser humano no espaço, a partir das entrevistas, percebe-se como ele foi um dos fatores determinantes na estruturação da vida desses sujeitos entrevistados.

## 2.1 TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS NAS BATEIAS

Ao longo da história da humanidade, o trabalho sempre vem acompanhando o desenvolvimento das relações sociais. Não muito distante desse significado, ao se deparar com as memórias dos moradores das mediações do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias, evidencia-se como o trabalho acompanha todas as transformações ocorridas nesse espaço geográfico.

Nas décadas de 1940 a 1970 na área estudada, pode-se perceber a estreita relação entre o desenvolvimento do trabalho agrícola e algumas formas de precarização. Nessa mesma perspectiva, outro fator é o contraste entre as relações desenvolvidas no local e as imposições do modo de produção vigente.

As memórias evocadas nas entrevistas, nesse momento, servirão para destacar o modo como o trabalho foi se desenvolvendo, coadunando com as implicações e as imposições capitalistas no crescimento urbano de Vitória da Conquista/BA. Ao analisar as falas dos sujeitos que compõem essa realidade, é possível observar que o trabalho caminha, no passado, em uma óptica familiar, dentre outras características que aparecem nas entrevistas. Por outro lado, com o passar do tempo, em alguns casos, essa dimensão do trabalho se reduz, ocorrendo o processo de assalariamento e precarização.

Os fatos narrados são de extrema emoção, quando se passa a compreender que o trabalho deixa suas marcas no processo de formação do ser, se compreendido na sua ontologia. A perspectiva teórica, no que se refere ao trabalho, tem sua base em Lessa (2002), que o estuda no plano ontológico, ligado à totalidade em que o homem, através do trabalho, transforma a natureza em bens necessários ao desenvolvimento social. O que é diferente do trabalho alienado ou, especificamente, capitalista assalariado.

Na sequencia, um dos aspectos desse processo de dominação do capital sobre o trabalho diz respeito à precarização, que se dá em duas dimensões, na objetiva e subjetiva, como afirma Alves (2009, p. 189):

A base objetiva da precarização do trabalho se caracteriza pela intensificação (e a ampliação) da exploração (e a espoliação) da força de trabalho, pelos desmontes de coletivos de trabalho e resistência sindical-corporativa; e pela fragmentação social nas cidades em virtude do crescimento exacerbado do desemprego em massa.

Já no subjetivo se tem: “Por isso, salientamos a importância de aprendermos a precarização do trabalho enquanto “experiência vivida” e “experiência percebida” de individualidades pessoais da classe do proletariado”. (ALVES, 2009, p. 189)

A compreensão dessa problemática vivenciada pelo trabalhador nas cidades capitalistas intensifica-se com o processo de reestruturação do sistema produtivo nas décadas de 1980 e 1990. Com a implementação do neoliberalismo no Brasil (ALVES, 2009), a classe operária sofre espoliação, quer em seus direitos e acesso à dignidade, como também no sentir, ao perceber a diminuição e acesso aos direitos básicos para a sobrevivência. Isso é percebido em algumas entrevistas que relataremos mais adiante.

Para Antunes (2007, p. 1), a precarização coaduna na mesma lógica anterior. O autor elenca alguns elementos desse fenômeno:

Dentro desta contextualidade, pode-se constatar uma nítida ampliação de modalidades mais desregulamentadas, distantes da legislação trabalhista, gerando uma massa de trabalhadores que passa da condição de assalariados com a carteira para trabalhadores sem carteira assinada. Se nos anos 1980 era relativamente pequeno o número de empresas de terceirização, locadoras de forças de trabalho de perfil temporário, nas décadas seguintes esse número aumentou significativamente, para atender a grande demanda por trabalhadores temporários, sem vínculo empregatício, sem registro formalizado.

A análise da reestruturação produtiva imposta pelo capital coaduna com a realidade narrada pelos moradores. Entre as décadas de 1980 e 1990, é percebida a informalidade do trabalho, dentre outros aspectos que aparecem nas falas dos habitantes do local.

Dessa maneira, nos relatos dos descendentes do antigo morador, o Sr. Venceslau Ribeiro de Novaes, nas lembranças de filhos e netos, é muito marcante

notar o trabalho enquanto processo educativo e formador de sua família, como mostram os relatos:

[...] como nós éramos uma família grande, e somos ainda, uma família grande, meus pais sempre usou *nois* assim, como os trabalhadores da roça. Aí *nois* plantava mandioca, meu pai plantava muita mandioca, tinha casa de farinha, e meu pai também tinha uma rancharia.<sup>21</sup>

Já em outro relato, sua irmã diz o seguinte:

Na roda de mão, e naquela *luita*, lavando roupa. A gente lavava fora com uma trouxa de roupa desse tamanho grande na cabeça, e quando chegava em casa colocava para secar, para aguentar para chegar em casa. Quando chegava em casa a gente ia pegar algodão, enfiar a linha e remendar as roupas. Depois, a gente ia cortar a cana, fazer mel, rapadura e depois a gente voltava e ia cuidar desses meninos. Mãe pegava e botava a gente para ir par a roça para capinar, roçava o mato para fazer cinza, pegava banha para fazer sabão.<sup>22</sup>

Outro entrevistado da mesma família revela:

Era bom, moço, naquele tempo, tempo bom né? Todo mundo cuidava de seus filhos, de *suas criação* de *suas rocinha*, de seus criatório né? Enfim, era tudo bom. Isso foi na data de 1958, de 1952 pra cá. Em 1952 compramos aqui, e já foi todo mundo trabalhando.<sup>23</sup>

Essas três falas demonstram como o trabalho na formação da família era fator primordial para o desenvolvimento das atividades agrícolas e para o sustento dos familiares. Dessa forma, é percebida uma característica do trabalho não capitalista: não existia o assalariamento para as atividades na fazenda.

Outro fator interessante é a perspectiva da divisão sexual do trabalho, em que as atividades feitas pelos filhos só se restringiam ao labor braçal. Já na fala da filha, aparece o trabalho doméstico e o cuidado com os irmãos mais novos, que era atribuído somente às mulheres. Isso fica claro na fala de dona Luzia:

---

<sup>21</sup>Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>22</sup>Entrevista concedida ao autor por Dona Luzia, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>23</sup>Entrevista concedida ao autor por Sr. Hermínio Ribeiro do Prado, em 12 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

[...] a gente veio para aqui, e foi a mesma *luta*, de roça e de plantar, alface, coentro, cenoura e aí agora eu não ia para a feira; eu ficava cuidando das roças né? As minhas irmãs, essa Nicinha que ía para a feira vender. Então, a gente foi naquela luta, naquela luta, depois as *meninas casou*, a Lurdinha casou, a Helena casou, Nicinha, que é a mãe dela e eu, fiquei *veona* aqui dentro de casa. Fui casar com quarenta anos de idade, tudo na luta.<sup>24</sup>

O labor feminino evidencia essa referida divisão sexual do trabalho. No caso da dona Luiza, é muito forte em sua fala, relatada nas conversas da entrevista, o drama de ter se casado aos 40 anos de idade. Ela era condicionada a esse trabalho familiar, não só na roça, como também no auxílio à mãe e no cuidados dos irmãos; o que a fez adiar seus sonhos de juventude. Nessa perspectiva, Montali (1998, p. 59) elucida que: “a divisão sexual do trabalho, definida pelas representações das atribuições da mulher em relação à família”. A autora demonstra o papel da mulher na divisão social do trabalho; e isso fica claro na fala de entrevistada, ao falar dos seus afazeres no labor familiar.

A complexidade com que as diversas sociabilidades nortearam a produção espacial desse lugar aponta outro fator interessante: o trabalho também era pedagógico e, por essa via, cruel para as crianças. Segundo uma entrevistada:

A convivência aqui era boa, mais ao mesmo tempo tinha as desavenças, porque era tudo aberto, todo mundo plantava a mesma coisa, mais um tinha que ir lá e pegar o que é do outro. De plantação era boa, a gente plantava café e limpava no pilão para vender, depois a gente torrava o pra beber. Painho plantava um pouco de arroz e a gente limpava tudo no pilão. Sim, tem uma coisa da minha infância que eu vou contar para você. Minha mãe teve seis filhos, sete com um que ela tomou para criar. Ela ia para a feira e deixava *esses meninos tudo* comigo. Eu, para fazer almoço para eles, ficava em cima de um pilão, para dar no fogão, porque naquela época você sabe era tudo difícil, era tudo, era no sacrifício. Água a gente tirava da cisterna, lenha a gente tinha que ir buscar. Ia buscar lenha *mais* vizinha, chorando. Tinha que ir lá onde é o aeroporto hoje para ir buscar lenha. Aí chegava, tinha que tomar banho, era para esquentar no *fugão*. Não tinha *choveiro*, não tinha energia, não tinha nada. Então eu achei minha infância muito boa. Tenho saudade, porque os meninos não sabem bem o que é isso não é?<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup>Entrevista concedida ao autor por Dona Luzia, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>25</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

Segundo as dificuldades relatadas pela entrevistada, que já na sua infância teve a obrigação de cumprir tarefas árduas, como cuidar dos irmãos, da casa, e também do trabalho na roça, condiz com a história da sua tia, dona Luiza, que também cuidava dos irmãos mais novos. Mesmo considerando que o trabalho infantil fizesse parte da formação familiar, isso não privava as crianças das brincadeiras, como ela própria diz: “Então a gente trabalhava muito até meio dia. De meio dia para a tarde, a gente ia brincar”.<sup>26</sup>

Perceber as complexidades das relações de trabalho na formação social das Bateias revela as modificações socioespaciais oriundas nesse espaço.

As filhas do Sr. Pedro relatam um pouco do passado e da associação com um trabalho tipicamente rural, como é explicitado por uma delas, no trecho abaixo:

Meu pai plantava para vender na feira: ele plantava arroz, plantava batatinha, cenoura, e quando era no tempo da enchente perdia tudo. Na plantação ele pagava gente para trabalhar. Só na época de olhar o arroz que nós olhávamos e era dividido da seguinte maneira: quem olhava pela manhã estudava à tarde, e quem olhava à tarde estudava pela manhã.<sup>27</sup>

Já outra irmã diz:

[...] antigamente, na lagoa, meu pai pescava, também para nossa sobrevivência. Meu pai comprou muitos livros para a gente com recursos da pesca. Plantava as hortaliças. Ele era um produtor de flores e hortaliças, e como eu falei; de urucum, erva doce e outras hortaliças e *outras coisa*, plantava também arroz. Teve uma época também que ele criou muitas aves, muitas galinhas e patos e cuidava de bois para Seu Pedro Moraes, para levar para exposição aqui. Mas, ele pegava esses peixes e vendia lá mesmo, as pessoas já reservavam. Ele jogava tarrafa e ía na lagoa na canoa, pescava e matava aves, umas aves que tinha lá, pato e *essas coisa*. Só que esses peixes, ele levava para a feira e comprava livros para a gente.<sup>28</sup>

Essa realidade agrária, no passado, compõe os modos de sobrevivência dessa família, que se pautava na produção e venda dos produtos para abastecimento da feira da cidade. Nos momentos de picos da produção havia uma

---

<sup>26</sup>Idem

<sup>27</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>28</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.



necessidade de incorporação de trabalhadores para ajudar na colheita, mas no geral, o que perdurava era o trabalho familiar. Atividades como a pesca também eram praticadas pela família para garantir o sustento. Elas relatam que o dinheiro que entrava com esta atividade pagava, também, o material escolar dos filhos.

Traçando um comparativo entre essas duas famílias, percebe-se que, na primeira, o pai criou os filhos inserindo-os, basicamente, no trabalho, e no caso da segunda, além do trabalho, a escola esteve muito presente no seio familiar.

As entrevistas demonstram que essa multiplicidade fez parte do passado das Bateias. As especificidades das trajetórias e as histórias de vidas de cada entrevistado compõe a coletividade do imaginário social desse referido lugar. Na seguinte fala é possível captar as marcas desse passado rural:

A convivência era boa. Agora criança naquele tempo [...] eu mesmo não trabalhava, eu ficava olhando meu pai trabalhar. Às vezes eu ia para a roça, pegava em uma enxada, mais não fazia muita coisa não, porque sabe como é [...] eu era pequeno, mais eu sempre ajudei meu pai muito. Quando eu era muito novo eu não aguentava, eu tinha nove para dez anos. Aí, nessa época que eu ia para a roça com ele. Mais eu gostava muito de andar com ele, tinha boa convivência com meus irmãos, com a família, com amigos, com tudo.<sup>29</sup>

Nesse caso específico, a relação de aproximação com o trabalho do entrevistado, em sua infância, não se compara com a família do Sr. Venceslau, porque o Sr. Paulo Cesar só acompanhava seu pai nos serviços na roça, mas não com o compromisso de ter que trabalhar para ajudar na renda da família. Dessa maneira, a relação com o labor, quando criança, se dá de forma pedagógica, pois ao fazer companhia para seu pai, ele apreendia a importância e o valor do trabalho.

Outro fato interessante, que merece espaço, é o relato feito por uma moradora, sobre uma atividade clandestina, realizada por um fazendeiro da época:

Tinha um abatedouro lá. Porque tinha o matadouro municipal, mas tinha o abate de gado clandestino, tinha o abate de gado clandestino e colocava esse boi e ia normalmente para a feira. Eu ficava; eu e meu outro irmão. A gente ficava na cerca, a gente subia na cerca para ver o abate.

Seu Aloísio era um fazendeiro muito rico, sergipano e ele abatia esse gado lá juntamente com outros até de outras fazendas. Ele, tipo

---

<sup>29</sup>Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

assim, a união deles lá entre fazendeiros aí levava outro gado também de outros fazendeiros para ser abatido no matadouro. Seu Aloísio ele tinha comércio aqui em conquista, na feira livre naquela época, aí o gado era abatido. Lá também levava para outras cidades pequenas. Ele vendia aqui para a cidade e também para outras cidades. O gado era abatido. Dava machadada na cabeça, às vezes era de rifle. Atirava com o rifle e também quando saía com a carne, era colocado em um carro. Eles jogavam folhas de árvores, de uma árvore que não sei se você conhece por nome de madeira nova, eles jogavam *bastante* folhas de árvores por cima, e era uma coisa chamada “marra” - abate clandestino. Aí eles saíam rápido, rápido. Abatia o gado e saía rápido. Era chamada marra, porque não era uma coisa normal, uma coisa liberada, aí era feito uma marra, eles falavam por o nome de marra, porque era uma coisa oculta, não era liberada para ser aberta que dava problema. E as vísceras dos bois já tinham pessoas, vinham as mulheres para pegar, eram as chamadas “fateiras”, inclusive na minha família do meu pai, pessoas já pegavam aquilo ali *pele um* preço bem mínimo e levava para casa. Aí esse processo era feito na casa da pessoa, quando ele saía com a carne, pegava essas vísceras, como é chamado, o bucho, aquela coisa toda e levava para casa para limpar na casa da pessoa.<sup>30</sup>

A atividade clandestina do abate de gado, descrita acima, traz outra especificidade das Bateias: um fazendeiro poderoso, Seu Aloísio, que tinha capital para escoar sua produção, almejando aumentar sua forma de lucro e também abastecer outras cidades. Entretanto, ela era fonte de renda para outras famílias, porque, de acordo com o relato da entrevistada, alguns familiares sobreviviam da compra das vísceras para revenda - as chamadas “fateiras”.<sup>31</sup>

Nesse momento histórico, o que se percebe das relações de trabalho estabelecidas nas Bateias, é que elas caminham entre o estreitamento dos laços com o capitalismo e, ao mesmo tempo, se distanciam dele. Isso é percebido quando, nos relatos dos entrevistados, aparece o conteúdo familiar como formador social do trabalho, em contrapartida ao processo de contratação de pessoas para ajudar na colheita e revender na feira livre da cidade, para ajudar no sustendo das famílias, ou seja, verificamos a existência de duas relações de trabalho distintas.

Com a intensificação e imposição do capital na cidade de Vitória da Conquista/BA, surge um indício de mudança no quadro do trabalho no local. Ou seja, das atividades praticamente agrícolas passou-se, paulatinamente, para uma

---

<sup>30</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>31</sup> Mulheres que compram as vísceras dos bovinos depois do abate, para revender em feiras livres.

forma capitalista de trabalho, com o processo de assalariamento de alguns moradores até à precarização, com trabalhadores se inserindo no setor informal.

A fala de uma das moradoras, transcrita abaixo, coaduna com essa perspectiva de diversidade que compõe a estrutura social das Bateias. Ela conta como se iniciou no trabalho:

Quando comecei a trabalhar, eu comecei, ajudei mais meus pais. Fui trabalhar na zona rural também, não trabalhei na zona urbana não. Trabalhar na zona rural era muito difícil. Para ir só tinha carro na sexta-feira. Para vir da roça para aqui, e voltar na sexta-feira para a roça. Ficava a semana toda na roça e só voltava final de semana aqui. Passa a manhã e de tarde, senão, tinha que pagar um carro para levar. Pagava um carro para levar na segunda-feira de madrugada, me levava. Entrei na onda de trabalhar mesmo, e querer trabalhar para ajudar meus pais. E fui... Fiquei... na zona rural chora muito, porque quem estava acostumado a viver na zona urbana, para ir para zona rural é difícil. Não tinha água, não tinha energia, não tinha transporte, mais eu pedi muito Deus para eu conseguir ficar na zona rural, aí fiquei. Hoje tenho 35 anos de zona rural.<sup>32</sup>

No trecho acima, a moradora descreve as dificuldades de trabalhar na zona rural, tais como locomoção, carga horária excessiva de trabalho e a dificuldade de se adaptar, no início, uma vez que isso representou uma mudança abrupta em sua vida. Ela trabalhava como professora e se tornou assalariada, modificando o quadro do trabalho no lugar. Sua irmã também seguiu a mesma profissão: “Em 1986, eu concluí o magistério e nesse período eu já comecei a trabalhar, já começou a transformação a partir daí”.<sup>33</sup> No caso dessa família, a transformação na relação de trabalho se deu na inclusão no sistema educativo, trabalhando como professoras na zona rural.

Um pouco mais do seu relato:

[...] o seguinte, eu desde os vinte e cinco anos, eu entrei como profissional como motorista. Aí eu, fui trabalhar na empresa Viação Itapemirim, depois eu pedi demissão e saí, voltei e trabalhei mais um pouco de novo nas Bateias. Depois que eu saí de lá, fui trabalhar mais como um autônomo, como autônomo até hoje, estou aí como autônomo. Quando eu constituí família, eu criei uma responsabilidade em cima de mim, que aí o trabalho ia ser mais árduo né? Aí já vem filhos, eu gerei três filhos. Aí, às vezes eu

---

<sup>32</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>33</sup> Idem

trabalhava no sítio, nas hortaliças, e também na Itapemirim. Nas horas de folga, ía lá trabalhar nas hortas. Mais aí eu fiz uns cursos lá na empresa, na Viação Itapemirim no ano de 1979, que eu entrei no dia 21 do junho de 1979, então fiz uns cursos lá para eu orientar motoristas. Esses cursos de relações humanas no trabalho e comunicação e direção defensiva e os outros que estão aqui nos certificados, e aí eu conduzi esses ônibus aí por dez anos. Eu entrei, em 1979 e saí em 1989. Foi uma coisa boa, porque foi uma experiência, também em outra área de trabalho né? Profissional, como motorista.<sup>34</sup>

Outro vizinho, por sua vez, fala o seguinte sobre o trabalho:

Na minha juventude, meu pai criou a gente no trabalho, *nois* não tinha liberdade como tem agora. Era trabalhar, acompanhar o velho. Tinha muito filho, *nois* tinha que trabalhar para ajudar, porque só tinha a nossa família, de gente irmão. *Nois* era tudo irmão, eu sou o segundo, então minha infância, fio, essa só no trabalho. Não tive infância, não tive juventude, não tinha regalia, era só no trabalho. Hoje até uma coisa que sinto, nem estudo eu tive, porque na época, nessa época que vimos para aqui, eu já tinha a idade de 22 anos.<sup>35</sup>

A fala retrata como a influência, do pai, rigoroso no que se refere à formação do trabalho, impediu sua entrada na escola, já que ele próprio deixou a escola de lado para se dedicar somente ao trabalho. Observa-se, nesse sentido, a baixa escolaridade na família de Venceslau.

Uma questão interessante é o fato de, entre essas duas famílias, haver algumas trajetórias que partem, fundamentalmente, da influência de suas formações. No primeiro caso, o índice de escolaridade é ótimo para a realidade que o país convivia na época, e, no segundo caso, muito baixo, como a entrevistada explicita:

[...] é o seguinte, meus pais, principalmente da parte paterna, minha mãe sempre esforçou assim, não que meu pai não esforçou claro, foram os dois que esforçaram. Mais, meu pai era mais ligado ao trabalho, o negócio do meu pai era trabalho, trabalho, trabalho... [risos]. Agora o estudo nosso foi pouco, foi pouquíssimo, o negócio do meu pai era trabalhar e sujeitar mesmo o trabalho, entendeu? Era o trabalho da roça, *mais* eu estudei, nós estudamos no seminário né? Não tinha aquele negócio de Paulo VI, não tinha aquela [...], entendeu, aqueles, os Capuchinhos ali, nós estudamos ali. Eu fiz até a quarta série primária. Naquele tempo, falava quarta série primária.

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>35</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Hermínio Ribeiro do Prado, em 12 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Teve outro que acho que fez até Admissão, Jasmiro, mas o nosso estudo foi pouco. Meu pai direcionou mais ao trabalho né?<sup>36</sup>

Já a outra fala diz:

Teve uma época também que ele criou muitas aves, muitas galinhas e patos e cuidava de bois para Seu Pedro Moraes, para levar para exposição aqui. Mas, ele pegava esses peixes e vendia lá mesmo, as pessoas já reservavam, ele jogava tarrafa e ia na lagoa na canoa, pescava e matava aves, umas aves que tinha lá, pato e essas coisa. Só que esses peixes, ele levava para a feira e comprava livros para a gente. Minha irmã mesmo, Neusa, ele pagou faculdade através de pesca ele foi juntando o dinheiro para pagar a faculdade de minha irmã Neusa, a mais velha que fazia faculdade de Letras, faculdade de professores, foi a minha primeira irmã.<sup>37</sup>

Nas duas falas, entendendo a proximidade das relações de trabalho estabelecidas nas Bateias e sua relação nos grupos familiares, fica demonstrado que a educação ficava em segundo plano. Contudo, com uma pequena diferença, o pai da segunda fala coloca também a escola como elemento de importância para a formação de seus filhos, o que resulta no ingresso da filha mais velha em uma instituição de ensino superior.

As atividades agrícolas também sofreram algumas transformações. Em um dos depoimentos vem à tona o seguinte: “[...] eu tinha um projeto lá de irrigação, era automático, você batia o dedo e ela ligava sozinha”.<sup>38</sup> Portanto, as atividades ligadas ao cultivo, que sempre foram presentes na localidade, sofreram uma alteração e, de certa forma, se “modernizam-se”, para atender novas demandas impostas na lógica da produção agrícola. Nesse momento, outra característica que começa a compor a realidade da área estudada é a precarização do trabalho, como é percebido no próximo depoimento:

Aqui eu trabalhei assim, que você sabe quando a pessoa é mais criança, é mais assim nessa área de picolé né? Vender picolé. Eu mesmo trabalhei quando era menino, e vendi muito amendoim, para ajudar meu pai, eu vendi muito. Andava na rua aqui, só você vendo, dez onze horas da noite, estava nas ruas vendendo amendoim, *pra* ajudar ele né? Porque meu pai também vendia, ele mexia com essas

---

<sup>36</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>37</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>38</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

coisas na época. Até ele arrumar um emprego assim de vigia, e foi trabalhar de vigia. Aí quando ele conseguiu esse tipo de emprego, eu fui me virar sozinho, fui trabalhar no centro da cidade. Trabalhei no terminal de ônibus ali, na faixa de 1990, até 1996, foi ainda trabalhava lá no centro. Vendendo picolé, trabalhava no carrinho de doce. Isso sempre foi lá, eu vivi a minha infância de trabalho toda lá, pra ajudar ele. Com carrinho de picolé, carrinho de doce, e assim, carrinho de amendoim, carrinho de pipoca. Foi toda lá, a minha infância, toda lá nesse centro da cidade de trabalho. Aí de lá, eu consegui, depois na faixa de 1995, já tinha quinze anos, dezesseis anos, aí arrumei um emprego.<sup>39</sup>

Em outro relato se tem a seguinte fala:

Eu comecei a trabalhar na feira, pegando carrego, aí depois fui trabalhar numa alfaiataria, naquele tempo trabalhava de auxiliar na alfaiataria. Aí, todo dinheiro que eu pegava eu dava para a minha mãe, às vezes a gente comprava pão, antigamente eles vendiam os *pão pra* gente, fiado, o bolachão, a gente usava muito bolação, naquele tempo que era mais barato. Aí a gente ajudava minha mãe, e minha irmã mais velha. Ela ensinava o mobral, não sei se você já ouviu falar do mobral. Ela ensinava o mobral. Recebia, mais era uma dificuldade para receber, pagava um mês, tinha *três atrasado*, aí ela ajudava a manter a casa.<sup>40</sup>

Pensar na perspectiva do trabalho capitalista, suas implicações na vida dos diversos sujeitos, submetidos à lógica excludente das cidades brasileiras, é ver como a população de baixa renda está submetida à precarização. Ao analisar uma criança, que para ajudar no sustento da família, comercializa “picolé” e amendoim no centro da cidade, perambulando pelas ruas, já se percebe que sua infância está relacionada ao trabalho e a preocupações que não deveriam ser as suas. Continuando nesse relato, quando ele avança para sua adolescência, também continua sendo explorado, só que por uma empresa da cidade:

Fui trabalhar de vigia, criança, menino, ó para você ver, uma pessoa com quinze anos enfrentar uma barra para trabalhar de vigia. Eu vou falar para você, tinha que ter coragem, eu trabalhei de vigia, no meio da rua! Lá no Caminho do Parque. Trabalhei no Caminho do Parque, um ano e meio de vigia. Aí, eu tive que lutar muito, desde quando eu comecei a trabalhar de vigia, eu consegui, na mesma empresa, para trabalhar de dia, eles me transferiram para trabalhar de dia. De vigia, eu passei a trabalhar de zelador, passeia trabalhar de zelador. Aí fique alegre por ter conseguido né? Enfrentei uma barra como

---

<sup>39</sup>Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>40</sup>Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

criança né? Porque com quinze anos a pessoa ainda é uma criança, praticamente uma adolescente em termo de tudo. Aí, desse aí, eu consegui arrumar um emprego nessa própria firma de dia, ai foi quando eu consegui arrumar minhas coisas. Foi daí, que eu comecei a trabalhar de dia, então agora aí *minhas coisa* vão mudar, porque já é um trabalho diferente. Você trabalhar de dia em termos assim, igual como eu era novo, também eu já me senti alegre.<sup>41</sup>

Nesse referido depoimento, a trajetória de vida desse morador traz lembranças da sua infância e também perpassa a sua adolescência. A dificuldade e a exploração de sua força de trabalho não excluiu a felicidade de se encaixar em um serviço que não lhe sobrecarregasse, como é o caso de sua transferência para trabalhar durante o dia. Entretanto, é interessante ressaltar que esse condomínio que contratou seus serviços é composto por parte da elite de Vitória da Conquista, e ele foi contratado, mesmo sendo menor de idade. Eles não poderiam assinar a sua carteira de trabalho, dessa forma trabalhou sem garantia dos direitos trabalhistas. É outro caso em que a classe dominante está no comando da espoliação do trabalhador.

Também em busca de melhores condições de vida, aparece nas entrevistas à migração para o Sudeste, especificamente para a cidade de São Paulo, como vemos no próximo relato:

Quando eu vim pra cá, meu pai foi direto para São Paulo, aí *nois ficou* aqui morando de aluguel, e meu pai trabalhava de ajudante de pedreiro em São Paulo, e quando podia mandava um dinheirinho, e não dava, a gente passava aperto, e era assim.<sup>42</sup>

A busca por estabilidade econômica, coadunando com o processo de urbanização do Brasil, na construção da metrópole paulistana, levou a um grande fluxo de migrações que marcou a história de muitas famílias brasileiras. Não distante dessa realidade, alguns moradores das Bateias foram também em busca desse sonho, deixando para trás os parentes que ficaram na terra natal, passando por privações e dificuldades extremas, como no caso da família do entrevistado.

Ao analisar as relações de trabalho no processo histórico das Bateias, fica explícita, não só a sua complexidade, mas a sua diversidade. Percebe-se o início da

---

<sup>41</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>42</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

ocupação, em que a sobrevivência se baseava em uma atividade basicamente rural, em que a mão de obra familiar era o principal motor. Em seguida, a mudança abrupta no espaço local, com o advento e crescimento da urbanização, em que o quadro muda e aparece o processo de assalariamento e também a precarização, como foi relatado nos depoimentos dos entrevistados.

Assim, mais adiante, as análises irão se concentrar no entendimento da vida cotidiana no passado das Bateias. As relações entre os vizinhos, os festejos e as dificuldades enfrentadas pelos os moradores frente às transformações que foram ocorrendo no espaço.

## 2.2 VIDA COTIDIANA E MEMÓRIA NO PASSADO DAS BATEIAS

Como o estudo proposto gira em torno da cidade capitalista e sua complexidade, tanto na dimensão social quanto concreta histórica e memorial, busca-se neste momento um entendimento amplo e teórico da construção desse cotidiano. Alguns teóricos apontam para o lugar como base de construção dessa relação e se define como:

[...] a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelecendo um vínculo entre o “de fora” e o “de dentro”), instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial. (CARLOS, 2007, p. 17)

Nesse contexto, a abordagem sobre o lugar é base de construção do cotidiano na sua constituição histórica; sua cultura e língua têm função primordial em sua concretização. Todavia, as imposições oriundas das novas definições por que passam a sociedade com a lógica da globalização (Santos 1994), em que os lugares se tornam palco da disseminação mercadológica, redefinem maneiras, culturas e o imaginário social na cidade.

Ao se referir no estudo do cotidiano, Petersen (1995) afirma que o entendimento epistemológico é de fundamental importância para que a construção do conceito não incorra em equívocos e não dê conta de expressar o quanto é importante o estudo da vida cotidiana. Para a autora:



[...] o conhecimento é uma apropriação do objeto material real pela via da razão, percepção sensorial, intuição, etc. Essa apropriação é um processo complexo, dinâmico, no qual ocorrem múltiplas interações. Há nele um diálogo permanente entre objeto e sujeito, entre ser e consciência social, cujos termos têm ocasionado inúmeras discussões filosóficas e epistemológicas que ultrapassam o limite deste texto. (PETERSEN, 1995, p. 31)

A autora demonstra, contudo, que a apropriação do sujeito pelo objeto não é tão simples, como se apresenta, pela complexidade que se dá na relação entre os dois. Ou seja, no processo de sistematização do conhecimento, nem o segundo é estático e passivo de ser apreendido de forma ordenada, como também o primeiro não é mero reflexo inoperante dele. Dessa maneira, a crítica levantada ao estudo do cotidiano, na perspectiva das ciências empíricas na obra supracitada, refere-se a seus desdobramentos na mera descrição sem aprofundamento do conteúdo de sua construção social.

Segundo Petersen (1995), as limitações do estudo do cotidiano, que a empiria vai demonstrar, estão descritas da seguinte forma:

É através da orientação, que proporciona em um primeiro momento uma teoria sobre o objeto, que o pesquisador poderá empreender a tentativa de ultrapassar a visão aparente, de significar os dados de forma a conferir-lhes sua dimensão social adequada dentro de um quadro geral de significados que se aproxime do sentido real dos fatos. (PETERSEN, 1995, p. 34)

Uma das superações, apontada pela autora, em primeira análise, refere-se a uma construção que ultrapasse a visão aparente, para não se perder em análises vazias, que não deem sustentabilidade para entendimento do conteúdo social e diverso na vida cotidiana.

Ainda, dando continuidade ao estudo arquitetado, um fator interessante a ser levantado é a conformidade entre território e cotidiano. Segundo Barcelos:

Território do cotidiano compõe assim um par teórico cujos desdobramentos – ainda em construção – abrem possibilidades concretas à compreensão das formas de sociabilidade contemporâneas. Este novo lugar privilegiado do social emerge não para indicar que a crença no futuro realizador dos projetos da modernidade deixou de existir, mas para apontar que talvez estejam mais próximos de nós os instrumentos e mudança das condições de vida, do que pensamos. (BARCELOS, 1995, p. 47)

Dessa forma, ao analisar o quanto a sociedade capitalista está mergulhada nas relações construídas no dia a dia citadino, percebe-se como ela

condiciona o homem, tanto nas suas formas estruturais, tais como as instituições fixadas nas cidades para comodidade da circulação das mercadorias: *Shopping Centers*, bancos, parques ambientais, dentre outras construções, como também nas ideologias, que têm no urbano um formato em que essa supracitada sociedade contemporânea conduz o discurso da modernidade.

Retratar o passado nas Bateias, no que concerne ao seu cotidiano, a partir da memória de moradores antigos, demonstra não só a riqueza da vida delas, como o tempo de uma sociabilidade em que a vida no lugar era repleta de companheirismos, boas lembranças das amizades e convivência, de certa forma, harmoniosa. Na reconstrução desse cotidiano, na perspectiva dos relatos, percebe-se que o dia a dia desses cidadãos era complexo e de conteúdos culturais bastante diversos, conforme se observa no relato abaixo:

Era muito bom, foi um período assim que nós vivemos de muita descontração, de muita alegria, porque hoje nós vivemos em um mundo que não podemos mais brincar, mais antigamente né, era aquele momento assim de lazer. Eu mesmo me recordo que pegava aquelas bonecas, e a gente fazia brincar de casinha. Aí ia para a casa de Naeusa, né, que era minha vizinha. Tinha Jeane e Geovane, mãe era um ciúme, só deixava eu ir na casa de Naeusa, mais porque só tinha essas duas meninas, porque era aquela coisa que não podia brincar onde tinha homem, era mais aquele circuito fechado. Tinha Maria de Lurdes, mais tinha Marcos e Mônica; aí ela não deixava, mais ia para a casa de Naeusa, aí ela falava: vocês podem ir. Aí chegava lá a gente brincava. Brincava de tonga, brincava de roda, brincava de boneca, brincava de fazer conzinhado. A gente fazia, o que eu achava interessante, a gente pegava na época que tinha muito maxixe, na época, a gente pegava o maxixe, e fazia uns bonecos de maxixe e colocava uns palitos de fósforo, fazia porco, fazia boneco e brincava. Chegava época de melancia, fazia os bonecos de melancia e contava história, com aqueles bonecos, fazia uma família de bonecos, e a gente dava nome aqueles bonecos. Entendeu? A gente tinha uma liberdade, de brincar, de sair. Era uma pureza, a gente tinha aquele prazer. Outra coisa que me marcou muito, assim da amizade no passado é a questão, daquela, união. Você chegava na casa das pessoas, minha mãe, os meus vizinhos, Licinha, Luzia, Helena, é Maria de Lurdes, Naelza, a troca, sabe, fazia um bolo, todo mundo tinha um prazer de trocar, é vai levar [...] minha mãe falava vai levar na casa de Naelza, vai levar na casa de Luzia. Na época de pamonha, juntava todo mundo, que hoje nós não vemos isso, a gente fazia, tinha [...] a gente dividia: esse aqui Luzia; esse aqui é de Nicinha, o mingau de milho verde.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

No trecho acima, no que se refere à convivência com os vizinhos, as brincadeiras e outros divertimentos evidenciam a grandiosidade do passado das Bateias. As relações eram íntimas entre os moradores que compõem o quadro social desse lugar, nos momentos lúdicos e em momentos de colheita:

Não, era assim. Na época do milho verde, cada casa tinha um plantio, como eu falei antes, todo mundo tinha o plantio de hortaliças, aí plantava o milho, o milho verde e o feijão verde. Hoje, na minha casa estava fazendo o mingau, eu fazia, aí tinha que mandar para cada casa vizinha, levava aquela quantia para cada família. Do mesmo jeito, quando eles faziam o deles, era aquela coisa recíproca, sabe aquela união, que hoje nós não vemos isso, as portas eram abertas, a gente vivia numa tranquilidade, era aquele calor humano, aquela coisa fervorosa, foi muito boa a minha infância, eu [...] eu tinha aquela assim sabe, eu tenho muita saudade. A gente fica assim, muito à vontade. E os pescadores, os pescadores, eu pescava muito, pegava muita piaba. (risos). Entrava na lagoa colocava uma lata de leite em pó, de leite ninho, colocava farinha dentro e enchia de água e enchia de piaba, eu mais meus irmãos, a gente pegava isso. Matava muita traíra, e eu pescava muito, ficava também exposta à frieza a noite, é tanto que eu cheguei até adoecer uma época por causa da frieza.<sup>44</sup>

A convivência cotidiana no passado das Bateias, explicitada pela fala, demonstra que mesmo todos produzindo e pensando no sustento das suas respectivas famílias, tinha o momento coletivo. Como no exemplo do preparo do mingau, no qual cada vizinho se responsabilizava pelo preparo e divisão para os demais. Outra coisa é a segurança e a tranquilidade na vizinhança, porque ninguém trancava as portas e, dessa maneira, havia uma tranquilidade no local. A pescaria também era uma prática de sociabilidade e interação entre os moradores e as pessoas que vinham de fora. Em outro relato se tem a seguinte informação:

Tinha muitos caçadores também, que vinham e ficavam. Muitas vezes pediam alojamento lá em casa, pedia apoio. A gente dava apoio a caçadores, pescadores que iam muito lá, pela questão da lagoa, que tinha muitos peixes, já tinham muitos peixes lá, mais meu pai colocou muito lá, trouxe vários filhotes de outros peixes de outras espécies e colocou na lagoa.<sup>45</sup>

Atividades, como a caça, também eram realizadas. A caça e a pesca atraíam muitas pessoas para a lagoa, o que contribuía com o divertimento e a

---

<sup>44</sup> Idem

<sup>45</sup> Idem

sociabilidade em um passado rico e mantido por relações não especificamente capitalistas.

Outro fato interessante, no que se refere à atividade da pesca, é que na época das enchentes as pessoas pescavam praticamente de dentro de casa: “A casa ficava com o fundo dentro da lagoa, ela tinha uma sacada no fundo e a gente pescava ali. Dentro de casa a gente pescava, pegava traíra, pescava ali dentro, mas na casa de meu pai não”.<sup>46</sup>

O fluxo de pessoas, de outras localidades, para as Bateias era muito grande. Na fazenda de Venceslau Ribeiro de Novais havia uma rancharia que servia de apoio para tropeiros e outras pessoas. O entrevistado relata:

Então meu pai, tinha rancharia aí, meu pai tinha rancharia, e eles viam; os tropeiros vinham lá daquelas áreas, das caatingas, depois dos Doze, Gameleira, o pessoal vinha da Gameleira e arranchava aí na casa de meu pai. Meu pai tinha rancharia, casa de farinha e tinha rancharia também, porque às vezes os animais vinham *cansado* e tal, e eles chegavam à tardezinha, *pra* pegar a feira aqui, no outro dia de manhã cedo, aí eles ficavam e arranchavam aí. Era um ponto de apoio, era uma rancharia e meu pai dava esse apoio para o pessoal, eles arranchavam ali, deixavam seus animais descansando e no outro dia cedo saía para ir *pro* comércio.<sup>47</sup>

Dessa maneira, as relações cotidianas tinham um aspecto muito diverso, e os tropeiros têm um papel fundamental no desenvolvimento da economia regional da época, com um forte incremento nas relações comerciais.

Na reconstituição do cotidiano das Bateias, partindo da análise das memórias dos moradores antigos, pode-se perceber como as festas e o fluxo de pessoas que não eram moradoras do local, para as mais diversas atividades, dão a percepção do potencial de lazer no local. É possível perceber que esse referido espaço era modelado nessa perspectiva.

Segundo relato de uma moradora antiga:

Algumas pessoas tomavam banho na lagoa, algumas pessoas que só vinham mesmo para olhar, tinha batismo de igreja dentro da lagoa, tinham algumas pessoas que vinham para tomar banho, não para ter divertimento na lagoa, caçava também, porque tinha muito pato na lagoa e meu pai fazia muita plantação. Mais a lagoa também,

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>47</sup> Idem.

quando ela cresceu, de quando Pedral fez o desvio da água, aí o povo invocou de mais de ver a lagoa.<sup>48</sup>

As Bateias, como vem sendo discutido, sempre foi foco de atração para a cidade de Vitória da Conquista, nas mais diversas atividades. Pensar na sociabilidade que se estabeleceu focando no lazer, dentre outras atividades, dá a noção da riqueza social que sempre houve nesse recorte geográfico.

Outra atividade que acontecia nas Bateias eram os piqueniques, como no relato a seguir:

Quando dava no domingo, a gente fazia piquenique. Hoje a gente fala piquenique, naquele tempo a gente falava o que você sabe, *cunzinhado*, aí juntava aquele tanto de primo e prima e fazia aquela festa. Fazia tanta coisa para comer meu filho, só Jesus, porque não sei como *nois* comia aquelas comidas viu? Eu não sei. Nossa bebida na época era Tubaína. Lembra de Tubaína? E bolacha Maria, lembra aquelas *que vendia* na lata. Pai comprava as latas para *nois*, ô meu Deus, *nois panhava* tudo escondido e botava dentro dessas cestas. Era bolacha e Tubaína.<sup>49</sup>

A diversão descrita acima demonstra a felicidade ao rememorar como era estar com os familiares em reuniões que reforçavam os laços de afetividade entre eles. Os festejos juninos eram uma marca forte nas lembranças dos moradores e fazem parte da recordação da maioria dos entrevistados. O São João era um momento de interação entre as famílias, como nos relatos que seguem:

[...] nas festas juninas, era uma maravilha. A gente fazia aqueles ramos, dançava, as portas abertas, fazia quebra pote, até dinheiro a gente colocava nas árvores; pendurado. As comidas típicas enfeitava tudo de bandeirola e aí a gente foi crescendo naquilo. Era muito bom, muito bom mesmo, era proveitoso, porque era uma coisa pura, família, sabe muito família, a gente não tinha, naquela época o povo não tinha essa malícia que tem hoje, era família, era união, era uma coisa assim, proveitosa, maravilhosa de se viver. Eu tenho muita saudade da minha infância e de minha adolescência.<sup>50</sup>

Esse momento é lembrado em outra fala:

---

<sup>48</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>49</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>50</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Naquele tempo era tempo bom, não tinha aqueles, negócio de assalto essas coisas assim, era tão bom. *Nois divertia* muito, fazia festinha, *nois brincava*. Eu já brinquei tanto. Eu já dancei três noites seguidas, você acredita? Já eu gosto de forro, até hoje eu ainda. Eu estou com oitenta e três anos, ainda dou as minhas dançadinhas. No forro eu gosto. Agora se fosse meu irmão, Manoel, ele abria o queixo dele, ali falei com ele. Eu fui chamar ele na roça mais aí não estava.<sup>51</sup>

Os depoimentos relacionados às festividades de São João trazem uma riqueza de informações sobre como era a diversão e a sociabilidade nessa época do ano. As danças, o namoro, a simbologia da fogueira e as comidas típicas criavam uma unidade entre os moradores na comemoração da data festiva.

Há, também, relatos sobre o fluxo de pessoas que visitavam o sítio de Pedro. Na fala das suas filhas aparece o seguinte:

Era uma parte muito boa, domingo nem dava tempo da gente sair. Gente aqui dentro dessa casa na lagoa, muita gente dentro da lagoa, fazia de conta que era uma procissão de gente dentro da nossa casa o dia *todim*, domingo todo e todos os dias tinha gente na nossa casa, nunca ficamos sozinhos assim um dia; ou passar um domingo só, sempre tinha gente dentro da nossa casa.<sup>52</sup>

Sua irmã confirma isso:

Foi muito boa, boa porque a minha família todo mundo ali, minhas irmãs é Neusa e Lurdes elas se casaram, *mais* estavam sempre ali, a família, minha família, tia, meus tios, primos, as pessoas aí para lá todo domingo. Ia para lá de manhã e a gente fazia aquele almoço *pra* família, de tarde a casa era cheia, todo momento a gente contava 100 pessoas dentro de casa no domingo. Era coisa assim de a gente ficar alegre. Na semana, durante a semana todinha tinha visita por causa das curiosidades da lagoa também, porque minha casa era dentro da lagoa. Uma parte da minha casa era dentro da lagoa e outra parte era fora. De [...] de uma parte da metade da casa era lagoa, da outra metade da parte para frente era terra seca.<sup>53</sup>

Nos relatos das irmãs, ao fazer uma abordagem do dia a dia da família e da presença de visitantes, tem-se que não eram apenas os parentes que frequentavam o local e as residências, outras pessoas visitavam a casa, pois havia

---

<sup>51</sup> Entrevista concedida ao autor por Dona Luzia, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>52</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

<sup>53</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

uma curiosidade de conhecer a condição de uma família que morava praticamente dentro da lagoa. Essa movimentação era frequente, no que se refere ao tempo livre, em que os familiares e visitantes rotineiramente estavam inseridos no contexto do divertimento nas Bateias. Dessa forma, percebe-se que era um tempo marcado pelo ir e vir de forma espontânea. Essa memória é diferente do que se vê na cidade atual, marcada pelo consumo e mercantilização das relações sociais.

A intensidade de visitas que tinha esse grupo familiar era muito diversa como demonstra este trecho:

Fazia festa mesmo, pedia meu pai espaço, levava naquela época a Rural, era um carro daquela época, Combi, eles iam e faziam feijoada, fazia almoço, levava pronto, ou pedia espaço para fazer. Tomava banho na lagoa, ia pescar. Tinha uma mulher e ela era muito rica aqui em conquista, e o nome dela era dona Delisa. Ela levava muita gente pra lá, leva comida, muita comida, os *tacho* de comida. Quase todo, de quinze em quinze dias, ela ia e pedia meu pai. Era uma pessoa muito rica, porque já se sentia bem, porque lá era um ar puro, para fazer turismo.<sup>54</sup>

Essa entrevista reforça a ideia de que o tempo da sociabilidade no passado das Bateias não era marcado essencialmente pela mercantilização das relações sociais. Na fala dela fica claro que, mesmo sendo visitada por pessoas de alto poder aquisitivo, para realização de atividades ligadas ao divertimento, o consumismo não ditava as regras da convivência desses cidadãos.

Gil e Gil Filho (2008), dizem que a construção do cotidiano cidadão se dá na perspectiva da apreensão dos moradores, como a conversa entre vizinhos, o ir e vir pelas ruas do bairro. São experiências vivenciadas pelos diversos grupos sociais, ordenadas e coordenadas, porque o tempo do trabalho e do lazer, dentre outras atividades rotineiras, faz parte de um sistema produtivo que controla o tempo e o espaço humano para exclusividade de reprodução de suas necessidades.

Essas lembranças do passado, nas falas, constroem a imagem de uma cidade que caminhava por uma sociabilidade marcada por estruturas fora da égide do modo de produção vigente. Segundo Lefebvre (2008), o cotidiano é a ordem próxima, ou seja, as relações mais íntimas que se dão no seio cidadão. O urbano é a distante. O último se sobrepõe ao primeiro, produzindo uma cidade ordenada pelos

---

<sup>54</sup> Idem.

moldes capitalistas, que marcam o cotidiano citadino, reproduzindo a lógica da sociedade urbana.

Destarte, na perspectiva da história oral, a vida de pessoas comuns, que outrora eram despercebidas e não apreciadas para o pensamento científico normativo, dá suporte teórico para análise de fenômenos sociais que compõem, não só o imaginário social, mas as transformações socioespaciais no território. Dessa maneira, vale ressaltar que essas imposições no espaço geográfico<sup>55</sup> não são aceitas de forma passiva, ocorrendo resistências em sua implantação, como é o caso da área estudada.

No próximo tópico, o foco é relação de algumas “figuras políticas” com o local e com moradores. A proposta é entender como eles atuavam e se relacionavam no passado das Bateias, ou seja, quais eram, já naquele momento, os interesses do poder público.

### 2.3 AÇÃO POLÍTICA E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO NA MEMÓRIA DOS MORADORES DAS BATEIAS

Nas entrevistas, os moradores falam da presença de figuras políticas locais e regionais, questionando o porquê da presença de figuras políticas na localidade. Em muitas falas, o ex-prefeito José Pedral Sampaio aparece como alguém muito presente no passado das Bateias. Ou seja, esse local já vinha sendo observado pelos políticos conquistenses, no que se refere ao crescimento urbano local, para investimentos em alguns projetos urbanos audaciosos.

Pensar na atuação do Estado e nas transformações que foram se efetivando nas Bateias demonstra a importância política que esse espaço representa para o poder público na esfera local. Nas entrevistas com os primeiros moradores, há relatos de obras, como a expansão do aeroporto e as construções do loteamento Cidade Modelo. Foram **estas** obras que deram início, de certa forma, às transformações no espaço em uma escala local. Como se verifica nas seguintes falas:

Foi nos anos de 1965, mais não foi o *aeroporto* todo, foi uma parte de terra. O *aeroporto* foi naqueles anos passados que a terra não era da gente, era da minha tia que criou esse *aeroporto* aí. Depois, nos anos

---

<sup>55</sup> SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.



de 1965, foi quando Raul Ferraz, então, foi ele que transformou ali em uma área de terra, aí tirou mais uma parte.<sup>56</sup>

Também coadunado com esse depoimento, a entrevistada diz:

É o seguinte, esse ariporto, antes de eu conhecer, quando eu cheguei para Conquista, já tinha esse ariporto. Só que vai crescendo mais o movimento, aéreo, às vezes vai chegando avião de maior porte, e aí eles teve a necessidade, de aumentar a pista né? Eles teve a necessidade de aumentar a pista. Aí foi no Governo de Raul Ferraz, eles entrou em contato, porque na época meu irmão era vereador, era mais ou menos em 1976,1978.<sup>57</sup>

Outro relato que traduz isso:

Seu Venceslau também já tinha vendido uma parte da fazenda dele, deixou a divisão das terras para os filhos, *mais* já tinha vendido uma área também para construção do muro do aeroporto onde era a fazenda de café, seu Venceslau vendeu. Uma parte da fazenda dele foi invadida pelas águas da lagoa né, e aí foi acabando, foi acabando. Uma parte dessa área da Lagoa das Bateias foi vendida para o Governo Federal, que hoje é onde é a área do aeroporto, onde é justamente o muro do aeroporto próximo à Lagoa das Bateias que tem um canal, justamente onde tem um canal que foi feito na época do Governo de Pedral, que tem o canal que fala Canal Leste. Sei que tem um canal lá que cai a água. Tem esse canal que passou dentro da fazenda de seu Venceslau e seu Venceslau vendeu. Ele também foi indenizado. A família Padro recebeu a indenização, nós não recebemos nada.<sup>58</sup>

Os trechos acima demonstram como as transformações que começaram entre as décadas de 1960 a 1970, de forma paulatina, coadunam com o crescimento da cidade. Todavia, um dos filhos de um antigo fazendeiro, conhecido como seu Venceslau, tinha sido vereador, o que, de certa forma, demonstra a influência política dessa família em um passado recente das Bateias. A obra de expansão do aeroporto, segundo familiares e vizinhos de Venceslau, acabou sendo um bom negócio para a família, à época, pois foram indenizados, sem queixa por parte dos parentes. É o que relata um de seus filhos:

---

<sup>56</sup>Entrevista concedida ao autor por Sr. Hermínio Ribeiro do Prado, em 12 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>57</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>58</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Então eles entraram, Raul Ferraz estava como prefeito, e aí eles entraram em contato com a minha família, e eles indenizaram uma parte, para aumentar a pista. Aí entraram na faixa de 200 metros, para aumentar mais o comprimento da pista. Foi na época de Raul Ferraz, aí teve que ampliar mais o aeroporto.<sup>59</sup>

A afinidade que os representantes da administração municipal pública têm com esses referidos proprietários indica certa correlação de força, porque os mesmo, por serem grandes proprietários de terra, tinham um respaldo para negociações com o Estado.

Nesse sentido, a articulação e negociação para as primeiras transformações nas Bateias aconteceram entre proprietários e o poder público, como fala o morador: “Não, não teve conflito não, foi pleno acordo né, foi pleno acordo, inclusive meu irmão na época era vereador né, e eles entraram em acordo e nós concordamos, ele indenizou a família e *eles projetou* mais a pista lá”.<sup>60</sup>

Passada a negociação para a expansão do aeroporto, surgiu a necessidade de construção de um loteamento, o Cidade Modelo. Com isso, houve mais uma interferência do Estado nas terras dos proprietários locais. Nessa segunda obra já se denota o porquê de essas figuras políticas estarem muito presentes nas Bateias; há um planejamento de expansão da malha da cidade para essa referida localidade. No caso do loteamento Cidade Modelo, existia o planejamento da construção de um loteamento para moradia popular. Observemos este trecho da entrevista:

Então meu pai tinha ali. Quando meu pai comprou as Bateias, *nois* tinha ali uma área de 110 hectares de terras, é o que dá cinco alqueiro e meio. Nós confrontávamos ali com a Cidade Serrinha, um bairrozinho que criou ali depois da lagoa. Então ali tinha Cidade Serrinha, próximo ali ao São Pedro, voltando perto de chegar ali, em Adelho, perto de chegar ali perto dos Campinhos, não chegava perto da Zabelê, mais do São Pedro. O São Pedro estava mais próximo de nós. E o São Pedro é hoje onde é a Cidade Serrinha, virou ali o Remanso, ali o bairro Remanso. De uma lado *nois tinha* ali Pedro Moraes, Pedro Francisco de Moraes do lado direto, e do outro lado, à esquerda, no sentido, *nois tinha* o aeroporto do nossa lado. *Nois ficava* num círculo ali, numa área de 110 metros de hectares, 110 hectares, que é um total de cinco alqueiro e meio, como eu te falei. Então, como meu pai, ele entrou em decadência, por problema de

---

<sup>59</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>60</sup> Idem.

coração, aí ele adocece, aí ele resolveu vender uma parte, das terras. Aí ele tirou a parte do alto que hoje é cidade modelo. Foi uma área de 90 hectares. Dividiu essa área em 90 hectares. Era uma área de 110 e ficou 20. Então a parte de 20 hectares, foi o que ficou da Lagoa das Bateias, a parte baixa. O centro em cima que é o Cidade Modelo é 90 hectares né, aí ele faleceu e minha mãe deu continuidade no processo. Ela partilhou a terra, vendeu uma parte para Murilo Mármore, para a prefeitura que é a Cidade Modelo, e a parte de baixo, ela fez o sítio, que deu uma área de 12 mil metros, 1 hectares e 20 metros de área para cada querido, que eram os próprios filhos. Então, deu quinze sítios. Quinze filhos, quinze sítios, cada um medindo uma área de 12 mil metros quadrados.<sup>61</sup>

O trecho acima dá uma ideia do tamanho da propriedade do Sr. Venceslau. Dessa maneira, percebe-se a importância e o poder que ele exercia no passado das Bateias, por ser um grande proprietário de terras. Em sua fazenda tinha uma grande diversidade de produção, inclusive o plantio de café. Ele foi um dos agentes de investimento para o desenvolvimento capitalista da região.

Nessa perspectiva, é necessário fazer um levantamento do processo histórico de formação da cidade de Vitória da Conquista. Percebe-se como o desenvolvimento e as expansões da colônia para a hinterlândia definiram a ocupação da região, que inferiu em conflitos com indígenas que habitavam a área. Segundo Ferreira:

Vitória da Conquista surgiu em consequência do esforço da administração colonial no sentido de estabelecer comunicação entre o litoral e o sertão. Ao contrário do que sucedeu ao norte, a faixa costeira, que corre ao sul da baía de Todos os Santos, permaneceu, até o século XVII, completamente isolada do interior. (IBGE, 1958. p, 414)

O resultado dessa investida da Colônia em expandir as atividades econômicas inferiu no extermínio da população indígena que habitava a região, situada na bacia do rio Pardo. Dessa maneira, a instauração pela Lei provincial de nº 124, de 19 de maio de 1840, instituiu o arraial com o nome Imperial Vila de Vitória (IBGE, 1958). Um fato a ser ressaltado é que o nome do arraial e da igreja matriz foram em homenagem a Nossa Senhora das Vitórias, pela conquista e dizimação das etnias indígenas, fator esse que demonstra o quanto o princípio de formação da cidade foi de derramamento de sangue de inocentes, de forma covarde.

---

<sup>61</sup> Idem.

Dando continuidade ao processo histórico que envolve a cidade de Vitória da Conquista e a sua respectiva organização municipal, percebe-se que na década de 1920 o município era basicamente rural. Com o desmembramento de alguns distritos, de forma paulatina, fica explícito como se configuraram essas transformações:

Na divisão administrativa de 1911, Conquista é formada por três distritos: Conquista, Coquinhos e Encruzilhada. No recenseamento Geral de 1920, já se compõe de Conquista, Verruga, Encruzilhada, Porto de Santa Cruz, Belo Campo, São João da Vila Nova, Nova Laje do Gavião, Coquinhos e José Gonçalves. Em 1921, o distrito de Encruzilhada foi desmembrado para constituir o município, pela Lei nº 1483, de 17 de junho; o mesmo ocorreu com o distrito de Verruga que, pela Lei nº 2042, de 12 de agosto de 1927, passou a constituir o município de Itambé. (IBGE, 1958. p, 415)

Dessa maneira, percebe-se que não havia ainda um amadurecimento das relações capitalistas no município, que sua atividade econômica era basicamente rural.

Com as transformações que essa lógica da urbanização impõe ao território nacional, urgiu a necessidade de criação de vias de circulação, não só para integração nacional, como também para a disseminação das mercadorias por todo o país. Segundo Ferraz (2001, p. 31):

O desenvolvimento do comércio e a abertura de estradas como a Ilhéus – Lapa (BA 415) e a Rio – Bahia (BR 116), que fazem entroncamento com Vitória da Conquista, proporcionam a intensificação do crescimento da zona urbana.

Todavia, a discussão que gira em torno da expansão da malha rodoviária no Brasil tem que ter a dimensão do próprio avanço das relações capitalistas no território. Dessa maneira, como aponta J. Santos (2010), a construção da rodovia por si só não dá conta de explicar todas essas alterações que ocorrem no espaço geográfico, e com isso alguns equívocos na análise poderiam incorrer, no que o autor denomina como “determinismo tecnológico”.

Outro fator que também interferiu na urbanização da cidade de Vitória da Conquista foi o plantio de café, proposto pela política do governo federal, como aponta Ferraz:

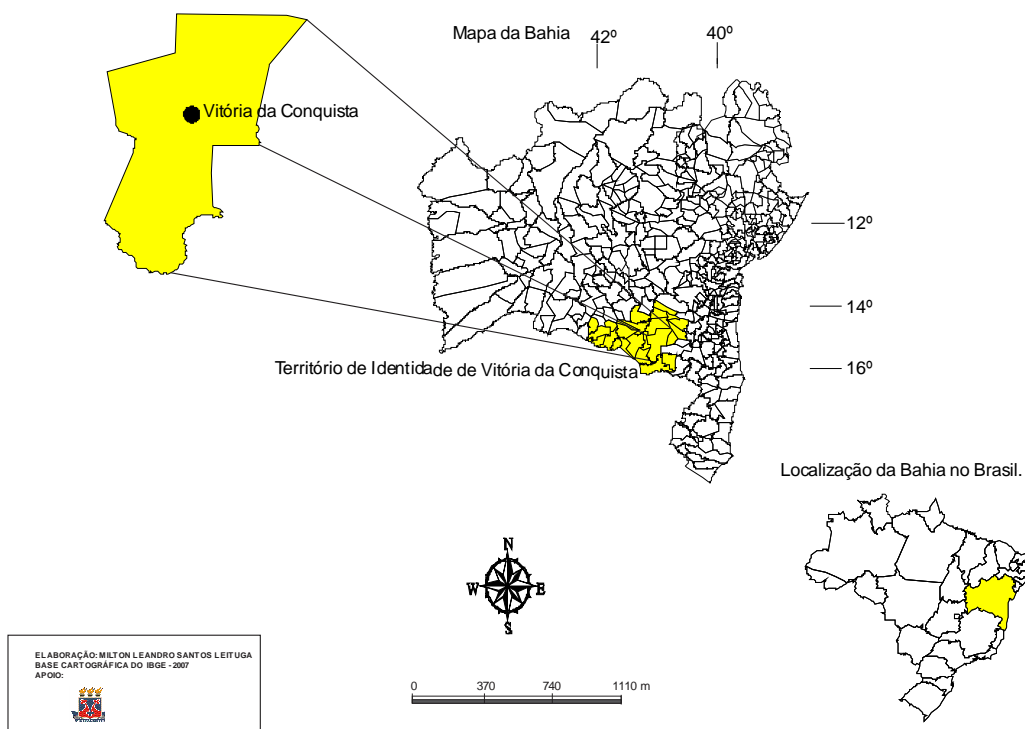
O governo federal, com a finalidade de expandir a lavoura cafeeira para além das regiões sul e sudeste de Brasil, destinou vultosos recursos financeiros para essa região da Bahia e outras áreas do

país. Assim, o comércio de terras propícias para o plantio de café se intensifica, e o preço sobe consideravelmente, o que dificulta o acesso à terra por parte de pequenos proprietários e impulsiona a migração rural. (FERRAZ, 2001. p, 33)

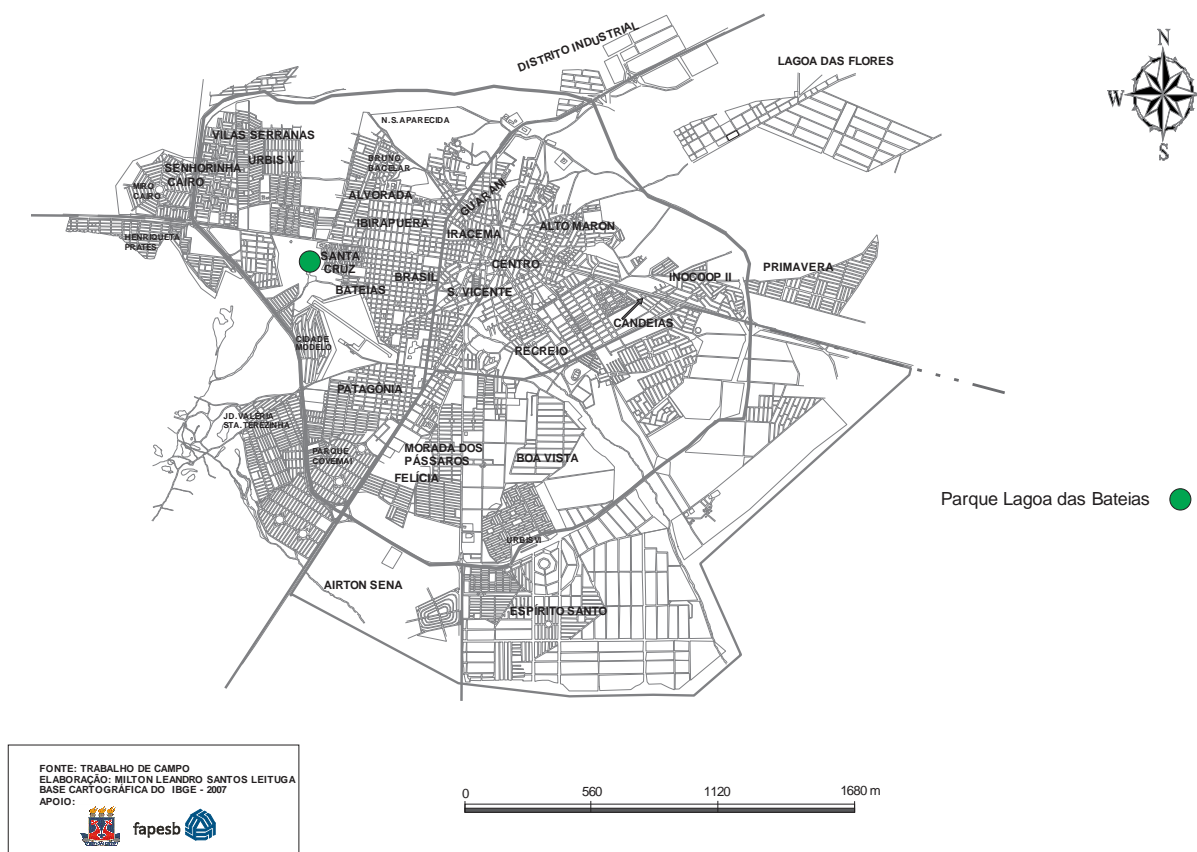
Essa discussão abordada pela autora demonstra que as políticas de expansão das lavouras de café na Bahia impulsionaram a aumento do valor do solo rural, fazendo com que os pequenos agricultores fossem expulsos suas próprias terras e, dessa maneira, a migração para a zona urbana se desenvolveu de forma desordenada, o que é característica do processo capitalista.

Os mapas 1 e 2 apresentam a localização do município e da área estudada:

Mapa 1: Localização do Município de Vitória da Conquista na Bahia, 2012.



Mapa 2: Localização da Área de Estudo, Vitória da Conquista, Bahia, 2014.



Essas primeiras alterações, feitas por intermédio do Estado, nos levam a compreender que a influência das figuras políticas no passado no local se dava pela estratégia do desenvolvimento urbano na área, mesmo sabendo que os equipamentos de infraestrutura urbana só chegariam mais tarde. Nessa perspectiva, as indenizações aos moradores atingidos foram feitas, embora, conforme o relato abaixo, de forma trabalhosa:

Não, essa questão da indenização, foi o seguinte: foi uma coisa assim que até, que foi trabalhoso para a gente resolver com ele, não

foi fácil não, porque sabe como é resolver problema com a prefeitura né? Quem procurou foi a gente, porque como eu te falei, cada ano que passava a gente era mais prejudicado, que as águas iam sempre avançando, as águas iam sempre avançando e sempre nós íamos perdendo mais uma casa né, sempre nós perdendo nossa horticultura. Eu levei Pedral lá e ele viu, eu tinha um projeto lá de irrigação, era automático, você batia o dedo e ela ligava sozinha. Levei ele e ele viu lá, ele viu meu processo todinho, como era trabalhoso e perdia muita horticultura lá. E aí, entramos com o processo, ele indenizou *pra* gente.<sup>62</sup>

Na fala de seu irmão, essa questão, entretanto, aparece de forma diferente: “Foi indenizado sim, tudo direitinho, tudo certinho. Depois, *nois* vendemos a Cidade Modelo para EMURC, que faz parte da prefeitura. Pois é, *nois* vendemos para ele, e acertou tudo direitinho também”<sup>63</sup>. Dessa forma, percebe-se que as indenizações foram feitas de acordo com as expectativas dos atingidos. No segundo capítulo, retomaremos as discussões que norteiam as indenizações, uma vez que, na construção do parque ambiental, isso não se efetiva nas falas em relação aos impactos da obra nos terrenos dos moradores atingidos.

Dando sequência às transformações que foram modificando o passado das Bateias, há um momento específico que marca a memória dos moradores. Trata-se de uma obra de desvio da água que vinha da Serra do Periperi para a lagoa, como evidenciado nos depoimentos a seguir:

Quando foi no ano de 1964, aí foi primeiro ano que Pedral foi prefeito, aí começou é [...], jogando água *pra*, [...], tirando água da Serra do Periperi, desviando, pra que não desse enchente no centro da cidade, assim como aconteceu na Sete de Setembro, ali no centro da cidade nos anos de 1969, aí teve uma grande enchente, quando eu fui soldado do exército ali, entendeu? Aí eles tirou, eles *disviou* aquela água ali do Periperi, da Serra do Periperi, para a Lagoa das Bateias. Aí com isso a cidade foi crescendo, foi chegando bairro Brasil, e outros bairros e aí a água foi chegando para as Bateias né? Foi aumentando aquele manancial de água ali e assim prejudicando a gente.<sup>64</sup>

Na fala de uma moradora antiga isso também aparece:

---

<sup>62</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>63</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Hermínio Ribeiro do Prado, em 12 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>64</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.



Também não tinha a lagoa desse jeito, só tinha uma poça d'água no meio da lagoa, não tinha essa lagoa, essa lagoa começou quando Prefeito Pedral, na época, tirou a água do centro de Conquista e jogou para aqui. Essa lagoa encheu da noite para o dia, não tinha esse tanto de água e a casa que morávamos na época ficou dentro d'água.

Essa obra aconteceu na década de 1968 e 1970, que cresceu a lagoa, porque só existia uma nascentezinha do Rio Santa Rita. Na segunda vez que Pedral foi prefeito de Vitória da Conquista, que teve a obra no local. Aqui só tinha *dois carreirinho* para passagem; um do lado alto e outro do lado baixo, que colocamos o apelido de cidade alta e cidade baixa, tinha a parte da ladeira que era alto. Só existiam três casas e a do povo de Venceslau, que concentrava em umas cinco a seis casas. Tinha cisterna que tirávamos água de sari. Quando Pedral fez essa obra, a lagoa encheu e pai fez um desvio da água tinha até o canal que pai abriu, braçal, para a água descer e quando enchia demais, a gente tinha que mudar, quando morávamos na casa mais embaixo perto da lagoa, que tinha 23m de comprimento com 10 de largura e a casa fica metade dentro da água e outra metade fora da água. Quando começou encher demais mudamos para aqui.<sup>65</sup>

Dessa forma houve aumento do espelho d'água das Bateias, como também o primeiro processo de desapropriação dos primeiros moradores, que foram atingidos diretamente por essa outra obra. Não aparece na fala se houve alguma indenização para os indivíduos atingidos.

Voltemos à relação de proximidade do Ex. Prefeito José Pedral Sampaio com as Bateias. De acordo com alguns relatos, ele já falava, em algumas discussões, a respeito da construção de uma área de lazer no lugar. Segue outro trecho:

Essa área de lazer da Lagoa das Bateias, ela foi executada agora no Governo do PT – Partido dos Trabalhadores, mais isso é um projeto de Pedral, isso era um projeto que sempre estava na mente dele, sempre estava no projeto dele, mais com o passar o tempo, ele saiu e não participou mais né, da política, entendeu? Aí caiu no governo do PT. Mais isso aí foi uma influência, foi criado, entendeu, na época de Pedral, e o projeto dele, com *todo certeza*, com toda veracidade, o projeto dele não era aquele. O projeto dele era coisa, eu não estou aqui condenando, mais o projeto dele, era um projeto mais arrojado.

Inclusive, eu mesmo, eu tive com ele, umas três entrevistas, não quanto ao projeto do manancial da lagoa, não foi o projeto, *mais* nós tivemos várias reuniões é [...], no contexto de desapropriação. Aí eu tive três reuniões com ele, tive uma na EMURC, uma na Prefeitura, e

---

<sup>65</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

nós tivemos uma na casa de Luzia minha irmã, nós fizemos três reuniões a respeito disso.<sup>66</sup>

Na sequência sobre esse fato, temos outra fala:

Moço, essa lagoa já é projeto do tempo de Pedral. Inclusive Pedral, eu já vi ele várias vezes quando ele era prefeito aqui na lagoa. Ele entrava aqui, mais a agente não sabia, o que ele vinha fazer aqui né. Na época de Pedral já tinha ocupação aqui, chegou a atingir o primeiro mandato dele, ele passou para Murilo.<sup>67</sup>

Outro morador diz:

Teve esse projeto da Lagoa das Bateias aqui, provavelmente foi de Pedral. Só que a lagoa, ia ser bem maior do que essa, e bem mais organizada. Aí fizeram essa lagoa aí, e gastou *mais de num sei quantos*, parece que foi treze milhões e setecentos mil na primeira remessa, depois seis milhões e não sei quanto. Tava nas placas lá na frente.<sup>68</sup>

Nos três relatos anteriores, fica explícito que no passado já se pensava em um projeto de lazer para contemplar, não só os moradores locais, mas toda a cidade de Vitória da Conquista. O que se tem de interessante ao comparar esses três relatos está na proximidade do ex-prefeito Jose Pedral com os familiares de Venceslau, pelo poder que o mesmo representava à época. No caso das entrevistas subsequentes, os entrevistados só ouviram falar da possibilidade de construção de uma área de lazer nas Bateias. Diferente do relato do Sr. José Ribeiro do Prado, pois ele diz que realizou até reuniões com o Prefeito da época. Já os moradores com baixo poder aquisitivo que se instalaram na região, esses nem foram consultados. Só ouviram falar.

As questões pertinentes às ligações políticas no passado das Bateias, bem como os interesses por trás de certas questões, deixam claro nas falas que as relações de poder são um dos componentes sociais no referido espaço. Na fala do primeiro, há uma proximidade que nas outras não se tem. Nas falas subsequentes,

---

<sup>66</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>67</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>68</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

os entrevistados só ouviram falar, não ocorreu nenhuma conversa direta com os ex-prefeitos. Isso reafirma a exclusão, por serem moradores de baixo poder aquisitivo, considerados pelo Estado capitalista como descartáveis.

Alguns problemas também são relatados frente a essas transformações iniciais ocorridas na área estudada:

Passava anos e a prefeitura, iniciava uma desapropriação, porque nós estávamos sendo prejudicados, sempre caía uma casa, a água ia espalhando mais o manancial e aí foi que chegou o tempo deles desapropriar a parte de baixo. Eu entrei até com um projeto com ele, que ele queria desapropriar toda a terra, os quinze sítios, os quinze sítios. Ele queria desapropriar os quinze sítios. Eu entrei e falei com ele: “Pedral, você vai criar um problema sério, e você nunca vai resolver, o problema nosso”. Aí ele citou para mim: “Por que, vocês gostam tanto dessa terra”? Eu falei: “É porque, nós criamos, os nossos filhos, entendeu aí?”. Ali é a fonte de renda né? Tem até netos já criados tudo ali, naquela terra da Lagoa das Bateias. Então, eu tenho uma proposta para você, que vai chegar ao ponto de resolver o problema, sem você desapropriar ninguém, porque nós temos um aclave e um declive, essa proposta eu citei para ele. Você mete uma topografia na parte de baixo, na parte que vai alagar e [...], mede e desaproprie-a e deixa o pessoal na parte alta, foi a solução do negócio. Se não, da maneira dele, ele queria colocar a gente lá *pro* Simão, dos Campinhos, do Simão pra lá.<sup>69</sup>

O sentimento de pertencimento é muito forte por parte dos habitantes, que, frente às mudanças estruturais, sempre desejam transformações mais amenas, que não os prejudiquem muito. Dessa maneira, como se vem afirmando, o poder exercido por essa família no passado foi efetivado, porque no momento de decisão sobre como seria o processo de desapropriação pela perda de terrenos com o avanço da lagoa, em reuniões com o ex-prefeito, foi tudo acertado entre eles e o poder público.

Analisar o passado político desse referido recorte espacial traz um esclarecimento sobre a importância das Bateias no processo do crescimento urbano conquistense, uma vez que o início do processo de construção do empreendimento coaduna com a expansão da malha urbana: a construção de loteamentos, a expansão do aeroporto, dentre outros aspectos espaciais. Entretanto, não se pode perder de vista as estratégias que os políticos traçaram no intuito de deixarem marcas no desenvolvimento desse lugar. Sabemos que a primeira grande obra de

---

<sup>69</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

desvio da água da Serra causou vários transtornos, como enchentes, o que demonstra que essa iniciativa, foi, também, para promoção da carreira, e funcionou como uma forma de controle do eleitorado local.

No próximo capítulo, iremos nos ater ao crescimento demográfico não só da cidade, mas, em específico das Bateias, e as implicações socioespaciais que isso acarretaria, não só no cotidiano dos cidadãos, como nas transformações da estrutura urbana na localidade. A ideia é tornar visíveis as lutas diárias que os moradores travaram com o poder público pelo direito não só à cidade, mas à vida.

### 3 URBANIZAÇÃO E AVANÇO DAS RELAÇÕES CAPITALISTAS NO COTIDIANO DAS BATEIAS

Nesse segundo capítulo, o desenvolvimento da discussão envolverá as problemáticas socioespaciais em relação ao crescimento da malha urbana de Vitória da Conquista. Destacou-se, no capítulo anterior, a memória de um passado de uma sociabilidade, em que as pessoas tinham a relação de certa forma harmoniosa e respeitosa, isso também não anula os conflitos no passado. Em seguida, com o surgimento de novos bairros, a maioria, através do processo de ocupação ou “invasão”, como os moradores classificam, muda radicalmente o cotidiano do local, com a chegada do crime, dentre outras problemáticas sociais.

A partir da década de 1980, as relações nas Bateias começam a ter um novo conteúdo. As relações entre vizinhos e as relações de trabalho foram alteradas, com consequências para a vida cotidiana no referido espaço. Com a chegada de novos moradores, ora por projetos estaduais de habitação, ora pela força da luta por moradia, surgiram novos atores sociais para compor essa realidade.

De acordo com as entrevistas, as primeiras mudanças ocorreram em meados do final da década de 1980. É o que relata a moradora:

Em 1986, eu concluí o magistério e nesse período eu já comecei a trabalhar, já começou a transformação a partir daí. Eu me lembro muito bem no ano de 1986. É já tinha algumas casa de bairros mais próximos como o CSU, que é chamado hoje de urbis 3 e 4. Já começou a chegar mais próximo ali da lagoa que foi construído eu lembro já tinha. Aí começou a pessoas, a frequentar pessoas estranhas, e também começou as pessoas construir outras casas mais próximas. Á área como eu falei para você era uma fazenda, essa área foi transformada já em bairro, a partir [...] em 1986 eu lembro que eu comecei a trabalhar, a gente já não tinha mais essa liberdade de sair mais tranquilo, como eu saía, *mais* deixar portas abertas, já tinha que deixar as portas fechadas, porque tinha muitas pessoas estranhas transitando, pela estrada ali e aí aqueles curiosos tudo bem, mas tinha pessoas que a gente já ficava com medo, dessas pessoas estarem tendo acesso à nossa casa.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Dessa maneira, pensar as primeiras transformações nas Bateias é entender a sua estreita ligação com o processo de urbanização que, na cidade de Vitória da Conquista, não foi diferente do que foi esse processo em outras regiões do país.

Como foi um processo que se disseminou por todo o globo, a urbanização capitalista, ao se instaurar no Brasil, teve grandes ocorrências com alterações tanto espaciais quanto sociais. Santos (1993), em seus estudos em relação à urbanização brasileira, afirma que a partir de 1970 houve a intensificação desse processo no país.

Ao analisarmos as transformações que começaram a ocorrer nesse momento histórico das Bateias, percebemos a sua estreita ligação com as novas demandas que se instauram nos ditames do modo de produção vigente, porque as mudanças são percebidas nas novas sociabilidades e nas relações espaciais, ou seja, a ocupação desordenada no entorno da lagoa resultou em violência e também em insegurança. Isso é verificado na taxa de urbanização, como é possível ver na tabela a baixo:

*Tabela 1: Taxa de urbanização, por década – Vitória da Conquista – Bahia – 1940 – 2010.*

Anos	%
1940	16,0
1950	24,4
1960	37,2
1970	66,9
1980	74,7
1991	83,7
2000	85,9
2010	89,0

Fonte: IBGE – 1940 a 2010

As décadas de 1980 a 1990, que foi o recorte histórico que interessa para a atual pesquisa, é o ponto de partida para análise das transformações ocorridas na cidade. Percebe-se que no processo de urbanização da cidade de Vitória da Conquista/BA, já nos anos de 1970 para a de 1991, a taxa de urbanização passou para mais de 83,7%, demonstrando como ela foi intensificada nesse recorte. Isso

tem forte ligação com o princípio de descentralização do capitalismo nacional, com forte reflexo nas cidades brasileiras.

Dessa maneira, com a expansão da tecnologia e da ciência na produção territorial, a Bahia entra no contexto nacional, expandindo e enquadrando seu mercado na perspectiva das imposições do mercado internacional. Contudo, vale ressaltar o amadurecimento do capitalismo pelo território baiano, além dos investimentos que outrora se concentravam na Região metropolitana, avançou para outras regiões do Estado. Segundo J. Santos (2009), isso corresponde ao seguinte:

Em função do próprio amadurecimento das relações capitalistas em certas áreas da Bahia, bem como dos interesses das empresas em abrir novas frentes visando ampliar a margem e a esfera dos seus lucros, haja vista às condições fiscais que o Estado vem fornecendo e a ampla mão de obra barata, as cidades médias passam a ser foco de atrações de um capital comercial, agrário, industrial, imobiliário e financeiro que, como já mencionamos está associada a escalas que vão além das esferas local e estadual. (SANTOS, J, 2009, p. 507)

O trecho acima é revelador, no sentido que a expansão do capitalismo baiano incorporou regiões/parcelas/cidades do Estado da Bahia, que se tornaram atrativas, com planejamentos de investimentos financeiros. Isso reformulou tanto os espaços físicos quanto sociais no que se refere, por exemplo, ao aumento da especulação imobiliária, ao avanço das indústrias e do agronegócio.

De acordo depoimento do Sr. Paulo Cesar, a associação entre o crescimento urbano e sua correlação com os ditames do Estado é muito presente em sua memória:

Inclusive o bairro foi mudando muito, é uma diferença enorme da década de 1980. Aqui desenvolveu mesmo a partir da década de 1980. A cidade expandiu através do Governador Roberto Santos, que construiu aqui esses conjuntos Urbis II, Urbis III, Urbis IV e Urbis V, aí foi expandindo a cidade, expandindo. Isso aí já foi uma grande melhora aqui naquela época, entendeu?<sup>71</sup>

Em outra fala, isso se ratifica:

Na década de 1980, começa a criar assim, já antes da década de 1980. Aí começou a criar essa Urbis II, Urbis III, aproximando ali né? Em volta da parte mais alta da lagoa. Depois surgiu aquela invasão, bairro Santa Cruz, aí vem sempre aproximando da lagoa e aí criou

---

<sup>71</sup> Idem.

esse bairro aí né? Ficou bem aproximado, bem em torno do manancial aí da Lagoa das Bateias.<sup>72</sup>

Dessa forma, os depoimentos, em conjunto com a análise teórica, dão respaldo à discussão de como se processa a produção dessa realidade, bem como as consequências socioespaciais dessa prática. É o modelo de desenvolvimento voltado para um vetor econômico, em que as problemáticas sociais começam a surgir a partir das mudanças que ocorrem nas Bateias.

Outro fator interessante a ser ressaltado é que, mesmo com essas transformações iniciadas nas décadas relatadas, os festejos juninos ainda são realizados como os apresentados no passado. Uma das moradoras relata:

Aí eu comecei a trabalhar fora, trabalhei um tempo, comecei a namorar que foi o dito, não mentira; namorei um bocado. Dançava naquelas festas juninas, você sabe né? Muito boas. Fazia quadrilhas, assava muitos biscoitos no forno, fazia licor, como Neuma já te disse. Enfeitava o sítio de bandeirola, enfeitava, botava ramo, fazia fogueira. Nosso São João era uma semana, *nós não deixava* a fogueira apagar. Todo dia de noite *nois ía* lá e mais um foguinho, mais um foguinho.<sup>73</sup>

Nessa perspectiva, em uma análise desse recorte espacial estudado, mesmo que as mudanças corroborem com a expansão de relações urbanas, como vem sendo criteriosamente discutido, o modelo de urbanização capitalista se disseminou por todo o globo e, sendo assim, assimilou sua forma e conteúdo para as relações locais. Isso não se dá de forma hegemônica, porque o local e o global coabitam no desenvolvimento da sociabilidade local. Sendo assim, os festejos tradicionais juninos dão um caráter de resistência cultural a essas transformações impostas ao cotidiano citadino, o que demonstra que as relações sociais vão cada vez mais se tornando complexas. Compreender os fenômenos norteadores desse processo é de suma importância para não se fazer uma análise linear de uma realidade baseada na contradição social.

A situação dos moradores que começaram a se instalar nesse recorte histórico pode ser representada na seguinte fala:

---

<sup>72</sup>Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>73</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA



Eu cheguei na época de 1990, e eu ia fazer dez anos de idade. Aí fui vivendo minha infância toda lá, cresci lá, fui vivendo lá, morei com meus pais lá. Aliás, só meu pai, porque a minha mãe não morava lá. Aí vivi com ele muitos anos lá nesse bairro. Aí fui crescendo, fui vivendo lá e fui conhecendo muitos amigos. A infância sempre foi lá, minha infância todinha, e pessoas boas né? Sempre meus amigos lá, sempre me dei bem quando eu era criança, e o tempo foi passando, passando, e eu sempre vivendo lá.

Era bom, porque assim toda a vida teve uma área de lazer, teve um campo lá para a gente jogar bola, tinha muitos amigos, eu pessoalmente, tive muitos amigos. Hoje já está todo mundo já de idade. Na minha época que eu era criança, tive muitos amigos lá, amigo mesmo, e era bom, porque sempre gostei de jogar bola com eles e a gente sempre só viva junto, assim nunca tive esse negócio de conflitos essas coisas, sempre era na base de amizade mesmo, da amizade forte, de toda a vida a gente foi amigo, de criança, até hoje. Sempre deu bem. Até hoje, aqueles amigos que eu tinha de infância, hoje está todo mundo na fase adulta, todo mundo de hoje é a mesma coisa de quando a gente era criança.<sup>74</sup>

De acordo com os relatos do morador, as relações estabelecidas entre vizinhos eram harmoniosas. Apesar disso, mais adiante iremos analisar outros fenômenos sociais que irão compor a realidade que começou a se formar no entorno da Lagoa das Bateias com a chegada das Urbis<sup>75</sup> e a partir da ocupação do bairro Santa Cruz<sup>76</sup>, o que, embora tenha começado a gerar alguns conflitos de ordem social, como a violência, contribuiu para a boa relação com os vizinhos, o que também é uma marca do cotidiano dessa localidade, pois, mesmo depois de passados anos, o entrevistado ainda mantém vínculo de amizade com os habitantes do lugar.

Em outro relato, as atividades da área eram, além da prática de esportes como o futebol, os encontros nos bares para o divertimento e entretenimento local. Um dos moradores relata:

Aqui era bom, aqui... Depois *nois fomos* crescendo, e eu comecei a abrir uma lagoa, que *nois achou* umas nascentes aí na baixa. Ai *nois começou* a abrir a lagoa, que era um grupo de gente, a galera minha. Todinha, *nois foi* ajeitando, ajeitando, até fizemos uma lagoa e depois fizemos um bar, depois *nois fez* um *campim society pra* gente

<sup>74</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>75</sup> Urbis – Companhia de Habitação e Urbanização.

<sup>76</sup> Ocupação urbana, que foi reconhecido como bairro na década de 1990.

brincar. A nossa diversão era essa, *nois não saia* do bairro não, se divertia aqui mesmo. Até hoje aqui, é raramente que o povo daqui do bairro sai pra fora. Você vê os *bar* aqui mesmo, só fica o povo daqui.<sup>77</sup>

A foto, cedida pelo morador, mostra um pouco dessa realidade descrita por ele.

---

<sup>77</sup>Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

*Figura 1: Lazer nas Bateias na década de 1990*



Fonte: Acervo pessoal de Sr. Wilton Silva Leal.

Foto: Não Identificada.

O momento do encontro para o divertimento no bairro, em primeira instância, foi sendo produzido pelos próprios moradores, como o relato apresentado acima demonstra. Houve a construção de um espaço para a prática de esporte, como também o bar e lagoa para diversão. Esses indícios demonstram certa autonomia por parte da população, no que se refere a contemplar a sua necessidade de lazer.

Todavia, com essas transformações que vão se intensificando na década de 1980 com a construção das Urbis e a ocupação do bairro Santa Cruz, vai sendo modificado o entorno das Bateias, com a mudança de um espaço tipicamente rural a urbano.

Percebe-se, nesse espaço, o movimento da “modernização” como vem sendo discutido nas entrevistas. Trata-se do espaço que no passado se pautava em relações tipicamente rurais, mas que a partir da década de 1980 começa a sofrer alterações, com novos moradores e pouca infraestrutura. As taxas de urbanização foram modificadas e as relações de trabalho também se adequaram a essa nova realidade.

A cidade de Vitória da Conquista passou por um processo abrupto de transformação para se adequar ao intenso desenvolvimento do capitalismo. Essa realidade é discutida por Berman (1987, p. 62):

Ele esboça grandes projetos de recuperação para atrelar o mar a propósitos humanos: portos e canais feitos pela mão do homem, onde se movem embarcações repletas de homens e mercadorias; represas para irrigação em larga escala; verdes campos e florestas, pastagens e jardins, uma vasta e intensa agricultura; energia hidráulica para animar e sustentar as indústrias emergentes; pujantes instalações, novas cidades e vilas a se construir – e tudo isso para ser criado a partir de uma terra desolada e improdutiva, onde seres humanos jamais sonharam viver.

Dessa maneira, fica evidente como não só a cidade, mas também o campo é modificado pelo modo de produção vigente, transformado e condicionado para suas deliberações. A mudança total é necessária para o novo sistema produtivo, que nasce dessas novas relações, que vão se estabelecendo tanto no campo como na cidade europeia e, por conseguinte, se dissemina pelo globo.

Essa mundialização, segundo Berman (1987, p. 89) é demonstrada da seguinte forma:

Antes de tudo, temos aí a emergência de um mercado mundial. À medida que se expande, absorve e destrói todos os mercados locais e regionais que toca. Produção e consumo – e necessidades humanas – tornam-se cada vez mais internacionais e cosmopolitas. (BERMAN, 1987. p, 89)

As mudanças ocorridas nas cidades europeias são um prelúdio do que ocorrerá por todo o globo. Trata-se de uma mudança abrupta, não só do espaço físico, mas das relações sociais contidas nele. A partir da realidade estudada em nossa pesquisa, foi evidenciado, por meio das falas dos entrevistados, que o movimento da modernização impôs novas sociabilidades, ao cotidiano das Bateias.

Para tanto, consequências socioespaciais produzidas por essa lógica repercutiram diretamente na produção do espaço urbano, na perspectiva do direito à cidade (LEFEBVRE, 2001), moradia e dignidade social. Esses são os desafios propostos por um avanço na relação excludente. Como discutiremos adiante, isso se verificou na luta pela moradia e estruturação urbana, que foi uma das grandes dificuldades, segundo as lembranças dos moradores antigos, pois foi um momento histórico de muitas transformações nas Bateias.

### 3.1 OS LOTEAMENTOS E OCUPAÇÕES, A CHEGADA DOS NOVOS HABITANTES

No fim da década de 1980 e na década de 1990, tem-se a intensificação do processo de urbanização na cidade de Vitória da Conquista. Como consequência desse fenômeno, observa-se, no recorte urbano estudado, uma modificação não apenas estrutural, mas social. Dessa maneira, um lugar tipicamente rural vai se transformando e tomando uma estrutura paisagística nos moldes em que se desenvolvem as cidades capitalistas. As fazendas foram sendo transformadas em loteamentos para, posteriormente, tornarem-se bairros e, com isso, tomarem contorno de solo urbano, com as devidas características fundamentais.

No ano de 1988, seu Pedro Moraes, ele vendeu, nessa época que tinha a fazenda, foi vendida a fazenda de seu Aloísio, foi dividida a terra, tinha um morador lá que era seu Zai, seu Zai, o nome dele era Jair, mas a gente chama de seu Zai. Só tinha esse morador antigo de uma parte da fazenda de seu Aloísio. Aí essa parte já foi vendida para um loteamento, loteamento lá. Aí já começou a construir casas, lá no loteamento da fazenda de seu Aloísio. E na outra área *mais*, mais distante, seu Pedro Moraes, vendeu também uma área de terra para o governo.<sup>78</sup>

O trecho acima retrata o momento das primeiras mudanças na configuração espacial das Bateias. As fazendas foram sendo loteadas, tomando o contorno urbano. Desse modo, houve o início da construção de casas e o espaço tomou contornos esteticamente urbanos.

Entretanto, as origens dos moradores que participaram da ocupação são das mais variadas possíveis, como no relato:

Olha, tem morador de Itambé, têm muitos moradores do bairro Patagônia, Kadija, Jardim Valéria, mais Patagônia, Kadija e estão aí até hoje. Vieram de outras cidades também, Itambé, Saltos da Divisa. Aí *pra* dentro tem moradores aí, mais a maioria são de moradores aqui da cidade mesmo.<sup>79</sup>

Em outro depoimento, se tem a seguinte fala:

De todos os bairros, dos bairros em torno daqui tudo. Na época *nois morava* na Patagônia, aí primeiro de abril falaram: “O povo tá

---

<sup>78</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

<sup>79</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

invadindo um terreno, lá de junto do complexo policial”, aí veio eu, painho, meu irmão todo mundo, cada um pegou um pedacinho, e foi indo, foi indo, e foi chegando gente, foi chegando gente, e depois fechou os loteamentos todos.<sup>80</sup>

Dessa maneira, os relatos demonstram que naquele período havia uma crise habitacional na cidade de Vitória da Conquista. A necessidade de moradia levou muitos habitantes a se engajarem na luta por ela, para, de certa forma, sanar uma questão muito delicada, vivida pela cidade naquele período.

Todavia, quanto à infraestrutura urbana desse lugar, como na maioria dos casos da urbanização de muitas cidades brasileiras, as condições são precárias, como afirma os depoimentos a seguir:

Lá não tinha energia, nós lutamos muito, foram muitos políticos lá. Meu pai naquela época, naquela época de comício, naquela época política, meu pai chamava muito. Lutamos pela energia, ao redor todo tinha energia, lá não tinha porque era considerada ainda uma área rural. E aí, na época tinha até Margarida Oliveira foi muitas vezes lá, Pedral, fizeram muitas promessas mais não concretizaram nada. Já era área, já estava sendo área povoada por loteamento. Tinha poucas casas nessas foi destinadas. Se eu não [...] me falha a memória, tem até um loteamento com o nome Recando das Almas, que já fazia parte da fazenda de seu Aloísio, que hoje é Recanto das Almas, que tem lá, que foi vendida. E tem também do outro lado da lagoa na área, tem um loteamento que eu não sei o nome, mais é acima do muro do aeroporto também que foi destinado, já foi acabando, acabando. E ao lado, que era de seu Pedro Moraes aonde era a fazenda, foi destruída é dividida para o Estado e o bairro Santa Cruz. Aí o bairro Santa Cruz, começou a ser construído. Quando foi em 1988, no dia que eu [...] em me casei no dia 18 de junho de 1988, no dia 18, 19 de junho, se não me falha a memória, foi quando chegou a energia para lá, foi em junho, foi em junho de 1988 que chegou a energia para lá.<sup>81</sup>

Outra moradora relata a questão da energia elétrica:

A foi bom na década de [...], já não foi na de 1990, foi em 1989, porque aí veio energia, porque a gente não tinha, água; limpeza pública também não tinha [...], ônibus não tem porque só vem até ali e volta. Os meios de transporte também para a gente foi melhorando,

---

<sup>80</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>81</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

que a gente andava de carroça, aí meu pai comprou um carrinho para a gente, meu tio ali. Ai todo mundo conseguiu um *carrim*.<sup>82</sup>

Os depoimentos descrevem as dificuldades sofridas a partir das mudanças urbanas que foram impressas nas Bateias. Eles demonstram o mau planejamento e gestão pública, porque o espaço não acompanha as dinâmicas que vão sendo instituídas no local. Chegam os loteamentos, mas as dificuldades com energia elétrica e falta de transportes, dentre outros serviços urbanos de extrema necessidade, tardam a chegar às Bateias.

Estamos nos referindo à produção do espaço urbano, na perspectiva de um planejamento que não contempla o crescimento populacional, e que não oferece a infraestrutura básica para o desenvolvimento das relações humanas no espaço citadino. No caso das Bateias, é percebido um elemento a mais nessa problemática, que é o morar na cidade.

Nas cidades capitalistas, o acesso à moradia com dignidade é algo muito restrito, pois o solo urbano torna-se uma mercadoria cada vez mais inacessível. Com alguns movimentos de luta pela moradia, começa a ocorrer o fenômeno de ocupação de terras. Na área estudada, no final da década de 1980, inicia-se um movimento de luta pela moradia nas Bateias, como relatam alguns moradores:

Aí cresceu, teve invasão. Foi quando eu tive meu primeiro filho. Teve essa invasão aqui do Santa Cruz. Começou no dia 1º de Abril de 1987. Quando eu fui ter meu primeiro filho, eu vim praqui, para casa de minha mãe mais meu pai, aí teve a invasão, um grupo de pessoas e começou a invadir. Já tinha começado a urbis 2 e 3, só ficou esse pedaço que é o Santa Cruz. Aí teve a invasão no dia 1º, veio um grupo de pessoas; tudo beneficiado que não era para dizer que não tinha casa tudo tinha casa, aí começou a invasão no dia 1º, marcou no dia 1º e veio cada um marcando seu lote, já começando a construir. Aí teve outras invasões aqui: Santa (...) Santa Maria de Lurdes, Nossa Senhora de Lurdes.<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

<sup>83</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Isso também aparece na fala de outro morador: “Teve a invasão aí na frente do Santa Cruz, que foi na década de 1980. Eu acho que foi, porque não sou bom de data assim não, mais acho que foi na década de 1980”.<sup>84</sup>

Pelas características da luta pela moradia nas Bateias, observa-se uma semelhança com o processo de favelização que ocorreu nos grandes centros urbanos brasileiros, segundo Rodrigues (1991). Eles não partiram de nenhum movimento organizado. Havia essas referidas ocupações, mas algumas pessoas compraram os terrenos. É o que se vê nos relatos abaixo:

Não, minha família é de fora, aí a gente veio morar aqui, mais a gente passou em outros bairros até chegar lá, nessa idade de nove anos. Aí pra mim conseguiu o terreno, meu pai comprou, não foi invadido não. Aí nesse tempo, eu tive que ajudar ele, tinha uma bicicletinha que eu tinha, teve que botar no meio desse negócio, *pra* meu pai conseguir esse terreno. Não foi invadido, foi comprado mesmo. Você vê que tem a escritura tem tudo, tem IPTU, tem essas coisas tudo né? Aí eu tive que ajudar ele, para conseguir esse terreno, eu tive que ajudar ele a comprar.<sup>85</sup>

Já um morador, que preferiu não se identificar, diz o seguinte:

Eu era morador do bairro Brasil, que era muito próximo aí, eu praticamente convivi aqui, e aí quando foi assim [...]. Nessa época foi como eu te falei, eu casei em 1990. Em 1990, eu acertei conta com essa firma que eu trabalhava, teve um acerto de conta. Paguei um dinheiro para comprar um terreno, mais só dava para comprar juntamente no Santa Cruz, porque o dinheiro era pouco, e achei um terreno e comprei. Um terreno feio rapaz, você precisa ver. Era desabitado, só tinha um vizinho só, e o resto era tudo aberto, não tinha muro, não tinha nada. As *ruas* era tudo laderada, quando *chuvia* carro não descia, até para a gente andar nas ruas era difícil.<sup>86</sup>

Um morador; que conseguiu seu pedaço de terra na luta pela moradia, relata da seguinte maneira:

Aqui, quando *nois* viemos aqui *pro* bairro foi em primeiro de Abril de 1987. Aí foi a invasão, aqui era só mato, esgoto, coisa e *nois* mudamos *pr'aqui*, e foi *divagazim*, não tinha água nem luz e *nois*, um

---

<sup>84</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

<sup>85</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>86</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.



ano sem água e sem luz, *nois* ía pegar a água *ai* na Urbis, de lá de cima. Aí era um descaso *desgramado*, e foi *com pouco* e veio a luz, com pouco tempo veio a água, que *nois* teve de cavar as ruas para ter que botar a água. Aí *passou mais uns seis a sete anos*, veio a pavimentação de pedra e hoje, já tá aí, tem água e tem esgoto tudo hoje aí.

Na época, tinha muitas pessoas que não tinha casa, que não tinha moradia nenhuma, e foi numa época que *estava muito desemprego* na cidade. Então, todo mundo vê essa área pública, jogada aos matos aí, sem ninguém tomar conta, aí o povo falou: “Vamos invadir, e todo mundo invadiu”, e foi lutando, lutando, e depois virou bairro. Mais, foi difícil pra conseguir, *mais* conseguimos, todo mundo conseguiu.<sup>87</sup>

Os depoimentos demonstram a complexidade que foi a luta pela moradia nas Bateias, que reflete o quadro social do Brasil. Para os moradores antigos, como se percebe nas falas, esses novos ocupantes não são bem vistos e até tidos como aproveitadores, por se beneficiarem de um terreno sem pagar por ele. Contudo, as falas dos moradores do Bairro Santa Cruz, tanto os que compraram o seu terreno, como os participantes do movimento de luta pela moradia, nos dão uma noção de como essa população carente estava excluída do direito à habitação. É o caso, segundo a fala dos moradores que participaram do movimento de ocupação. Nos seus relatos aparece a questão do desemprego, dentre outras problemáticas sociais. As características que se correlacionam com o processo que se instaura nas Bateias coadunam com a favelização brasileira, porque segundo Rodrigues (1991, p. 43):

A favela caracteriza-se por ser uma ocupação individual e cotidiana, ou seja, aqueles que não têm onde morar procuram um lugar para instalar-se com sua família. Procuram um lugar, conversam com os moradores, já existentes e ao encontra um pedaço de chão, constroem seu barraco, ou então compram seu barraco já pronto. A construção é feita individualmente, ou com a família, ou ainda com ajuda de amigos.

As ocupações ocorrem em bloco, ou seja, um certo número de famílias procura juntamente uma área para instalar-se. Esta ocupação da área ocorre no mesmo dia para todo um grupo. As ocupações caracterizam-se por uma mobilização anterior. As construções embora de responsabilidade de cada família ocupante, são realizadas em verdadeiros “mutirões”, em que as famílias que não contam com homens, são auxiliadas por outras.

---

<sup>87</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Dessa maneira, de acordo com a autora, o espaço estudado se caracteriza com sua abordagem entono do processo ocorrido em São Paulo, onde a formação da favela paulista, que não partiu de nenhum movimento social, e aproxima com a realidade das Bateias, como afirma: “Não, foi o povo mesmo que reuniu, e todo mundo estava precisando”<sup>88</sup> Sendo assim, a marca da luta pela moradia no lugar estudado coaduna com a favelização brasileira, por suas características iniciais, sem partir de movimento social como afirma os moradores.

Na época, tinha  *muitas pessoas que não tinha casa, que não tinha moradia nenhuma*, e foi numa época que estava muito desemprego na cidade. Então, todo mundo vê essa área pública, jogada aos matos í, sem ninguém tomar conta, aí o povo falou: “Vamos invadir, e todo mundo invadiu”, e foi lutando, lutando, e depois virou bairro. Mas foi difícil pra conseguir, mas, conseguimos, todo mundo conseguiu.<sup>89</sup>

Outro morador também faz um relato sobre isso:

Não moço, o Santa Cruz na verdade surgiu de uma invasão mesmo. Aí quando a Urbis tentou tomar os terrenos, não conseguiu mais né, e eles falou: “Já que a gente não consegue, vamos legalizar”. Aí legalizou, isso foi como eu te falei, foi mais ou menos na época de 1985 para 1986, eu não lembro exato,  *mais* foi isso aí.

O pessoal chegou assim, foi num piscar de olhos, todo mundo invadiu, parece que tinha sido marcado assim. Invadiu tudo aí, transformou tudo. No outro dia, começou a levantar o alicerce a fazer casa.<sup>90</sup>

O processo de ocupação do Bairro Santa Cruz está mais relacionado às características da favelização que ocorreu na maioria das grandes cidades brasileiras do aos movimentos sociais, que tem certa estrutura de organização e planejamento na hora da ocupação.

Na continuidade da problematização que começou a ocorrer nas Bateias com a chegada de moradores, no dilema pela luta pela moradia, explodiu outra ocupação, desta vez, situada próximo ao aeroporto. Eis o relato do morador:

---

<sup>88</sup> Idem.

<sup>89</sup> Idem.

<sup>90</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

O Santa Helena foi outra coisa diferente, não teve nada a ver com o Santa Cruz não, foi depois. O Santa Helena também foi “invasão”, mais a terra pertencia a Aeronáutica, eles invadiram. Aí puxaram até na beira do muro do aeroporto. Aí quando a Aeronáutica descuidou, não teve jeito. Expulsou muita gente dali, uma rua ficou, é tanto que o Santa Helena é só uma rua, ali eles não conseguiram tirar mais.<sup>91</sup>

De acordo com o entrevistado, o processo do bairro Santa Helena, mesmo sendo também uma “invasão”, como o mesmo relata, foi diferente por ser uma área federal, que teve uma tentativa de reintegração de posse. Contudo, a permanência de uma rua marca a resistência, pois o Estado não conseguiu retirar essas pessoas.

A relação entre estas duas ocupações, esses dois fenômenos de luta por moradia, está nos conflitos com o Estado.

A respeito do bairro Santa Helena, conseguimos o seguinte relato:

Foi igual ao Santa Cruz, *os moradores que chegou junto*. Agora lá o *trem* foi mais duro, porque a Aeronáutica, exigiu muito do terreno. Teve conflito, muita polícia, com muito trabalho conseguiu tirar. Mais não conseguiu tirar todos, como eu te falei. Só tirou mais próximo do aeroporto, e chegou a ter conflito com a polícia e tudo.<sup>92</sup>

Já no bairro Santa Cruz, o processo foi mais tranquilo, no sentido de intervenção policial para reintegração de posse, como diz morador: “Não, não, não... Conflito com os moradores, nem com a polícia, nem com ninguém não”.<sup>93</sup> Essas falas demonstram a complexidade dos fenômenos ocorridos no entorno das Bateias. No Santa Helena, por ser uma área federal, teve conflito com a polícia, mas também resistência popular. Entretanto, no Santa Cruz, por ser um terreno pouco valorizado, não teve nenhum tipo de intervenção de reintegração de posse por parte do Estado. Dessa maneira, percebe-se o Estado como fomentador do *déficit* habitacional, porque as duas áreas foram ocupadas; e somente o melhor terreno sofreu tentativa de desapropriação. As questões da infraestrutura urbana também são alvo de queixa nos depoimentos dos moradores das Bateias e do Santa Cruz:

---

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> Idem.

<sup>93</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Lá não tinha energia, nós lutamos muito, foram muitos políticos lá, meu pai naquela época, naquela época de comício, naquela época política, meu pai chamava muito. Lutamos pela energia, ao redor todo tinha energia, lá não tinha porque era considerada ainda uma área rural. E aí na época tinha até Margarida Oliveira; foi muitas vezes lá, Pedral, fizeram muitas promessas mais não concretizaram nada. Já era área, já estava sendo área povoada por loteamento.

Quando foi em 1988, no dia que eu [...] em me casei, no dia 18 de junho de 1988, no dia 18, 19 de junho, se não me falha a memória, foi quando chegou a energia para lá, foi em junho, foi em junho de 1988 que chegou a energia para lá.<sup>94</sup>

Outra moradora traz a seguinte fala: “Nós não tínhamos energia naquela época, a energia só foi chegar aqui mais ou menos em 1981, 1982. Não me lembro *de muito bem* a base, acho que nem né 1981 tinha energia aqui. A energia só foi chegar aqui em 1985”.<sup>95</sup>

Os dois depoimentos demonstram como o mau planejamento fica muito evidente, porque mesmo com o “desenvolvimento urbano” na área, a energia elétrica só foi chegar na década de 1980. São relatadas as dificuldades referentes à infraestrutura urbana que os moradores tinham em seu cotidiano:

Lá, quando eu cheguei lá, eram poucas casas, e buracos nas ruas, só você vendo. Tinha buraco nas ruas quando chovia que só você vendo, *cabia pessoas* dentro né. Que lá era uma ladeira, você mesmo viu lá como é que é; você já foi lá, já visitou e sabe como é. Cabiam as pessoas ali dentro nos buracos nas ruas lá. Aí depois foi melhorando né? Na faixa de 1995 pra cá que o bairro foi melhorando, começou a chegar mais gente, foi crescendo, foi tendo *mais população*, aí foi melhorando. Agora hoje você está vendo como é que é lá.<sup>96</sup>

O trecho acima, além de comprovar o que vem sendo dito nesse tópico, em relação ao processo de habitação do entorno das Bateias, com as ocupações do Santa Cruz e Santa Helena, confirma o processo relatado nas entrevistas, quando se trata dos fenômenos ocorridos no local.

---

<sup>94</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>95</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

<sup>96</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

A infraestrutura urbana naquele momento histórico, nos depoimentos, denunciam as contradições na ideia de que o crescimento gera melhorias de cunho desenvolvimentista da produção do espaço urbano nas cidades. Os sujeitos de baixa renda estão submetidos a viver em áreas sem as mínimas condições para uma vida digna.

Alguns relatos de moradores antigos do bairro Santa Cruz em relação a seu processo de ocupação, como já foi dito, dizem que ele partiu da necessidade da população por moradia. Nas falas aparecem aspectos interessantes, como construções coletivas, dentre outras características.

Segundo a fala, foi difícil chegar a água à localidade:

Rapaz, energia elétrica, conseguiu logo, agora água foi difícil, porque a embasa alegava que não tinha material, aí os moradores, reuniram todo mundo, cavaram as valas e fizeram umas vaquinhas; todo mundo dava um pouco e conseguiu comprar uns canos e a embasa não teve como argumentar para não ligar, aí ligou.<sup>97</sup>

Outro morador também confirma esse ocorrido e diz:

Água foi uma luta desgraçada também, aí teve um tanto de reunião, mais de um ano de reunião com o povo da embasa. Ai o povo da embasa chegou e ajudou. Vocês compram os canos, que nois faz a ligação. Aí fez o cano e ficou enrolando e o povo, os *morador* mesmo, começou a cavar, e fazendo a encanação geral, depois veio e ligaram.<sup>98</sup>

Os depoimentos revelam a face espoliativa na luta por moradia, em que os moradores se organizaram para ter os seus direitos garantidos. Todavia, mesmo com essa iniciativa da população, a questão da água ainda demorou a ser resolvida no bairro, como é relatado em uma matéria da década de 1990, em um jornal de circulação local Diário do Sudoeste, que se refere ao abastecimento de água no bairro:

Está com a promotoria pública, Marília Peixoto Fernandes, um documento contendo mais de mil assinaturas dos moradores do Bairro Santa Cruz, Zona Oeste de Conquista, pedindo providências à Embasa em razão de estar faltando água no local a vários meses, prejudicando sensivelmente as mais de quatro mil pessoas que ali

---

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

residem. A promotora revela que o presidente da Associação de Moradores que o abaixo-assinado é capitaneado pelo Presidente da Associação de Moradores daquele bairro, cuja sede da entidade fica localizada no Caminho 06 casa 29.

Arnaldo Moraes Gomes, o presidente da associação, diz já ter mantido contato com o escritório da Embasa e o gerente da empresa, Paulo Santana Bárbara, não teria efetivado providências para solucionar a questão. Foi alegado pela Embasa segundo Moraes, a existência de um problema na tubulação. Por isso que a água cai satisfatoriamente nos Bairros, Brasil, Bateias, e Santa Helena, vizinhos ao Santa Cruz, entretanto neste os consumidores os consumidores ficam privados do abastecimento. “Na parte baixa, cai água em pequena quantidade, mas falta pressão nas torneiras, e os tanques ou caixas d’água em elevados ficam vazias”, fala Arnaldo Moraes.

Há um clima de insatisfação generalizado e de acordo com Marília Peixoto, os usuários cogitaram uma parte da tubulação adjacente, achando que isso desviaria a água para o Santa Cruz. “Eles não podem agir de maneira arbitrária, por isso os convidou e, também, o gerente da Embasa e o Secretário de Obras do município, Geraldo Botelho, para uma reunião”, destaca a promotora, acrescentando que nesta reunião, programada para a próxima quarta-feira (12), no Fórum João Mangabeira, será buscada uma solução para o problema.

O Bairro Santa Cruz tem nove anos de existência. Começou quando centenas de famílias invadiram o terreno adjacente ao Bairro Brasil, sendo uma das primeiras áreas ocupadas por sem-teto a serem registradas em Vitória da Conquista. Os terrenos foram loteados pela Urbis. Muitos moradores já quitaram os seus débitos para com a instituição, e o Santa Cruz é hoje um bairro totalmente legalizado.<sup>99</sup>

A reportagem acima, cujo conteúdo é denunciativo, traz à tona algumas questões pertinentes, não só à “falta de planejamento”, mas o descaso por parte dos setores públicos. Como nos relatos dos moradores, o sistema de encanamento para a água foi feito com ação popular, dessa maneira o abastecimento foi prejudicado. Mesmo com o reconhecimento da localidade enquanto bairro, ainda é percebido o descaso, porque já deveria ter sido superada a regularidade do abastecimento de água.

Outro fator está relacionado com as autoconstruções, que são características das favelas brasileiras. Vejamos outro trecho de um relato:

---

<sup>99</sup> Dados localizados no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista. Diário do Sudoeste, 7 de Março de 1997)

Na época, *as minhas condições financeiras era tão ruim*, que foi através de um mutirão que eu fiz um quarto, uma sala e um banheiro, entendeu? Já tinha um filho, nessa época. Não, eu não tinha um filho, eu casei e minha mulher nessa época estava grávida, mais não tinha nascido ainda. Aí uns colegas meus, veio uns amigos meus do bairro Brasil, veio pedreiro, ajudante, um me deu um saco de cimento, assim aquele mutirão. Isso aí eu fiz a minha casa, a casinha, cobrimos, cobriu, morei nessa casinha, assim como eu moro até hoje.<sup>100</sup>

Em outro relato se tem o seguinte:

Aqui teve um colega nosso que ele só andava bêbado, Edvaldo Repolho. Ele era analfabeto, só que um analfabeto, daquele tipo, daquele cara que sabe muito, e é muito inteligente. Aí ele pegou pela medida da Urbis, as medidas das ruas das Urbis, e foi acertando e fez tudo igual a Urbis, tudo por medição. Mais foi o povo mesmo, quem mediu. Prefeitura nenhuma, ninguém veio fazer nada. Eu tinha sete anos, porque nessa época da minha infância, nois não tinha essa coisa de criança não poder trabalhar. Então nossa infância foi todo mundo trabalhando, aqui era um ajudando o outro, vamos supor, descarregava um caminhão de bloco aqui, todo mundo reunia e ía carregando *pras* outras casas, e ía construindo as casas devagazinho. Era um ajudando o outro, todo mundo construía as casas e todo mundo... A infância nossa foi assim, só trabalho.<sup>101</sup>

Os depoimentos refletem toda a trajetória do habitar nas cidades brasileiras, em específico, dos mais pobres. A produção espacial das periferias tem como características a “falta de planejamento”, o abandono, o descaso por parte do Estado, dentre outras situações. Percebe-se, na área estudada, como os moradores se organizaram e como, a partir da luta, garantiram seu direito à moradia, mesmo essa não sendo digna para a sobrevivência.

Ao pensar na produção do espaço urbano e em suas ideias desenvolvimentistas, deve-se abordar que a lógica excludente do modo de produção capitalista gera essas materialidades. Como o acesso a moradia se torna um bem para poucos, resta para a população pobre a luta por moradia e direito à cidade. A base de sua estruturação, em sua porção capitalista, é se orientar pelas contradições construídas pelo Estado.

---

<sup>100</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>101</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Assim, esse movimento contraditório é umas das características da urbanização brasileira, em que o Estado, em seus projetos de crescimento da malha urbana, não democratiza o acesso aos mais pobres. Dessa forma, eles organizam-se de maneira a reivindicar seus direitos a partir da luta pela moradia.

### 3.2 NOVOS BAIRROS E NOVAS EXPRESSÕES DE SOCIABILIDADE: A CHEGADA DA VIOLÊNCIA

Como discutido, as transformações ocorridas nas Bateias, nas décadas de 1980 a 1990, em Vitória da Conquista, ocorreram de forma abrupta, a partir da intensificação do seu processo de urbanização. No capítulo anterior, discutimos o cotidiano citadino das Bateias, que, entre as décadas de 1950, com a chegada dos primeiros moradores, e a década de 1970, teve as relações estabelecidas entre os vizinhos, até certo ponto, de modo harmonioso, com divisão de trabalho nos momentos das festas, e até em algumas colheitas. Com o passar do tempo, de acordo com os depoimentos, quando chegaram as novas habitações, tanto as da URBIS, que foi um empreendimento do Governo do Estado da Bahia, como as ocupações, em que pessoas carentes estavam em busca de moradia, a sociabilidade começou a ser modificada. Dessa maneira, alguns fenômenos típicos das periferias pobres de algumas áreas urbanas brasileiras como: São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, começaram a aparecer na área estudada, como é o caso da violência.

As transformações ocorridas em Vitória da Conquista, nessa fase, estão ligadas a um processo mais amplo, a intensificação da urbanização na Bahia. Essa complexidade, impulsionada pelo modo de produção capitalista, que gerou a urbanização brasileira, é refletida em todas as regiões da nação, em que, de acordo com as necessidades das elites locais, se adota um modelo concentrador específico, como é o caso da Região do Nordeste e da Bahia, em específico, cuja urbanização se concentrou na Região Metropolitana de Salvador de acordo com J. Santos (2009). Isso demonstra como o processo de urbanização é excludente e concentrador de investimentos. Seu avanço, na lógica capitalista, não promove, necessariamente, melhoras ou benefícios para os trabalhadores.

Outro fator de extrema importância, como aponta J. Santos (2009, p. 502), é o entendimento teórico do processo de urbanização baiana. Segundo ele:



[...] para quem deseja pesquisar as cidades ou outros espaços urbanos existentes na Bahia, o grande desafio é articular as dinâmicas e processos que ocorrem no conteúdo da urbanização, o que indica pensar o que é geral, as verificadas no âmbito intra e inter-urbano, ou seja particular. Nesse sentido, cabe investigar as consequências de tais modificações tanto na rede urbana, ou seja, nos mecanismos e lógicas que articulam as cidades no território, quanto no espaço intra-urbano.

Esse entendimento sobre as consequências da urbanização baiana é de suma importância para a percepção das alterações ocorridas no território do Estado. É preciso focar no entendimento de como os processos globalizantes se articulam com as especificidades locais. Isso irá definir toda a configuração dessas transformações e caracterizações específicas do caso baiano.

Dessa maneira, não distante da realidade do Estado da Bahia, a cidade de Vitória da Conquista, no que se refere ao seu processo de urbanização, vai também se adequando à lógica capitalista de desenvolvimento urbano. De acordo com as narrativas dos moradores das Bateias e do Bairro Santa Cruz, um fator muito marcante na memória dos moradores dessa localidade, nesse referido momento histórico, é a violência que toma conta do bairro.

No passado, entre as décadas de 1940 a 1970, segundo as entrevistas, a falta de infraestrutura também fazia parte do cotidiano dos moradores, e, além disso, o fenômeno da violência se instaurou, especificamente com o tráfico de drogas, os roubos e os assassinatos. Segundo a fala dos moradores, esse quadro começa a se configurar nas Bateias a partir da ocupação do bairro Santa Cruz:

Aí já tinha o bairro Santa Cruz, aí já foi uma coisa mais diferente. Muitas pessoas estranhas, pessoas de todo os níveis assim de vida e começaram a fazer barracos, pessoas começaram a invadir terras, aí acabou nossa paz, acabou nosso sossego. A partir desse momento, já começou a acabar nossa tranquilidade, construindo casas, pessoas de todas as espécies de todos os níveis de cultura de [...] níveis sociais foram se misturando e aí agora acabamos a nossa paz, acabou a nossa tranquilidade, tinha pessoas também que iam fazer uso de drogas lá. Eu sofri muito, nessa época aí. Agora já acabou minha tranquilidade, eu jovem, eu comecei a trabalhar desde os 18 anos, trabalhava na escola São Marcos, depois eu comecei a trabalhar pela prefeitura, né? Trabalhei três anos na escola São Marcos, depois eu me formei em 1986 e fui trabalhar pela prefeitura

e aí eu já não tinha mais tranquilidade de ir para a escola, porque devido a essas questões aí.<sup>102</sup>

Em outro relato:

Aí começou né? Você sabe que juntou mais gente, inclusive entrou mais gente para mexer nas coisas da gente, porque na época era tudo aberto, não tinha nada fechado. Para você passar para o sítio, você passava um por dentro do outro. Quando *começou as "invasões"*, aí começou muito roubo, muita coisa feia, inclusive até morte. Por aí a gente via. Mais foi bom o povo ter chegado, porque a gente ficou dentro disso aqui né? Começou a crescer e aí veio essa de trás também. Só que essa de trás eu não lembro não, foi depois do aeroporto.<sup>103</sup>

Dando continuidade às entrevistas, uma moradora antiga dá o seguinte relato: “Aí foi um perigo que teve; *muito invasão* e nessas invasões vieram gente de todas as espécies, muita droga, muita droga, boca de fumo<sup>104</sup>, muita violência mesmo. A gente tinha até medo de sair na rua”.<sup>105</sup>

Conforme os relatos, entender a problemática que começou a surgir no cotidiano desses moradores é entender como o avanço da lógica capitalista no espaço urbano Conquistense alterou de forma degradante a convivência entre os moradores.

Trata-se de um contraste com um passado em que os vizinhos deixavam as portas abertas, não tinham muros para dividir o limite das propriedades, como relata moradora: “Continuou, só que assim, tudo dividido. Antigamente era tudo junto, junto assim, porque não tinha divisórias, você vê que aqui tem todo mundo dividido, antigamente não tinha”.<sup>106</sup> A demarcação dos terrenos com a construção de muros é um marco na mudança espacial. Tem-se outra configuração, tanto territorial quanto social na vida dos indivíduos. Essa convivência nostálgica que vem à

---

<sup>102</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>103</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>104</sup> Ponto de venda de narcóticos.

<sup>105</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

<sup>106</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

memória dos entrevistados sobre passado das Bateias, na década de 1980 e 1990 se transforma, pois o medo e a insegurança, gerados pela violência do tráfico de drogas e roubos, passaram a dominar no espaço. A problemática do tráfico de drogas é muito abordada pelos moradores como uma coisa ruim, que causava muitos transtornos no bairro. Em outro relato se tem o seguinte:

Foi muito perigoso, porque vamos supor, que *os moradores que fundou o bairro*, a maioria mudou para outros cantos, eles teve a melhoria de renda, então, mudou *pra* outros bairros melhores, e foi vindo gente de fora de outros bairros, e começou a agregar junto com a gente, aí começou a vender droga, começou a matar gente, começou a roubar.<sup>107</sup>

Dessa maneira, não distante do que foi o processo de favelização no Brasil, a realidade das Bateias tem uma nova configuração, o mau planejamento da malha urbana trouxe graves consequências para os ocupantes da região. De um passado tranquilo passou-se a uma realidade submetida à violência. Uma das características de aglomerados urbanos, que crescem sem a mínima estrutura para dar condições dignas de moradia às pessoas que necessitam sobreviver. Vê-se um espaço em que, cada vez mais, o valor de troca impõe uma sociabilidade baseada nas contradições geradoras da miséria e da violência, como no caso estudado.

O interessante é que em muitos casos, a violência não parte somente dos moradores, ditos “criminosos”, que muitas vezes, por condições de vida precárias, entram para o mundo do crime, mas do Estado, que, através de seus representantes praticam atos bárbaros. Dessa forma, a violência relatada por muitos moradores, parte do Estado, através da Polícia Militar. Segue outro relato:

Uma vez, eu me lembro muito bem, estava meu filho pequeno Janderson de dois anos e meu pai, molhando as hortas. A polícia estava em troca de tiros com os marginais e a polícia viu atrás em direção, quase meu pai ía sendo morto, dois marginais algemados saltaram a cerca, e a polícia, imediatamente, na velocidade tão grande cercou a casa inteira e saltou também para o terreno de meu pai. Foi uma invasão também, uma falta de respeito, falta de respeito com a gente, porque eles deveriam ver que nós éramos moradores dali, família de bem, e eles sem pedir autorização, entraram, invadiram, mesmo que eram marginais, mais se de repente tivesse meu filho de dois anos, meu pai e tivesse uma bala perdida? Iria ceifar a vida do meu pai e do meu filho e a polícia ia ficar como? Iria ter alguma indenização? Normal? Isso foi uma falta de respeito. A

---

<sup>107</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

polícia simplesmente não tinha respeito, com a nossa vida ali também, além de ter essa coisa da marginalidade que foi crescendo, o índice de crime e marginalidade que foi crescendo, mais a polícia também não tinha respeito pelas famílias ali. Chegava mesmo e nem avisava. Foi terrível, nós ficamos sobressaltados com aquilo. Foi aceito que tinha muitos bandidos ali como eu falei antes, que tinha as casas e os barracos, que ficou tipo uma favela, a gente morando no meio de uma favela, pessoas de um nível social baixo e pessoas que vieram para aproveitar a questão da invasão, para se esconder da sociedade, marginais e foram morar ali. E aí eram procurados, e aí acontecia que virava e mexia era troca de tiro ali. A gente não podia mais sair à noite, quando a gente ía sair à noite, a gente tinha medo, por causa das árvores, porque tinha muitas árvores e a gente ficava com medo de eles estarem escondidos ali.<sup>108</sup>

Esse relato demonstra a complexidade que começou a compor a realidade das Bateias. Segundo os moradores, a falta de respeito por parte da Polícia era frequente. A maioria dos habitantes do bairro era composta basicamente por trabalhadores, sendo assim não haveria motivos para tal brutalidade nas ações policiais, como se tem em outro relato de uma das moradoras:

A polícia fez um cerco fechado; *entrou vários policiais*, por faixa de mais de trinta policiais e cercaram a minha casa, depois que acabou todo o processo e nós fomos ver, tinha vários carros da polícia, dois na frente: um na frente do portão, outro na subida que já estava no começo aí, já tinha o bairro Santa Helena e Nossa Senhora de Lurdes, já tinha esse bairro Nossa Senhora de Lurdes, lá em frente e estava no começo do bairro Nossa Senhora de Lurdes, que é em frente onde é a casa do meu pai. É eles cercaram a área de terra para matar um bandido perigoso, *que é por nome "Foca"* que eu não sei o nome dele mais era conhecido como vulgo de Foca. Eles já tinham fechado o cerco dois dias antes, ele já tinha saído e caído dentro das tabuas da lagoa, se escondido. Aí a polícia chegou à noite, já tinha tido troca de tiro com ele de manhã, dois dias antes tinha tido troca de tiro e ele fugindo. A polícia o que fez? Cercou a nossa casa, como se nós fossemos bandidos, foi pelo fundo e pela frente, cercou a área todinha, várias viaturas e vários pelotões. Aí nós ficamos com medo das retaliações depois, justamente porque já tinha pessoas de má conduta lá no local, aí nós ficamos com medo de denunciar e acontecer uma tragédia com meu filho, com minhas irmãs, com minha família... meu pai já idoso.<sup>109</sup>

Outro morador do bairro Santa Cruz diz:

A polícia, quando falava era do Santa Cruz, era ladrão, pancada na cara de todo mundo. Na época era assim, hoje não. Hoje a polícia

---

<sup>108</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>109</sup> Idem.

respeita, sabe que todo mundo não é *ingual*, e ficou beleza. Antes não. Antes dava sete horas, oito horas, você não podia mais sair na rua, porque era na época da D20, e se a D20 pegava já era, levava para o Sete Campo e quebrava no pau. Hoje não, hoje todo mundo respeita, é mais tranquilo. Hoje a polícia tem respeito por todo mundo.<sup>110</sup>

Analisar a falta de preparo da Polícia Militar, dentre outros fatores familiares ao cotidiano dos moradores de periferias pobres do Brasil, mais especificamente, o que esses moradores sofrem nas ações policiais, nos ditos “combates ao crime”, passa a ser um fator possível de sistematizar. Quando lançado em uma análise científica, é possível perceber como esses indivíduos são privados do seu direito de ir e vir, ora por medo dos “bandidos” os traficantes da área, ora por temor das ações policiais equivocadas. Além disso, o seu acesso ao espaço urbano, em seu uso democrático, é limitado.

O interessante, no final da fala da moradora, é que um dos receios era o de denunciar a ação truculenta dos militares, porque eles também estarem envolvidos com o crime na localidade. O questionamento que nos vem à tona é sobre até que ponto esses moradores estão seguros? Como criminalizar essa população pobre, que, na maioria dos casos, não está envolvida com o crime, embora, em grande parte dos casos, entra por uma necessidade de sobrevivência? Em uma cidade que cada vez mais exclui o sujeito de direitos básicos, sendo a polícia mantedora da ordem pública, como explicar a sua relação com o crime?

Questões como essas devem ser refletidas em um âmbito estrutural, para não cair em equívocos de criminalização da população pobre, dentre outros atributos sociais que cabem a essa classe social. Dessa maneira, ao ultrapassarmos a forma e analisarmos o conteúdo das relações inerentes às cidades capitalistas, percebemos que o crescimento urbano com mau planejamento redundará em problemas graves, como o crescimento do tráfico de drogas e o crime organizado.

No que se refere ao relato da morte do bandido conhecido como “Foca”, outro morador traz uma diferente narrativa de sua morte:

Esse Foca era o cara mais ladrão que tinha aqui na cidade. Ele roubava tudo que ele achava. Uma vez ele chegou na casa da

---

<sup>110</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

vizinha, ela fez um cuscuz e botou pra esfriar, [risos], ele foi lá e roubou o cuscuzeiro com cuscuz com tudo, e as panelas de alumínio da *veinha* e tudo. *Nois ficou* com pena e aí ajuntou todo mundo para bater nele e ele sumiu. Aí passou um tempo, passou um tempo, ele foi num bar de um rapaz e roubou umas coisas de um rapaz lá. Aí depois, uns cinco meses depois, ele apareceu e foi lá querer bater no cara e o cara deu duas facadas nele e ele morreu.<sup>111</sup>

Mesmo que os relatos do falecimento desse criminoso se deem de forma diferente, o interessante desse personagem são os novos atores sociais que vão se consolidando espacialmente nas Bateias. Este contraste da realidade, um passado tranquilo que se transforma e se adequa às características de ordem global, que é o tráfico de drogas nas cidades contemporâneas aparece em todo o trabalho. Figuras como essas do relato, são comuns nos espaços citadinos modernos. Nas favelas, especificamente as brasileiras, a figura do narcotraficante que domina as relações sociais estabelecidas na localidade são comuns em diversas cidades.

Entretanto, como vem sendo discutido, nem todos participavam, ou estavam envolvidos com os criminosos, conforme relata um morador:

Tinha muita violência entendeu? Naquela época tinha muita briga, era um bairro que era muito festivo né? Tinha muita festa e tinha muito conflito assim de briga de pessoas em festas, divertindo, aí vira e mexe terminava em briga, mais eu mesmo, popularmente em minha parte, eu nunca tive conflito com ninguém. Nunca briguei assim, agora mesmo, estou com trinta e nove anos, lá mesmo eu vivi a minha infância, vinte e tantos anos lá e nunca briguei, ali, nunca briguei em lugar nenhum, com ninguém. Eu sempre fui muito bem recebido lá até hoje.<sup>112</sup>

Ao comparar essa entrevista com as dos moradores mais antigos, percebe-se o preconceito sofrido pelos moradores do Santa Cruz, bairro que foi construído a partir da ocupação. Na maioria dos relatos, são os moradores dessa localidade que são culpados pelos transtornos que começaram a ocorrer no bairro.

Como se percebe no relato acima, a moradora explica que nunca esteve envolvida em nenhuma atividade ilícita ou promoveu algum ato de violência contra outro morador. A sua história de vida é constituída de muito trabalho e luta, conforme aparece em sua fala, no capítulo anterior, quando ela trata da infância e da

---

<sup>111</sup> Idem.

<sup>112</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

adolescência com uma fase de muito labor e responsabilidade em busca de melhores condições de vida.

Todavia, a história de vida de Marquinhos é uma exceção à regra de vida dos jovens de periferias pobres do Brasil. Na maioria das vezes, ou eles são seduzidos pelo crime ou entram por escolha mesmo, pois optam pelo modo dito mais fácil, pela marginalidade. Dessa maneira, muitos morrem antes da realização de um sonho, este, muitas vezes norteado pelo consumo ditado pela sociedade mercadológica.

Sobre a relação entre os moradores do bairro Santa Cruz com os criminosos, se tem o seguinte relato:

Lá, os moradores de lá, porque você sabe assim né, que todos os bairros quando têm esse tipo de gente com os moradores, eles sempre têm respeito. Eles já agem mais com quem vem de fora e vai para outros tipos de bairro, porque eles sabem que lá dentro, eles não querem que outras pessoas não cheguem para tomar conta do terreno deles. E com a gente lá não, toda a vida teve a parte de respeito. Você vê que todo mundo respeitava, todo mundo vivia em seus lugares né? A rua passava no meio *deles tudo* e eles sempre respeitavam a gente. Nunca teve aquela falta de respeito com ninguém.<sup>113</sup>

O trecho acima é esclarecedor, no sentido de um estabelecimento de respeito entre os moradores, pois havia uma tolerância mútua. Entretanto, com os habitantes antigos das Bateias isso não se repetia, porque, segundo essa entrevista, se tinha a seguinte realidade:

Eu mesmo ali, quando eu estava com meu sítio, aquele que eu comprei o outro, que eu falei com você que eu tinha vendido para Pedral, e comprei outro, eu fui um pouco perseguido quando criou aquele bairro ali o Santa Cruz. *Vinheram* as perseguições né? Às vezes fui até roubado no meu sítio ali. Às vezes chegava em casa faltava coisa, roubavam coisa dentro de casa. Às vezes até dentro do sítio mesmo, eles vinham roubar, assaltar ali as coisas. É, a gente tem bons vizinhos, tem bons vizinhos né?, *mais* também tinha outros que atrapalhavam a vida da gente.<sup>114</sup>

Segundo esse depoimento, os graus de complexidade das relações que começaram a se estabelecer nas Bateias vão do conflito com os novos moradores à

---

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

coexistência da sociabilidade antiga. No que se refere à amizade conservada com antigos vizinhos, uma moradora diz:

[...] pessoas que me ajudaram muito também. Como eu saía para trabalhar fora, eu trabalhava no Simão, trabalho até hoje no Simão, aí eu tinha sempre pessoas para cuidar dos meus filhos, aí nessa parte também eu não posso descartar, porque foram criadas também boas amizades sólidas, que tem até hoje também: tem Bilú, eu nem sei o nome dela direito, *mais* a conheço como Bilu, tem seu Cazim, tem Neide. Muitas pessoas assim, boas que se juntaram a gente, eu não posso generalizar que lá só tem pessoas de má conduta, de má índole, de pessoas marginais. Mas também, nós criamos um círculo de amizade também com pessoas boas, Dona Ana, que até já faleceu, Neide, seu Rosalino, Bilu e Dona Santinha e outras pessoas, seu Nandi e aí foram pessoas que nós começamos a conviver, pessoas boas, uns ainda continuam morando lá, ouve um crescimento muito grande né? Outros já descartaram as casas, já venderam, outros faleceram também, mais não pode generalizar que foi ruim. Ficou perigoso, mas também foi uma coisa boa, porque nós também começamos a ter outros amigos também, a se socializar com outras pessoas também, conhecer outras pessoas né? E me ajudaram também, essas pessoas me ajudaram muito na criação de meus filhos, que eu saía para trabalhar e eles tomavam conta, tomava conta de meu pai, meu pai ficou viúvo né? E aí ele ficou muito só.<sup>115</sup>

O interessante nesses trechos é que mesmo que as relações tenham mudado de forma tão abrupta, com a convivência desses novos moradores que chegaram às Bateias, que começaram a compor uma realidade de crimes, além das outras problemáticas socioespaciais, ainda há a construção de novas amizades. Dessa forma, pensar na lógica que vai compondo a realidade estudada, entre as imposições que o formato capitalista foi configurando no espaço, na construção de novas sociabilidades, na maioria das vezes de modo turbulento, não deixa de existir ainda aqueles aspectos do passado, como a boa vizinhança.

Destarte, pensar nas alterações cotidianas vivenciadas pelos cidadãos das Bateias é pensar dialeticamente a composição e a transformação que Vitória da Conquista sofreu em seu passado recente, no qual, não distante das ordenações globais impostas pelo capitalismo, convive-se cotidianamente com os fenômenos construídos em escala local. Dessa maneira, demonstra que mesmo sendo totalitário, o modo de produção capitalista não hegemoniza as relações no espaço geográfico.

---

<sup>115</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.



### 3.3 A CONSTRUÇÃO DO PARQUE AMBIENTAL DA LAGOA DAS BATEIAS E AS MUDANÇAS NOS BAIRROS

As transformações que ocorreram nas Bateias, levantadas nas entrevistas com os moradores antigos, os primeiros a se instalarem, mostram o passado numa relação basicamente rural. Ao avançar para as décadas de 1980 e 1990, há uma transformação abrupta com a chegada de novos moradores, na luta por moradia ou através dos programas de habitação, que redundaram em mudanças profundas socioespaciais na localidade estudada.

Na década de 2000, se tem outra grande transformação, que foi a construção do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias. Dessa maneira, as mudanças estruturais e sociais também ocorreram. Contudo, se dá de outra maneira, com avanços estruturais, e conflitos com os moradores. Como já foi dito através das fontes, no passado, alguns políticos vislumbravam a construção de um equipamento de lazer nas bateias, conforme relatos já apresentados anteriormente:

Moço, essa lagoa já é projeto do tempo de Pedral. Inclusive Pedral, eu já vi ele várias vezes quando ele era prefeito aqui na lagoa. Ele entrava aqui, mais a agente não sabia, o que ele vinha fazer aqui né. Na época de Pedral já tinha ocupação aqui, chegou a atingir o primeiro mandato dele, ele passou para Murilo, não sei se você lembra.<sup>116</sup>

Essa área de lazer, da Lagoa das Bateias, ela foi executada agora no Governo do PT, mais isso é um projeto de Pedral, isso era um projeto que sempre estava na mente dele, sempre estava no projeto dele, mais com o passar o tempo, ele saiu e não participou mais né? Da política, entendeu? Aí caiu no governo do PT. Mais isso aí, foi uma influência, foi criado, entendeu, na época de Pedral, e o projeto dele, com toda certeza, com toda veracidade, o projeto dele não era aquele. O projeto dele era coisa, eu não estou aqui condenando, mais o projeto dele, era um projeto mais arrojado.<sup>117</sup>

De acordo com os depoimentos supracitados, já no passado, se cogitava, por parte do ex-prefeito, José Pedral, a construção de um equipamento de lazer nas Bateias. Entretanto, isso não foi efetivado em sua gestão. Segundo as entrevistas, o motivo foi por não ter dado continuidade a mandados políticos que permitissem a construção da obra.

---

<sup>116</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>117</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Dessa maneira, a obra parece soar mais como um comentário que se espalhou no imaginário dos habitantes, do que um projeto estruturado por parte do governo municipal. Até porque, em outra fala se tem a seguinte afirmação: “Não a gente, todo mundo sabia que existia esse projeto, a gente não sabe como, *mais* o pessoal sabia. Agora Pedral nunca chegou à comunidade para falar sobre isso não”.<sup>118</sup> O que norteia essa discussão está mais no âmbito da especulação do que em um projeto propriamente estruturado.

As problemáticas vão se consolidando com o crescimento desordenado que ocorreu nas Bateias, quando se pensa nas primeiras investidas do Estado, na construção do desvio da água da Serra, que na verdade só veio a prejudicar a vida dos moradores. Ainda que tenham sido indenizados, alguns perderam casas e parte do terreno com as inundações. Sem falar no aumento das enchentes, quando chegava à época das chuvas das águas.

Na metade da década de 1990, algumas mudanças na estrutura urbana da área começaram de forma pontual, especificamente no bairro Santa Cruz, como relata um morador:

Murilo veio e calçou o bairro aqui todinho de pedra, todinho não, entre aspas, calçou as principais, tudo de pedra. Aí o bairro já não tinha muita fama, só tinha fama de vagabundo, dessas coisas, aí depois que começou a calçar as coisas, aí melhorou bastante. Que aí aquelas pessoas ruins, que tinha já, *começou saindo mais*, aí Deus abençoou.<sup>119</sup>

Outro morador também traz esse ocorrido e diz: “Na época o prefeito era Murilo Mármore, inclusive foi Murilo Mármore quem fez o calçamento de pedra do bairro Santa Cruz né? Foi Murilo Mármore”.<sup>120</sup> Nas falas, é percebido como, aos poucos, os representantes públicos veem a responsabilidade de gerir essa localidade. Contudo, isto se deu com o processo de muita luta e pressão por parte dos moradores do bairro Santa Cruz.

---

<sup>118</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>119</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>120</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Com a mudança de governo no plano municipal na década de 1990, as políticas em relação à produção do espaço urbano começam, paulatinamente, a serem modificadas, como se tem na seguinte entrevista:

Inclusive, ficou alguns acessos sem calçar também, só fez *as ruas principal*, inclusive agora a dois anos atrás, nós formamos uma comissão de moradores e fomos no prefeito Guilherme Menezes, e pedimos o calçamento das outras ruas, que tinha faltado e ele cumpriu. Hoje está tudo na pavimentação, não tem mais problema nenhum.<sup>121</sup>

Esse marco representa toda uma mudança no quadro político municipal, que repercute diretamente nas relações estabelecidas na cidade, e em específico no espaço analisado. Essa nova configuração é o prelúdio para o que ocorrerá no mandato do ex-prefeito José Raimundo, do PT – Partidos dos Trabalhadores.

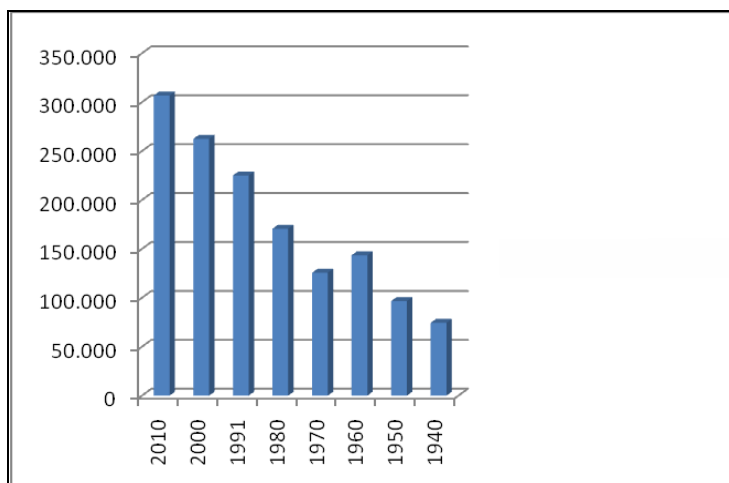
Dessa forma, inicia-se um processo de alteração espacial que representa uma grande transformação, não só estrutural como também social, nas Bateias e nos bairros que surgiram com o crescimento da cidade de Vitória da Conquista.

Segundo os dados estatísticos, tem-se o seguinte quadro do crescimento populacional da cidade. Da década de 1991 para a de 2000, há um crescimento populacional de mais de 50 mil habitantes no município, que em sua grande maioria era concentrada em seu distrito sede. Logo, com o aumento da população, advindo das imposições capitalistas, surgiram novas demandas e novos paradigmas para solucionar os problemas oriundos desse fenômeno que se instaura na cidade de Vitória da Conquista. Como se vê no gráfico abaixo:

*Gráfico 2: Crescimento Populacional de Vitória da Conquista/BA – 1940 a 2010.*

---

<sup>121</sup> Idem.



Fonte: IBGE – 1940 a 2010.

Contudo, dentro dessa lógica, surgiu a necessidade de construção de um equipamento de lazer que suprisse a necessidade, não só da população local, como também de toda a cidade e região. Nessa perspectiva, o que ocorreria daqui para frente seriam mudanças substanciais, tanto na infraestrutura da localidade, quanto no cotidiano citadino, quer terão uma mudança radical.

No mandato do ex-prefeito José Raimundo se consolidou um novo paradigma para a realidade vivenciada pelos moradores do entorno da Lagoa das Bateais. De uma mudança abrupta nas décadas de 1980 e 1990, com a intensificação do processo de urbanização e os diversos problemas de ordem socioespacial, o lugar passou, na primeira década dos anos 2000, por outra transformação. Foi iniciada a construção do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias. Com isso, houve uma nova mudança na estrutura e também nas relações estabelecidas entre os moradores.

As primeiras investidas na obra de construção do Parque começaram pelo contato com os moradores e com a apresentação, por parte do poder municipal, do projeto de construção, que só foi apresentado verbalmente, não tendo os moradores acesso à sua elaboração. Começamos primeiro, com as reuniões para apresentação do projeto. Seguem-se alguns relatos:

Me chamou na EMURC, na época de [...], na faixa de 2000, quando começou a pensar no projeto da lagoa. Aí eu mesmo não estava nessa época aqui não, quem estava mesmo foi a minha esposa. Aí chamou ela lá, inclusive ela ainda ficou com medo de [...] a gente não ter onde morar mais né? Mais só que eles avisaram que quando fosse ter a obra, eles iam deixar a gente *arranchado*. Que ía

indenizar, ía dar outro lugar para a gente morar. Indenização assim, em termos de bens para você morar, para não ficar sem moradia.<sup>122</sup>

Outro morador relata: “Eles vieram e falaram com os moradores, e falaram que o povo: ‘ó, vocês tem quatro dias para desocupar sua casa, você vai receber outra casa em tal lugar’, a deles era assim”.<sup>123</sup> Já o senhor Paulo César fala desta maneira:

Eles chamaram todo mundo para reunião, algumas casas que iriam sair, explicou o local, o projeto e tal, teve as reuniões até chegar, na construção da lagoa, inclusive, *muitos moradores, não queria* sair de suas casas, entendeu? Foi muito trabalho e aí, fizeram uma casa acima do CAIC, uns chamam até Cidade de Deus hoje, não sei se você sabe, o Bateias II, e muitos moradores foram para lá, desapropriados.<sup>124</sup>

A partir dos relatos acima, observa-se que as primeiras investidas do poder público, ainda na apresentação do projeto, já suscitam a insatisfação de alguns moradores. Entretanto, nos depoimentos está embutida a questão da perda que representou a construção do Parque. Alguns se sentiram beneficiados e outros lesados. Mais à frente, essa problemática será discutida.

Com a apresentação do projeto para população, principalmente para os atingidos pela obra, iniciou-se outro processo, que foi também apreensivo. As reuniões com os moradores para questões relacionadas com indenizações e outros assuntos eram bastante tensas, como é verificado nas falas:

*Todas eu participei.* Era tensa, porque vamos supor você tem uma casa e mora há trinta anos na casa sua, que você construiu com as suas próprias mãos, uma pessoa vai chegar lá e falar que você tem que sair no outro dia *pra* uma casinha bem *piquininha*, *na onde* você não conhece ninguém, como você se sentiria? Você não se sentiria mal? Aí vamos supor, meu pai tinha setenta e dois anos, ele tinha um sítio, tinha as lagoas, no DVD, você vai ver que tinha *as lagoas tudo*. Aí ele chegou para meu pai e falou: “O senhor tem três dias para o senhor desocupar isso tudo aí, *nois vamos* derrubar isso aqui tudo”, meu pai entrou em depressão, ficou oito meses num balão de oxigênio, até que deu um enfarte e morreu. Agora imagina. Seu Pedro também, e muitas pessoas que morreram que saíram

---

<sup>122</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>123</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>124</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

daqui, foram para o Bateias II, lá em cima, os vagabundos, roubavam e matavam. Duas pessoas morreram lá em cima, matados no Bateias II.<sup>125</sup>

Em outra fala:

Eles fizeram a reunião né? Foi no tempo da Secretária Marcia Pinheiro, mais foi uma coisa que não cumpriu, porque eles fizeram a reunião, e o que eles falaram não cumpriram. *Fiquemos* prejudicados né? Nós que justamente, *fiquemos*, fizemos a reunião, fizemos a parte deles nós fizemos tudo direitinho, só que do lado da gente eles não fizeram. O que eles prometeram *eles não feis*, agora que nós cedemos aqui para eles fazerem a obra né? Nós fizemos do jeito que eles quiseram lá, né? Agora lá, na gente, a gente tinha casa, foi perdida aí ó, dentro dessa lagoa aí, brejou isso aí. A gente perdeu aí várias casas, uns eles pagaram, outros não. Eu mesmo não recebi, não fui indenizado.<sup>126</sup>

Dando sequência aos depoimentos se tem:

A meu filho, eles apresentaram muita coisa que não estão cumprindo nada aí. Nas reuniões teve muitas brigas. Eles chegavam e falavam umas coisas, uns aceitavam outros não. *Falava* que ia dar tanto para fulano, tanto, que a gente não ia precisar muito, que isso aqui ia ser um benefício, que ia ser um ponto de lazer. Tanta promessa que eles fez, e hoje tu tá vendo como está lá. Só tem o que lá?<sup>127</sup>

Nos trechos acima, percebe-se que os conteúdos das reuniões eram difíceis de serem resolvidos, sem que uma das partes não se sentisse lesada, principalmente, no tocante aos moradores. Essa problemática se instaura principalmente por causa das indenizações. As reclamações dos moradores são muitas. Vejamos: “Essa lagoa aí, a indenização foi pequena, não dá nem pra falar o valor disso aí. Eu sei minha terra aí que foi indenizada, foi 3.800 metros, a prefeitura desapropriou, e o valor recebido foi 7.150 R\$”.<sup>128</sup> Já em outra fala o morador relata:

O nosso terreno aqui, quando *nois tinha* o sítio, era um alqueiro de terra, *nois tinha* pasto de vaca, *nois criava* as vaquinhas, tinha os carneiros, tinha os cavalos, *nois tinha* quatro tanque de peixe. Tinha

---

<sup>125</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>126</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Hermínio Ribeiro do Prado, em 12 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>127</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>128</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Hermínio Ribeiro do Prado, em 12 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

uma piscina que era sete metros de frente, por trinta e seis de comprimento, por dois metro de fundura, na sede também tinha um bar, tinha uma lanchonete, tinha duas casas, tinha uma garagem de um caminhão, e tinha um campo socyte. *Eles indenizou* a gente na época no valor de cem mil. Aí eles deu três casas no Bateias II, sete mil em dinheiro, e um terreno na quina do outro lado de lá, *pra indenizar* a gente. Mais, mesmo assim, a indenização não valeu nada, porque, por causa disso o meu pai morreu, então, eu perdi a melhor coisa que tinha.<sup>129</sup>

A moradora Neuma diz:

Eu tenho muitas lembranças, tenho muitas saudades, porque hoje quando eu olho que eu vejo só aquela área de terras devastadas ali com um canal passando dentro do terreno do meu pai, meu pai sofreu muito, inclusive nós acreditamos, meu pai sofreu uma crise depressiva, ele sofreu, deu três AVC – Acidente Vascular Cerebral, né... meu pai deu três AVC, e quando ele faleceu ele estava depressivo, porque foi um choque muito grande para a gente, quando praticamente a prefeitura, muito recente, muito recente, já no meado da década de 2000, meados desses anos aí, passaram um canal também, umas manilhas no terreno do meu pai, foi uma invasão também da prefeitura, a área da Lagoa das Bateias foi invadida, nem se quer pediram autorização, aproveitou de meu pai está morando lá sozinho, aproveitou que ele, eu posso falar isso com convicção, eles aproveitaram da boa vontade de meu pai; e eles invadiram a nossa terra também. Pegou uma parte da terra, tipo assim ficou uma alça da lagoa eles pegaram, até hoje eles não pagaram a gente. Sofremos, está na justiça isso até hoje, a nossa terra ficou danificada.<sup>130</sup>

Dos transtornos causados aos moradores com a construção do equipamento de lazer, o que ficou mais forte em suas memórias foi o descaso na hora da negociação para a indenização, porque não havia somente o valor material da terra, também está inserido o sentimento de pertencimento ao local. Muitos dos moradores nasceram, cresceram e constituíram famílias convivendo no cotidiano daquele lugar.

Em outro depoimento, aparece um depoimento positivo em relação à indenização. Ele diz:

Assim, porque, minha indenização, foi essa casa. Só ganhei a casa, eu acho que pra mim mesmo, eu não sei se eles deram dinheiro para

---

<sup>129</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>130</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

alguém, porque eu mesmo só ganhei a minha casa. Só foi isso que eu ganhei. Indenização de dinheiro nem nada, eles só me deram a casa. Agora, a minha casa agora aqui é boa, mais a minha que eu tinha lá em baixo, talvez não seria melhor por causa do local, porque lá praticamente o local, já era dentro da água né? Aí você vê que eu fiquei tão alegre, porque quando eu vim *pra* cá o local aqui, seria um local bom. Lá onde eu morava não tinha onde crescer.<sup>131</sup>

Para o morador, a indenização foi boa, porque as condições em que ele se encontrava na antiga casa eram muito piores. Sendo assim, a conquista de um lugar melhor para morar, mesmo a indenização se restringindo somente a casa e não incluindo dinheiro, foi de bom grado para o morador, por sentir uma melhora em sua condição de vida.

Entretanto, as questões abordadas nas reuniões, que redundavam na problemática das indenizações, colocam em pauta uma das marcas do governo municipal da época: o orçamento participativo. Como foi uma obra de cima para baixo, onde se encaixa a ideia de orçamento participativo nessa conjuntura? Em algumas falas, referindo-se a participação popular na elaboração do projeto, tem outros relatos, como esse: “Não teve nenhuma participação dos moradores não, o projeto foi de cima para baixo. Chegou assim, botando as máquinas e abrindo a obra. Quem ficasse na frente, eles passavam”.<sup>132</sup> Vejamos o próximo relato:

A gente participou assim, a gente participou das reuniões que tinha, porque eles sabiam que ia ter né? Eles já sabiam que obra ia começar né? E mandaram as pessoas que organizam visitar a casa da gente né, *pra* fazer uma ocorrência, *pra* saber o que você tinha em sua casa, quantos cômodos tinham, era para eles aí, igual quando *eles chegou* e fez esse para a gente morar aqui em cima, aí fez igual a de lá de baixo. A gente conversou com ele, a gente que é vizinho aqui, que chegar para onde você mandar a gente, a gente quer morar todo mundo junto, aqui de novo aqui. Manter a mesma ordem de morar vizinho junto com vizinho. Aí a gente estava reunindo direto, sempre cobrando isso, porque a gente não queria sair lá de baixo, e chegar aqui e desarrumar todo mundo, colocar vocês aqui, colocar outra pessoa na rua de cima. *Nera* porque a gente ia perder, todo mundo aquela união, que a gente tinha lá em baixo. Então, a gente saiu assim, a gente vai sair daqui, vai ser todo mundo de acordo, a gente dá tudo para vocês lá, se vocês disserem que é pra gente sair, a gente sai, mais a gente quer isso, chegar e anotar

---

<sup>131</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>132</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.



o meu nome aqui, o nome de fulano, o nome de fulano, para quando vocês derem as casas lá em cima para a gente morar, vocês organizarem, colocar todo mundo junto, pegado um no outro de novo.<sup>133</sup>

A obra se deu dessa forma, de cima para baixo, como relata a moradora. A participação dos moradores está clara na fala do morador Paulo Cesar, era somente para engolir o que já estava decidido e imposto pela instituição de poder, o Município. Dessa maneira, pensar em participação popular na produção do planejamento urbano está longe de ser uma realidade nas cidades capitalistas. Mesmo com o modelo de gestão participativa e popular, que era o do governo municipal da época, na hora da efetivação dessa dita abertura popular, a prática não se efetivou.

O orçamento da obra também é uma incongruência para os moradores, porque muitos tinham noção e outros não, como fica claro na fala:

Eu não lembro, *Ti Minio* não lembrou não? E é uma coisa que a gente deveria ter guardado, pelo menos escrito. Eu sei que eles falavam que era muito dinheiro, mais não gastou nem a metade ali. Maioria você sabe né? Que por debaixo do pano eles.<sup>134</sup>

Outro relato fala o seguinte:

Tinha vez que eles falavam, tinha vez que eles pulavam, inventava que eles iam gastar lá naquele outro bairro no [...], kadija, não lá onde tem aquelas taboas do outro lado de lá no [...], bairro Jurema. Aí falava que ia ser mais de não sei quantos milhões, que ia ter que gastar lá, que ia ter que gastar no outro bairro, inventava mil e uma desculpa. Mais não chegava a falar quanto ia gastar aqui não, ninguém nunca ficou sabendo o custo real da obra. Se teve aumento de custo da obra para pagar indenização, nada disso. Foi aquela história, a construção da lagoa foi de cima *pra* baixo.<sup>135</sup>

Na sequencia das falas, há outro relato:

É porque quando eles lançaram esse projeto da Lagoa das Bateias, eles colocaram até uma placa lá, com o valor do projeto né? Eles colocaram um valor lá de 16 milhões e quatrocentos e pouco, eu não sei o pouco, 16 milhões e quatrocentos, o projeto né? E depois eu

---

<sup>133</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>134</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>135</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

acho que não deu para concluir a obra, aí vieram mais quatro milhões e pouco. Sei que esse projeto, da Lagoa das Bateias, atingiu o valor de vinte milhões.<sup>136</sup>

Os relatos norteadores do valor e custo da obra são muito dispersos e imprecisos. Somente no relato do Sr. José Riberio do Prado é que aparece, mais ou menos, uma noção do custo da obra, pois ele rememora algumas placas que o poder municipal colocou informando o valor da obra. Analisar como uma questão crucial, que é o valor da obra não estar presente de forma vívida na memória dos moradores, demonstra mais uma vez a vulnerabilidade do orçamento e planejamento participativos em cidades dominadas pelas relações mercadológicas.

O processo histórico da construção do Parque Lagoa das Bateias envolve uma série de fatores e agentes sociais na sua elaboração e construção. Segundo Passos (2009), o projeto foi realizado em parceria entre a Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, a UESB e o Ministério do Meio Ambiente, pois a Lagoa das Bateias faz parte da micro bacia do Rio Santa Rita. Sendo assim, com o levantamento feito por um relatório técnico, foi dado um diagnóstico de problemas de ordem socioambiental, por motivos relacionados à ocupação desordenada no entorno da lagoa.

Os processos sociais da reestruturação da área no entorno da lagoa ocorreram de forma conflituosa entre o poder municipal e os moradores, porque, na afirmação de Passos (2009), a Prefeitura agiu de forma arbitrária, com os habitantes locais. Dessa maneira, foi implementado o projeto de habitação popular “Viver Melhor”<sup>137</sup>. A população atingida pela obra foi transferida para o Loteamento Bateias II, gerando insatisfação, pois essa área não estava nos moldes das antigas moradias deles.

Ainda de acordo com Passos (2009), a construção do parque se deu em duas etapas. Depois da realocação das 70 famílias que moravam no entorno da lagoa no Loteamento Bateias II, houve o início da primeira etapa da implantação das obras de requalificação do entorno. A obra contou com pavimentação asfáltica, a construção de ciclovias e da passarela para caminhada, além de quiosques simples e

---

<sup>136</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>137</sup> O programa “Viver Melhor” tem o objetivo de promover melhorias físico-ambientais e promoção social em assentamentos de baixa renda, degradados e desprovidos de condições mínimas de habitação.

completos, campo de futebol *society*, quadra para voleibol, parque infantil e o Museu de História Natural. A segunda etapa foi realizada com o Programa Federal de Urbanização, Regularização e Integração de Assentamentos Precários. A inauguração do parque foi em 17 de setembro de 2008, com a presença de muitas autoridades locais e do Governador do Estado.

Ainda, em alguns depoimentos, o confronto entre moradores e operários no momento da construção é outro fator de tensão, porque alguns moradores se sentiram prejudicados com a construção da obra. Vejamos o relato:

Quantas e quantas vezes, minhas panelas não queimaram aqui, meu tio me chamando, minha tinha me chamando, vamos vamos, vamos impedir as máquinas. Esse marido meu aí dizendo: “ô gente não deixa não, deixa não”, como é que não deixa? Foram tantos que eu nem me lembro direito, mais o que eu achei mais tenso, mais tenso, foi meu tio e minha tia lá em baixo. Nossa, eles focou demais, demais... Enfrentava, xingava o motorista, mais eles não tem culpa né?<sup>138</sup>

Dessa maneira, o descontentamento dos moradores com a construção, principalmente dos que foram mais atingidos, gerou momentos conflituosos. Mas, como o Poder é quem decide, os moradores tiveram que ceder em prol do “desenvolvimento”.

Como a complexidade das relações sociais norteia a produção do espaço urbano, alguns moradores do bairro Santa Cruz trazem um relato interessante em relação à proximidade do ex-prefeito José Raimundo no momento da construção. O morador diz:

Ó moço, na época da construção da obra, Zé praticamente de dois em dois, de três em três dias ele estava aqui. Aí a gente chamava ele e conversava, ele estava na roda de amigos ali, era como se fosse amigo da gente. Batia papo, brincava. Era uma pessoa que eu vou falar para tu, era uma pessoa excepcional, é uma coisa que até hoje o povo tem a simpatia dele aí. Inclusive eu mesmo, eu voto em Zé Raimundo, toda vez que ele se candidatar. Eu sou muito grato a ele, pelo benefício que ele fez para a gente.<sup>139</sup>

---

<sup>138</sup>Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Celeste, em 04 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>139</sup>Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

A proximidade do ex-prefeito com os moradores do bairro Santa Cruz traz uma especificidade muito interessante no que se refere à marca e características de alguns políticos, e em consequência, de suas legendas ou segmentos partidários. Se, por um lado, na análise do passado e das figuras políticas que circulavam nas Bateias, só as famílias mais abastadas tinham mais “intimidade” com esses políticos, no governo de José Raimundo, uma marca forte é o maior envolvimento popular, por essa proximidade com o povo. Entretanto, vale ressaltar que mesmo com essa “proximidade”, muitos moradores se sentiram lesados com a construção desse empreendimento.

As mudanças na configuração paisagística das bateias com a obra tem um grande impacto na localidade. A construção do canal de escoamento da água da chuva é uma delas. A figura abaixo nos mostra um pouco de como foi esse processo de construção da obra, para dar uma melhor abrangência dessa realidade estudada. Observemos as figuras abaixo:

Figura 2: Construção do Parque Ambiental Lagoa das Bateias



Fonte: Acervo Pessoal de Espedito Maia

Foto: Espedito Maia Lima

Figura 3: Construção do Parque Ambiental Lagoa das Bateias



Fonte: Acervo Pessoal de Espedito Maia

Foto: Espedito Maia Lima

Outrossim, os impactos positivos gerados pela construção do parque ambiental, representam uma mudança significativa no cotidiano dos moradores do entorno das Bateias. No bairro Santa Cruz, essa transformação foi bastante significativa para os moradores. Vejamos outro depoimento:

Tem tudo, tem transporte público, passa na porta. O transporte tem um ano e pouco que tem o transporte para o Santa Helena aqui, só e um só mais aqui entra, já está entrando ônibus aqui. Já tem o Cidade Modelo que vem pertinho do aeroporto aqui, ele faz retorno de junto do aeroporto, que também fica bom para a gente pegar a condução ali. Então, tudo está mudando, tem saída que não tinha, só tinha um corredorzinho sozinho, a gente tinha que passar por dentro da fazendo de Venceslau, e Venceslau correndo atrás dos moleques, e pegar gente e batia na gente e tudo que tentava passar na fazendo dele. Pra mim a lagoa teve beneficio. Pela manhã você encontra mais de 200, 300 pessoas caminhando pela manhã. Então, é um lugar abastecido, a polícia está toda hora fazendo ronda aqui, de madrugada, de manhã. Eu acho que não tem nenhum bairro com mais segurança do que esse aqui, eu vejo, não vejo nem nas [...] Tanto carro de polícia passando desse jeito e aqui toda hora passa, toda hora passa, passa, eu sei que o Santa Cruz é um bairro perigoso, mais ele também faz ronda, também na lagoa para quem está caminhando, dando segurança às pessoas que estão passando ali. Então, eu acho que é uma coisa boa, *beneficeia* os pedestres que

estão passando lá e também beneficia os moradores, então melhorou bastante.<sup>140</sup>

Em outro relato há a seguinte explanação:

Rapaz, a lagoa mudou muito o bairro, como eu te falei, o bairro era fechado, só tinha entrada lá pela Urbis III, inclusive um carro, quando eu vim aqui lá naquela época que tava chovendo, o carro tinha que vir e subir de novo, e às vezes não dava. A gente ía carregar uma coisa, não tinha o transporte não dava. Hoje não, abriu tudo, ficou bom. Você vê gente moço, você vê movimento, o pessoal andando, fazendo caminhada, é outra coisa, praticamente é outra época diferente, bom demais, você precisa vê.<sup>141</sup>

A obra mudou de forma significativamente os bairros do entorno do parque. No passado recente, dominado pelo crime, violência e quase nenhuma infraestrutura urbana, e depois da construção e entrega do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias, muda estruturalmente as relações socioespaciais inseridas no parque.

Entretanto, como é característico das cidades contemporâneas, aparece o que esse autor considera um problema crônico, que é o fenômeno da especulação imobiliária. Quando perguntado sobre o valor dos terrenos em comparação ao passado, obtém-se a seguinte resposta:

Aqui valia 500R\$, 600R\$ o lotezinho de terra, depois dessa lagoa *ninguém vendo mais*, se não for de 80.000R\$, 50.000R\$, 60.000R\$. Então, teve ou não teve valorização? Cresceu, veio asfalto, veio esgoto e veio energia. Porque o Santa Cruz não tinha energia, Santa Helena não tinha, olha a modificação teve, veio energia, veio asfalto e esgoto.<sup>142</sup>

Em outro relato:

Supervalorizou, inclusive tem gente, que pede um valor, que eu sei que não vale aquilo, entendeu a especulação? Eu estou botando o valor da minha casa em cem mil reais, porque todos que falam, é

---

<sup>140</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>141</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>142</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

mais que isso. Eu estou botando a minha por baixo você entendeu. Agora eu não sei se vale ou não, o certo é que eu estou te falando.<sup>143</sup>

Dessa forma, pensar na produção do espaço urbano é perceber o quanto ele, na contemporaneidade, está inserido na lógica de reprodução do capital. Quando partimos para análise da realidade, como o caso da referente pesquisa, que tenta fazer uma narrativa das transformações ocorridas nas Bateias, a marca do processo de modernização demonstra que os diversos sujeitos que compõem o espaço citadino estão vulneráveis a esse processo. Mesmo com todas as transformações e melhorias no espaço geográfico, na habitação, dentre outros fatores, vem a especulação imobiliária, se estabelece e perpetua a não democratização do morar na cidade.

Assim, no próximo capítulo, a discussão será centrada nos diversos usos e apropriação dos sujeitos no parque, como também sua estreita relação com o Estado. A manutenção será foco também da narrativa subsequente.

---

<sup>143</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

#### **4 AS RELAÇÕES DE USO DO PARQUE AMBIENTAL DA LAGOA DAS BATEIAS: MANUTENÇÃO E APROPRIAÇÃO DOS SUJEITOS**

Neste capítulo, aprofundaremos em questões relacionadas à contemporaneidade das Bateias, em decorrência do que temos discutido neste trabalho: as grandes transformações ocorridas no espaço do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias, suas primeiras ocupações e realidade rural, passando por um conturbado processo de urbanização até à atualidade, com suas mudanças físicas e sociais, além da sua manutenção.

Foi possível perceber nos relatos dos moradores uma realidade difícil no passado, de abandono do poder público, que ao construir o Parque Ambiental, ocasionou uma mudança estrutural significativa no cotidiano dos habitantes e na atualidade; não só o Parque, como também os bairros adjacentes passaram, de certa forma, por outro abandono por parte do poder público.

O Parque Ambiental da Lagoa das Bateias passou a oferecer ao bairro uma maior infraestrutura, como também novas formas de sociabilidade, como a implementação do espaço de lazer, por exemplo, que é uma das atividades mais verificadas no Parque. Isso é perceptível na fala do seguinte entrevistado:

[...] eu vou na pista, eu corro na pista, eu gosto de jogar bola, eu sempre tô fazendo as caminhadas lá na pista, sempre tô lá jogando bola no campo lá [...], não é o campo de baixo, é o campo que tem que a gente joga lá em cima, mais sempre tô lá. Todo domingo eu estou lá no bairro, não saio de lá, porque a minha infância foi lá, eu continuei minha vida sempre lá né? Os amigos que eu tenho lá, sempre eu estou lá todo dia. Sempre estou frequentando, participando do lazer lá, eu joga bola lá. Então, portanto, lá eu não saio assim tão cedo, porque eu assim, não tenho assim um outro local para eu ir, eu só tenho lá mesmo. Rever sempre os amigos, participar e ficar lá sempre com eles.<sup>144</sup>

Portanto, no cotidiano capitalista, na perspectiva da relação que ele estabelece com o lazer, diante das possibilidades da sociabilidade do homem

---

<sup>144</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.



contemporâneo, o lazer produto do capital transforma o tempo livre, o “ócio”, em consumo. Nessa perspectiva, segundo os relatos dos moradores, sobre os quais nos debruçaremos mais adiante, bares e restaurantes também fazem parte da composição do lazer no Parque, e não só os equipamentos públicos.

Para iniciarmos essa discussão, em primeiro lugar, urge a necessidade de definição do que venha a ser o lazer, que para Pires (2008, p. 1), se define da seguinte forma:

[...] o lazer, nas suas relações interdisciplinares na sociedade, contribuir para o descanso, o divertimento e o desenvolvimento humano e social, estamos reconhecendo que, diferentemente de uma função, o desenvolvimento humano por meio do lazer deve ser percebido como uma dimensão cultural da vida humana, isto é, uma dimensão da dinâmica cultural, que faz dialogar o campo das possibilidades e dos limites, do querer e do poder, do potencial e do realizável.

Ou seja, a ideia que concretiza o lazer se configura no tempo marcado do descanso e do não trabalho. A sociabilidade do homem moderno se encontra inserida em uma cultura que, segundo o autor, deve ser definida enquanto dimensão da reprodução da vida e não enquanto um funcionalismo que, por parte do sistema produtivo, se volta para uma atividade de consumo.

Na continuidade do raciocínio, abre-se uma lacuna na relação do tempo estabelecido do lazer na contemporaneidade, pois, de acordo com Pires (2008, p.1):

Se não, vejamos: a ideia do “descanso” encontra suporte relativamente fácil – ainda que sem consensos à vista -, tanto de caráter filosófico e religioso, quanto, na modernidade, no âmbito da sociologia do trabalho. O chamado “ócio” (criativo ou não!) acompanha a trajetória humana, ora visto como virtude, ora como atitude deletéria. Já o “divertimento”, na contemporaneidade, confunde-se com o entretenimento, ungido que foi como uma quase obrigação, algo que precisamos buscar em nosso aludido “tempo livre”, sob qualquer pretexto e, principalmente, a qualquer preço, já que é cada vez mais difícil dissociar tal função da dimensão do espetáculo e do consumo.

O autor faz um levantamento, relacionando o lazer com a trajetória social humana. Ao fazer referência à perspectiva da modernidade inserida na sociologia do trabalho, percebe-se como ele se encaixa no circuito da mercadoria. Dessa maneira, entender o tempo do ócio no cotidiano cidadão é perceber que o lazer, ora definido como atividade vinculada a uma construção da cultura popular, na atualidade, cada vez mais se encontra no circuito das trocas capitalistas.

Analisar os diversos usos que se efetivam no Parque Ambiental da Lagoa das Bateias, reflete o propósito dessa obra que ressignificou um espaço, com melhoria na qualidade de vida. Entretanto, para algumas pessoas entrevistadas, a referida obra não teve um valor significativo, porque o poder público, para elas, não cumpriu o que havia prometido no projeto.

Dessa forma, entraremos neste momento nos meandros do uso do Parque na visão dos moradores entrevistados na pesquisa de campo.

#### 4.1 USO E APROPRIAÇÃO DOS DIVERSOS SUJEITOS NA ÁREA ESTUDADA: AS TRANSFORMAÇÕES ANALISADAS PELOS ENTREVISTADOS

Ao traçar uma análise nas entrevistas referentes à contemporaneidade do Parque, pensou-se em elencar momentos os mais marcantes, que realmente significam mudanças estruturais no Parque, não só no cotidiano, como também, na estrutura física.

Partiremos do momento da entrega da obra. Fato esse que, para os moradores, fica dividido entre emoções positivas para alguns e decepção para outros. Portanto, reforça os equívocos na construção da obra, mas os desdobramentos são muito interessantes.

Dessa maneira, é percebido o grau de complexidade que envolve não só a produção do espaço urbano, como também sua respectiva ocupação. As falas subsequentes nos dão uma noção disso:

Na inauguração eu estava. Estava lá, foi bonito, em termos de inaugurar, porque todo mundo participou né? Aí quando inaugurou *pra* todo mundo fazer as caminhadas lá, foi muita gente, e foi bonito assim, é que antes ali naquele bairro, não tinha, ou pessoa do bairro Brasil ali mesmo, não tinha lugar onde fazer as caminhadas, porque geralmente a pessoa não vai caminhar por dentro de rua né? É problema de veículo, de carro essas coisas. Já nas Bateias, as pessoas se sentem bem, que está lá sossegado, lá sempre na lagoa, em termo de tudo ali ficou bom. Vem pessoas de *muitos bairro* ali, *pra* fazer caminhada ali. Então, acho que é isso que lhe falei, o bairro evoluiu muito por causa disso né, porque se não fosse por essa obra ali, como é que *iria* pessoas de outros bairros para participar dali do bairro e fazer caminhada né?<sup>145</sup>

---

<sup>145</sup> Idem

O relato do morador demonstra a emoção de vivenciar a transformação em seu cotidiano. Um bairro basicamente dominado pelo medo com um planejamento mal elaborado é inserido em um novo modelo urbano, que depois desse momento sofrerá transformações profundas a serem discutidas durante este capítulo.

Contudo, outro morador traz a seguinte explicação: “Vou te falar a real mesmo, os moradores daqui, do Santa Cruz, nem foi lá ver. Aí foi pago mesmo; as pessoas de fora que foi lá para ver o povão, só que o povo daqui mesmo[...]”.<sup>146</sup> O que devemos entender ao refletir sobre esses dois diálogos? Compreender a trajetória de vida desses dois sujeitos é um primeiro passo, outra também é a investida do Estado na produção do espaço urbano e seus desdobramentos, não respeitando os diversos sujeitos que o habitam.

No primeiro passo, como a obra atingiu cada indivíduo, há uma relação estreita com suas respectivas falas. Na primeira houve uma mudança significativa, porque ele morava em situação de risco em uma área que sofria muitos alagamentos e foi beneficiado pela obra que o retirou, o colocando-o em uma nova casa no Bateias II. Dessa maneira, isso representou um salto em qualidade de vida, segundo o morador. No segundo caso, o entrevistado possuía um sítio na localidade, e também um pequeno comércio; e com a construção da obra, além de perder os bens não recebeu uma indenização suficiente, segundo ele mesmo relata, e isso, conseqüentemente, representou uma grande diminuição em sua renda, por isso, sua fala não é nada positiva, no que se refere à obra.

Já no plano da intervenção do Estado no espaço urbano, no que diz respeito ao trato das individualidades dos diversos sujeitos que habitam o local, é percebido sua coadunação com os ditames de interesse do modo de produção vigente. Compreender o movimento contraditório produzido pela modernidade, nos leva a visualizar como as pequenas comunidades, ou grupos sociais, não são respeitados em suas diversas sociabilidades. Dessa forma, um questionamento surge: Como percebemos o fenômeno da urbanização nessa perspectiva capitalista?

---

<sup>146</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Na fala de uma moradora, em específico, fica clara a instauração desse processo, que é a urbanização, a partir da construção do Parque Ambiental:

E nós lutamos muito, e os políticos sempre enganando, enganando, não cedia nada para nós, era carta, carta, abaixo assinado, *era reuniões*, só promessa, promessa. Aí de repente, veio a energia nesse período. Depois quando meu pai já falecendo, foi quando a prefeitura já tinha feito o que bem queria, foi que veio a pavimentação. No dia que saiu o caixão do meu pai, parou as máquinas. Depois que saiu o caixão do meu pai as máquinas começaram a trabalhar de novo, na porta da minha casa, casa do meu pai, estava sendo asfaltada.<sup>147</sup>

Em outra fala, a seguinte afirmação: “Aí começou essa obra aí, já estava terminada. Quando pai faleceu, no dia que pai faleceu, começou a asfaltar essa frente aí, e tem oito anos, aí começou a asfaltar aqui, não tem muito tempo de asfalto não”.<sup>148</sup> Nas duas memórias, que são constituídas através das lembranças de um fato comum às duas irmãs, isso está ligado estreitamente com a formação da memória coletiva, segundo Halbwachs (2003), sobre a qual tratamos na introdução as questões teóricas pertinentes à memória. Contudo, aqui, essa abordagem sociológica relacionada ao movimento produzido pela modernização e seus impactos nos cidadãos.

Na continuidade das consequências socioespaciais advindas da lógica dessas transformações que irão ocorrer nas Bateias, e, em especial a associação de (BERMAN, 1987), com as falas das irmãs, que demonstram o movimento brutal que permeia os ditames do desenvolvimento, vejamos o fragmento abaixo:

À medida que Fausto supervisiona o seu trabalho, toda a região ao seu redor se renova e toda uma nova sociedade é criada a sua imagem. Apenas uma porção de terra permanece como era antes. Esta é ocupada por Filemo o Báucia, um velho e simpático casal que aí está há tempo sem conta. Eles têm um pequeno chalé sobre as dunas, uma capela com um pequeno sino, um jardim repleto de tílias e oferecem ajuda e hospitalidade a marinheiros náufragos e sonhadores. (BERMAN, 1987, p.66)

---

<sup>147</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Neuma Maria Bastos Portela, em 03 de julho de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>148</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

No trecho acima, o autor faz um pequeno relato sobre uma forma e conteúdo de vida que representam um atraso frente às transformações propostas pela modernidade; e mais a diante relata:

Nessa altura, Fausto comete de maneira consciente seu primeiro mau. Convoca Mefisto e seus homens “homens fortes” e ordena-lhes que tirem o casal de velhos do caminho. Ele não deseja vê-lo, nem quer saber dos detalhes das coisas. Só o que lhe interessa é o resultado final: quer que o terreno esteja livre na manhã seguinte, para que o novo projeto seja iniciado. Isso é um tipo de maldade caracteristicamente moderno: indireto, impessoal, mediado por complexas organização e funções institucionais. Mefisto e sua unidade espacial retornam “na calada da noite “, com uma boa notícia de que tudo estava resolvido. Fausto, de repente preocupado, pergunta para onde foi removido o velho casal – e vem saber que a casa foi incendiada e eles foram mortos. (BERMAN, 1987, p.67)

A reflexão que Berman (1987) nos propõe, a partir da análise do texto do Fausto de Goethe, mostra os impactos sociais que o movimento da modernidade produz, ou seja, o casal de velhos que representavam o empasse frente a essa nova realidade que nascia. E esse fenômeno é como um “rolo compressor” que não respeita as especificidades e tenta destruir o velho e substituir pelo novo. Dessa forma, nem sempre o velho é preservado como fica claro na passagem anterior.

Ao comparar os escritos de Berman (1987), e correlaciona-los às falas de Neuma Bastos e Helena na narrativa da morte de seu pai, as finalizações com o asfaltamento na porta da sua casa e o momento em que as máquinas param para o enterro sair e logo depois retomam as atividades, coaduna com o trecho do fragmento, quando a morte do casal de velhos representa a destruição de um passado para o começo de um novo, que seria, no caso da área estudada, a construção do Parque.

Dando sequência às transformações ocorridas a partir da construção do equipamento de lazer, há também pontos positivos relatados pelos entrevistados, porque representaram um salto na qualidade de vida dos moradores da localidade.

Para tanto, as incursões feitas pelo capital, na localidade, via Estado, com projeto modernizador, representou para alguns entrevistados, desconforto, sentimento de ter perda, ou seja, perda de bens materiais, dentre outros. Contudo, vale ressaltar as melhorias que a obra proporcionou à localidade, segundo alguns entrevistados. Isso mostra a complexidade da produção do espaço urbano na lógica

capitalista, porque até moradores que foram diretamente atingidos pela obra e não estavam satisfeitos no início, acharam significativa a construção do Parque.

Um primeiro ponto a ser destacado, unânime nas entrevistas, é a construção de novas vias de acesso ao bairro, a partir da construção do Parque Ambiental. Um dos moradores diz o seguinte:

[...] melhorou, porque ali *nois tinha, nois tinha, nois não tinha* acesso né? Aos outros bairros ali o [...], o Cidade Serrinha, o Remanso, não tinha acesso. O acesso seria pela Av. Brumado, então, Cidade Modelo, para ir pra Cidade Modelo, só tinha que ir lá por cima [...], pela Frei Benjamim, ou por uma passagemzinha ali perto do aeroporto, mais era uma coisa assim paliativa, não era uma coisa né? Então, depois que fez o círculo, o anel, aí da Lagoa das Bateias melhorou o acesso. Deu mais movimentação, nesse ponto melhorou.<sup>149</sup>

Em outra fala se tem o seguinte relato:

Não tinha saída nem pelo aeroporto, nem por outra zona nenhuma, tudo isso aí era fechado, isso aí era fazenda, só tinha um corredorzinho aqui, *passa aí por sinal*. Hoje tem saída para todos os cantos, tem saída pra o lado do aeroporto, como para Brumado e a outra para lá.<sup>150</sup>

A integração desse espaço à área urbana da cidade é um marco muito presente na memória dos moradores como um dos grandes benefícios para a população local, como também para os demais munícipes, porque melhorou o acesso ao bairro dando outra conotação para a mobilidade no local. Já outro morador reafirma o que tem sido dito referente à melhoria da acessibilidade para as demais localidades: “[...] a partir do momento que fizeram essa pista aqui, deu acesso, porque hoje essa pista aqui, ela tem acesso, para vários bairros, então ficou, só isso só já é o bastante, independente do Parque”.<sup>151</sup>

Os relatos acima pontuam, de forma incisiva, um dos aspectos de uma série de melhorias que ocorreram depois da construção da obra no dia a dia dos moradores do entorno da lagoa.

---

<sup>149</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>150</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>151</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Nessa perspectiva de melhorias da estrutura urbana, outros aspectos são mencionados pelos entrevistados, como esgotamento sanitário, transporte público e melhoria na segurança.

A nova realidade do lugar aparece nas entrevistas: “[...] transporte que não tinha transporte, para a gente pegar; ônibus a gente tinha que ir para seu Gilson, lá em cima, depois do posto policial ali, o ônibus já passa aqui perto”.<sup>152</sup>

Outro morador fala:

Depois da lagoa, depois da lagoa que fizeram mesmo, em termos de melhoria, é o que eu estou falando para você, foi iluminação, que era ruim, hoje melhorou muito, e em termos de calçamento do bairro, asfaltou o bairro todo, depois dessa obra que se ocasionou isso. O ônibus mesmo, não desce lá em baixo, mais lá do outro lado, ele está vindo quase no final da lagoa, bem embaixo mesmo. Não passa ônibus ali dentro do bairro Santa Cruz não, mais melhorou mais um pouco em termo de urbano.<sup>153</sup>

A questão do transporte público nas Bateias é interessante, porque contempla só uma parte, como descrevem os entrevistados, mas representa, ao mesmo tempo, certa melhoria. Outro morador relata:

Os ônibus que rodam aí, ele não vai até a Lagoa das Bateias, ele passa antes né, desce ali na Av. Alagoas, sai no Santa Helena, e sai aqui na Frei Benjamim. Não tem ônibus, para circular ela toda, para entrar ali e sair na Cidade Modelo, ele desce ali na Alagoas, antes da Alagoas, ele sobe e pega o Santa Helena e volta, sai e desce no Professor Itamar e sai aqui na Frei Benjamim. Ônibus *pra* lá, naqueles bairros da Lagoa das Bateias não tem. Que é o Remanso, lá só pela Av. Brumado.<sup>154</sup>

Essas supracitadas alterações referentes ao transporte público no bairro tem uma melhoria representativa, mas, segundo análise das falas, percebemos que não deu conta, em sua totalidade, para suprir a necessidade de locomoção de todos os moradores do Parque. Não tem linhas o suficiente para atender a todos os habitantes, e o percurso do ônibus não atende a todos os bairros que estão localizados nas imediações da Lagoa das Bateias, e sendo assim, deixa a desejar

---

<sup>152</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>153</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>154</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

quanto à necessidade de mobilidade dos moradores para as mais diversas atividades pela cidade.

Outrossim, a chegada do lazer com o Parque Ambiental oferece uma nova sociabilidade, não só no Parque, como também nos bairros do entorno. Segundo Dumazedier (1973, p. 31):

Em suma, o lazer é definido, nos dias de hoje, sobretudo, por oposição ao conjunto de necessidade e obrigações da vida cotidiana. Dever-se-á, ainda, salientar que ele só é praticado dentro de uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se ligam entre si e reagem uns sobre os outros. O lazer não tem qualquer significado em si mesmo. (DUMAZEDIER, 1973, p.31)

Dessa maneira, o lazer abordado pelo autor tem sua construção na mediação do tempo do não trabalho, do tempo livre, e como o cidadão imerso no cotidiano capitalista deposita nele uma forma de transcender a realidade, quer em atividades físicas, como é o caso das caminhadas, dentre outras atividades que acontecem no Parque, como também no uso dos bares que existem no entorno da Lagoa.

Vale ressaltar que o lazer, também no bojo do capitalismo, se torna uma atividade mediada pelo consumo. Entretanto, no caso do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias, ele tem forte conteúdo de sociabilidade, sem a marca da mercadoria. Dentre as muitas atividades praticadas no Parque, verifica-se a prática de caminhadas, ciclismo e futebol, dentre outras atividades físicas, não marcadas estreitamente pelo consumo, além de não haver cobrança para o acesso ao local.

Retomando a questão do conflito entre tempo livre e tempo determinado pelo trabalho, observemos a seguinte explanação de um morador:

Não, não uso não, eu trabalho; eu saio cedo e chego de noite, não tem nem condições de ir, eu já fiz algumas caminhadas aí, mais não tenho muito hábito de ir não, mais o povo usa aí bastante, não os moradores daqui, tem os moradores que vem de lá do bairro Brasil, Patagônia, Campinhos, Santa Terezinha, *tudo usa essa lagoa.*<sup>155</sup>

---

<sup>155</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.



A moradora relata que mesmo morando nas imediações do Parque, não o utiliza, porque seu tempo de trabalho não lhe permite usufruir desse espaço para atividades de lazer.

Em outras falas, os moradores narram:

*Pra mim foi ótimo, porque assim, porque o bairro lá, não tinha essa área de lazer, hoje você pode ver lá, rodando lá pelo outro lado, tem campo, tem uns parques infantis lá, pequeno, *mais* tem uns parques infantis lá, tem a pista ali para as *peessoas caminhar*. Que ali antes não tinha nada, e era parado o bairro. Hoje é movimento, hoje tem lazer, você pode ver lá, que lá do outro lado tem aqueles bares lá, tem lazer para as pessoas no final de semana. Aí eu acho que é por isso que evoluiu mais lá, o bairro está evoluindo por causa daquele tipo de coisa.<sup>156</sup>*

O uso do Parque está estreitamente mediado pelo lazer, e ele é foco de análise nesse momento. Pretende-se entendê-lo teoricamente, no bojo do Materialismo Histórico e Dialético, e trazer à tona o valor de uso e valor de troca para compreensão da realidade:

Com a indústria, tem-se generalização da troca e do mundo da mercadoria, que são seus produtos. O uso e o valor de uso quase desapareceram indiretamente, não persistindo senão como exigência do consumo de mercadorias, desaparecendo quase inteiramente o lado qualitativo do uso. Com tal generalização da troca, o solo tornou-se mercadoria; o espaço, indispensável para a vida cotidiana, se vende e se compra. Tudo o que constituiu a vitalidade da cidade como obra desapareceu frente à generalização da troca. (LEFBVRE, 2008. p, 83)

A passagem acima levanta a discussão que envolve o valor de uso e o valor de troca, e que o segundo sobrepõe o primeiro, mas não o anula por completo, e, dessa forma, o solo se transforma em mercadoria. Essa é uma das grandes características percebidas na estruturação do espaço geográfico citadino.

Com toda essa transformação na estrutura urbano do bairro, surge um fenômeno típico das cidades capitalistas, a especulação imobiliária. Por interesses escusos das elites detentoras do solo urbano, o valor do imóvel subiu consideravelmente nos bairros do entorno do Parque.

---

<sup>156</sup> Entrevista concedida ao autor por Marcos Roberto Silva de Sousa, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Em uma transcrição, já apresentada anteriormente, temos a seguinte informação:

Aqui valia 500R\$, 600R\$ o lotezinho de terra, depois dessa lagoa ninguém vendo mais se não for de 80.000R\$, 50.000R\$, 60.000R\$. Então, teve ou não teve valorização? Cresceu, veio asfalto, veio esgoto e veio energia. Porque o Santa Cruz não tinha energia, Santa Helena não tinha, olha a modificação teve, veio energia, veio asfalto e esgoto.<sup>157</sup>

Na sequência:

Ó moço, na época que eu comprei, foi em Cruzeiro ainda, porque teve Cruzeiro, Cruzeiro Novo e Cruzado, parece que foi Cruzeiro Novo. Eu sei que eu comprei por quarenta, tá no papel lá quarenta. Agora, eu não sei foi quarenta mil, era quarenta. Eu sei que na época, mais o dinheiro, não era pouco não, porque, para *mim arrumar* esses quarenta deu trabalho. Agora hoje não, hoje tá bom, hoje minha casa eu acho cem mil reais nela, no caso da minha. Minha casa não tá não, tá até boazinha, é toda forrada, é toda na cerâmica.<sup>158</sup>

Nos trechos acima, fica muito claro não só certa supervalorização dos terrenos, como também o fato de os moradores se aproveitarem das infraestruturas que a obra trouxe para aumentar absurdamente o valor do imóvel. Contudo, essa lógica incorporada pelos cidadãos coaduna com as iniciativas que muitas empresas do setor imobiliário tratam o acesso à moradia nas cidades, como é o caso de Vitória da Conquista. Vale ressaltar que não é intuito da referida pesquisa aprofundar na discussão referente à especulação imobiliária na cidade.

Há alguns problemas que aparecem nas investidas desse mercado nas redondezas do Parque, porque muitos dos moradores não possuem escrituras dos terrenos. E um deles revela:

Não, as casas aí, geralmente imobiliária não se interessa, porque as casas como eu falei para você, não tem escritura, geralmente é mais de compra e venda, aí você negocia com a pessoa, aí as imobiliárias não tem muito interesse. Agora tem muita casa aí alugada, por imobiliária. Algumas casas aí as pessoas colocam por imobiliária, porque você sabe que não pode, porque eles não interessam de

---

<sup>157</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>158</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

vender, porque casa sem escritura né [...] Isso aí é uma coisa que dificulta também, se alguém de fora quiser comprar.<sup>159</sup>

Como o histórico do bairro Santa Cruz foi da luta pela moradia, e um processo de ocupação dos terrenos, os moradores não têm escritura das casas, e sendo assim, dificulta não só o aluguel por meio de imobiliária, mas, também, a tentativa de venda de algum imóvel, uma vez que os moradores não possuem contrato de compra e venda.

As investidas da especulação imobiliária são um fenômeno prejudicial ao acesso à moradia, porque impõem um valor exorbitante, vetando, dessa maneira, aos mais pobres, direito à habitação na cidade. No caso do Parque Ambiental, são nitidamente percebidas suas graves consequências.

Retomamos esta fala, que nos dá um pouco da dimensão do que vem sendo dito, e o morador diz:

Supervalorizou. Inclusive tem gente que pede um valor que eu sei que não vale aquilo, entendeu a especulação? Eu estou botando o valor da minha casa em cem mil reais, porque todos que falam, é mais que isso. Eu estou botando a minha por baixo você entendeu? Agora eu não sei se vale ou não, o certo é que eu estou te falando.<sup>160</sup>

Na própria explanação do entrevistado percebe-se a especulação imobiliária como uma ação negativa no espaço citadino, e de certa forma, algo não é bem quisto pelos habitantes.

Pensar nessas supracitadas questões, norteadoras para a compreensão desse novo cotidiano pós-construção do Parque Ambiental, demonstra a complexidade que certas transformações do espaço urbano impõem para o cidadão. Dessa forma, vale ressaltar que as relações estabelecidas entre o poder público e os moradores locais sempre foram conflituosas, como apareceu ao longo da pesquisa. Entretanto, depois da construção, há uma estabilizada, frente às grandes mudanças nos bairros do entorno; não só sociais, como também estruturais, são evidentes nas falas nesse momento. Há uma área na proximidade do aeroporto que não experimentou esse desenvolvimento, por não ter uma boa infraestrutura.

---

<sup>159</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>160</sup> Idem.

A chegada do lazer é um marco social transformador no cotidiano desses moradores. O contato com os demais habitantes da cidade, de classes sociais diversas, a melhoria na qualidade de vida, mais segurança dentre outros fatos, são pontos positivos para esses cidadãos, que até pouco tempo viviam à mercê do medo e do descaso.

Para tanto, entraremos nesse momento, em outra questão delicada, alvo de muitas críticas por partes de muitos moradores, a manutenção da obra.

Parece que em uma perspectiva dialética, nas cidades capitalistas, o avanço caminha de mãos dadas com o retrocesso. Foram feitas entrevistas com representantes da prefeitura, e nesse momento são postas em confronto com o que os moradores falam a respeito desse estado de abandono relatado por eles. As modificações realizadas nas Bateias foram de extrema importância para melhoria de alguns aspectos locais, como o acesso ao bairro e a chegada de novos moradores, mas, ao mesmo tempo, esse padrão não se manteve por muito tempo, o que analisaremos mais adiante.

#### 4.2 MANUTENÇÃO DO EQUIPAMENTO: CONFRONTO ENTRE AS FALAS DOS MORADORES E AS DOS REPRESENTANTES DO PODER PÚBLICO

Neste momento, a pesquisa se concentrará na manutenção do equipamento de lazer. Fazer uma análise dos depoimentos, do que os moradores têm a dizer, não só sobre a estrutura do Parque, mas também sobre as iniciativas da prefeitura para com os habitantes da região. Algumas fotos também foram tiradas para nos dar uma noção de como está a estrutura do local estudado.

A apreensão dos moradores desse novo cotidiano instaurado no bairro a partir da construção do Parque, de acordo com as suas respectivas memórias, trouxe um salto na qualidade de vida, e com o passar do tempo, frente ao abandono, causou certo desconforto por parte dos habitantes.

De início, quando se pergunta aos moradores sobre a manutenção do Parque por parte da Prefeitura, se tem as seguintes afirmações:

De vez em quando *eles aparece* aí, aparece mais não para. A lagoa agora está esquecida, não está como antes não. Quando eu me mudei para aqui, vinha tratores tirar os matos, cortar aqueles matos *veí* ali, limpar a lagoa. Agora quase eu não vejo, não sei se porque

eu saio quase o dia todo eu não vejo, hoje ela está mais esquecida.<sup>161</sup>

Já em outra fala:

*A manutenção do parque está precário, moço, mais, inclusive a gente já reivindicou isso, mais não tem resposta, não fala se vai fazer ou não. Mais o resto a gente não pode falar mais nada, a gente tem que conformar e esperar, que pode ser que algum dia alguém olhe por aqui de novo, pra tentar dar uma melhorada nesse parque aí.*<sup>162</sup>

Os representantes da Prefeitura elucidam que:

Todos os projetos realizados na área do Parque buscam incorporar os moradores adjacentes à área, visto que são atores principais em quaisquer ações realizadas, pois de nada adianta, se a população não estive envolvida, se não estiver em acordo com a proposta a ser realizada, podem colaborar para um cenário negativo frente ao desenvolvimento das ações do Governo que visam o bem estar e a melhoria da qualidade de vida.<sup>163</sup>

Na sequência:

É voluntário, é por iniciativa própria deles, eles utilizam o parque para caminhar, para andar de bicicleta, pra fazer atividades de recreação, como pique niques, essas coisas mais ou menos assim. Nós temos uma outra parte que são o pessoal que utiliza os campos, pra bater baba né, o chamado baba, um joguinho ali pelada, que nós emitimos o ofício pra pessoa ter a responsabilidade do campo naquele horário que ele está utilizando, então, também é feito dessa forma nos campos. Uma vez no ano nós fazemos um evento aqui na Lagoa que é chamado o evento: Brincando na Lagoa, que já tem uns três a quatro anos que a gente tem feito ele, que é uma interação do parque com os moradores, a gente traz brinquedos para as crianças, pula pula, essas coisas assim, para chamar mesmo as crianças pra poder utilizar, as crianças e os pais.<sup>164</sup>

Nessa perspectiva, ao compararmos as respectivas falas, observamos o grau de disparidade entre o que se vê na realidade do cotidiano do Parque e os

---

<sup>161</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>162</sup> Entrevista concedida ao autor, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 21 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>163</sup> Entrevista concedida ao autor pela Tec. Em Meio Ambiente e Gerente de Projetos da Secretaria do Meio Ambiente Municipal, Ludmila Dias de Araújo Lima, em 28 de Agosto de 2014 na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>164</sup> Entrevista concedida ao autor pelo coordenador do parque, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

discursos do setor público, no que diz respeito não só à preservação, como também, à inclusão dos moradores do entorno.

O relato dos habitantes traz à tona uma realidade de abandono do Parque, porque segundo eles, além de não existir nenhuma iniciativa que venha a contemplar a sua inserção de forma cotidiana no uso do Parque, a manutenção da estrutura está deixando muito a desejar.

Vale ressaltar que, na entrevista feita com o representante da Secretaria do Meio Ambiente, aparece uma questão interessante, e não se sabe ao certo se é por interesse de transmissão da culpabilidade do abandono, porque o Parque é de responsabilidade da Secretaria, que imputa a culpa aos moradores que, segundo eles, não procuram participar das atividades promovidas pela Prefeitura. Entretanto, na própria transcrição da fala do coordenador do parque, temos que uso do parque se dá por iniciativa dos próprios moradores.

Como o coordenador do Parque está mais próximo da realidade cotidiana, conhece as limitações para manutenção do Parque, como também expressa a tentativa de aproximar-se dos moradores, uma vez que como muitos trabalham, quase não lhes sobra tempo para usufruir do Parque em seu tempo livre.

Algumas imagens colhidas em trabalho de campo nos dão a noção da precariedade que se encontra o Parque Ambiental da Lagoa das Bateias, situação de muito lixo espalhado, esgoto sendo despejado e causando mau cheiro e poluindo o meio ambiente, a pista de caminhada, em alguns pontos, está danificada, dificultando a mobilidade e, principalmente, a sua utilização por parte dos cadeirantes. Também, por falta de controle das Taboas e Baronesas, tipo de vegetação local, a lagoa está quase assoreada, com a diminuição progressiva do espelho d'água. As imagens abaixo demonstram um pouco dessa realidade:

*Figura 4: Degradação e abandono do parque*



Fonte: Trabalho de campo

Foto: Milton Leandro Santos Leituga

*Figura 5: Degradação e abandono do parque*



Fonte: Trabalho de Campo

Foto: Milton Leandro Santos Leituga

As atividades desenvolvidas, segundo o coordenador do Parque, são muito bem aceitas pelos moradores, como fica claro em sua fala, todavia, ele mesmo relata outro problema, que é o vandalismo:

O que acontece é o seguinte: a manutenção ela é feita com periodicidade, porém, nós temos um problema no parque, que é a conscientização dos moradores, da população. O que acontece a prefeitura vai e a gente consegue consertar, como eu já tinha dito antes, demora um pouco, porque a gente precisa fazer licitação *pra* comprar o material, a gente precisa fazer licitação para fazer o serviço, *ai* precisa ter toda uma documentação e toda uma burocracia para se conseguir fazer isso, então, quando é feito, depois de tudo isso feito, que às vezes demora até meses a depender da situação [...], das licitações de como for, a gente faz a manutenção, mais a população ela não ajuda no que diz respeito a[...], ao uso, ao cuidado, a preservar. Então, o que acontece, a gente por diversas vezes a gente põe os bancos de concreto e o pessoal vai lá e quebra o banco de concreto, ou então esses dias mesmo aqui, você fez uma pesquisa no parque e deve ter observado a pouco tempo os quiosques abertos estavam com as telhas quebradas.<sup>165</sup>

Percebe-se na fala do coordenador o empenho na tentativa de conter essa prática do vandalismo que deteriora o bem público. Mesmo com as dificuldades para conseguir licitação pessoal para auxiliar com vigilantes e outros funcionários, tenta-se o possível para sanar esse problema. Todavia, essa violência que parte de poucos moradores, de vandalizar o Parque, reflete muito nas políticas do Estado, porque se elas existissem, a consciência de uso por parte dos moradores seria outra.

Em outras falas de alguns habitantes, a narrativa traz um elemento interessante sobre esse assunto:

A importância do Parque da Lagoa das Bateias é uma obra que seria, seria, muito importante, muito importante, para toda a população como você expressou, não só de *nois* moradores, como de pessoas do bairro Brasil e de outros bairros também, mais só que eu acho que a expectativa não foi cumprida assim de uma maneira que eles projetaram, que eles falaram que iria ser né? Pra mim, eu vejo ali uma decepção.<sup>166</sup>

Já outro relata:

Importante que era uma coisa que a gente tinha, era que eles fizessem o que feito no projeto, fazer aí tudo direitinho, o lazer como tinha que ser feito. A gente até recebeu as terras como eles quis, *pra* fazer era uma boa. O que a gente fica sentido, é que *eles não*

---

<sup>165</sup> Entrevista concedida ao autor pelo coordenador do parque, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>166</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.



*cumpriu o contrato com os moradores. Os moradores cumpriu com eles, e eles não cumpriu com a gente.*<sup>167</sup>

As falas demonstram um pouco dessa falta de compromisso para com o cidadão por parte dos setores públicos, o que cria certo estranhamento por parte de alguns moradores, e uma das consequências disso são os atos de vandalismo, até chegar à negação da obra.

A Secretaria de Lazer do município fala sobre a realização de atividades no Parque. Segundo o Secretário:

Sim. Como eu te falei a gente tem aqui na própria secretaria, monitores que dão aula de [...], tem uma escolinha de futebol lá que funciona, tem os babas naturais que a própria comunidade se apropria, à noite, pela manhã. Tem um professor que está sempre fazendo alongamento com as pessoas antes de começarem os treinos, ele está lá à disposição, nem sempre as pessoas vão, porque tem uma certa timidez, mais duas vezes na semana ele reuni todo mundo para fazer alongamento, pra fazer [...], quando as pessoas fazem atividades físicas tem que ter ajuda desse profissional e a prefeitura disponibiliza através da Secretaria esse profissional toda terça e quinta.<sup>168</sup>

De acordo com essa fala, algumas atividades realizadas não têm uma maior participação por certa “vergonha” do público em participar delas. Contudo, nas falas dos moradores, percebemos uma cisão entre o Estado, aqui representado pelo poder municipal, e os cidadãos, que não sentem essa presença tão afirmada por parte das secretarias.

Nessa lógica de inclusão dos munícipes, há algumas discussões envolvendo a educação ambiental promovida pela Secretaria do Meio Ambiente:

O parque das Bateias conta com um Museu de História Natural, onde atuam técnicos em meio ambiente da SEMMA<sup>169</sup>, que trabalham com Educação Ambiental, e existem projetos de estudos ambientais realizados em parceria com Instituições de Ensino, como UESB<sup>170</sup> e

---

<sup>167</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Hermínio Ribeiro do Prado, em 12 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>168</sup> Entrevista concedida ao autor pelo Secretário de Lazer e Cultura Sr. Nagib Pereira Barroso, em 25 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>169</sup> Entrevista concedida ao autor pela Tec. Em Meio Ambiente e Gerente de Projetos da Secretaria do Meio Ambiente Municipal, Ludmila Dias de Araújo Lima, em 28 de Agosto de 2014 na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>170</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

IFBA<sup>171</sup> que realizam ações de intervenção socioambiental na localidade.<sup>172</sup>

O coordenador do Parque nos diz:

Aí é o que eu te falei antes, a educação ambiental que a gente trabalha aqui, é mais quando os moradores vem nos visitar, aí quando eles vem nos visitar, aí eles vão no museu de História Natural, onde tem alguns espécimes de animais, algumas espécies de rochas e de sementes e assim por diante, e nesse momento a gente aproveita para fazer o trabalho de educação ambiental, no que diz respeito, ao tratamento e preservação do parque. Mais o que também nos ajuda, não só com os moradores daqui do arredor, mais da cidade inteira, é o setor de educação ambiental, que nós temos na Secretaria do Meio Ambiente, que esse setor ele é mais voltado justamente para a educação ambiental, nas escolas e instituições, e a partir deles e dessa ferramenta que nós temos também, é que faz esse trabalho, tem esse alcance também das pessoas no que diz respeito, ao Parque e a outros lugares da cidade.<sup>173</sup>

As entrevistas acima revelam as iniciativas do setor público no intuito de promoção da inclusão em projetos ambientais não só referentes ao Parque, como também na tentativa de contemplar a cidade de Vitória da Conquista. Contudo, a fala do coordenador do Parque é mais precisa e realista, porque demonstra as limitações de atingir o público, ou seja, a inserção da questão da educação ambiental é mais espontânea, os moradores que procuram, e não é percebida uma mobilização por parte do setor público por uma aproximação maior, não só com os habitantes do local, como também com os usuários do Parque.

Para tanto, existe um projeto de recuperação do Parque, divulgado pela coordenação:

Então, nós estamos trabalhando nesse momento, com a formação do plano de manejo<sup>174</sup> do parque, porque o parque ele foi constituído né, na época e não foi feito esse plano, na época da construção do

---

<sup>171</sup> Instituto Federal da Bahia

<sup>172</sup> Entrevista concedida ao autor pela Tec. Em Meio Ambiente e Gerente de Projetos da Secretaria do Meio Ambiente Municipal, Ludmila Dias de Araújo Lima, em 28 de Agosto de 2014 na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>173</sup> Entrevista concedida ao autor pelo coordenador do parque, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>174</sup> O SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação, no seu artigo 27º, determina que cada UC possua um Plano de Manejo. No caso das unidades de proteção integral, esse instrumento de planejamento e gestão deve contemplar uma zona de amortecimento e os corredores ecológicos, elencando medidas que promovam a proteção da biodiversidade e integrando as unidades à vida econômica e social das comunidades vizinhas.

parque. Então, nós estamos trabalhando fazendo o [...], a gente tá fazendo o organograma das atividades e das demandas que serão necessárias para a gente chegar a concluir esse plano de manejo. Então, nesse plano de manejo vai contemplar a limpeza do espelho d'água, vai contemplar o paisagismo do parque ao seu entorno, e vai contemplar também [...], digamos assim, uma reforma na infraestrutura física no parque também no que diz respeito às quadras, ao parque e aos quiosques, aí a gente vai tentar ver se contempla todos esses pontos, já contemplando junto com o plano de manejo do parque.<sup>175</sup>

Contudo, segundo a Secretaria do Meio Ambiente:

O parque Urbano Lagoa das Bateias é uma Unidade de Conservação instituída em lei e ato da sua criação perpassa por um Plano de Manejo, que visa apresentar diretrizes e orientação quanto ao uso e conservação desta área, bem como a sua manutenção ambiental, que se dá através de parcerias entre instituições para o acompanhamento e avaliação da qualidade dos recursos naturais, como água, fauna e flora, e da estrutura física do parque, como jardinagem, limpeza, capina, controle das Taboas, dragagem de possíveis áreas assoreadas, e acompanhamento das áreas recreativas (quiosques, quadras, e brinquedos), tendo a sua sede administrativa localizada no Parque, com uma equipe e uma coordenação para verificar *in loco* todas as necessidades deste espaço.<sup>176</sup>

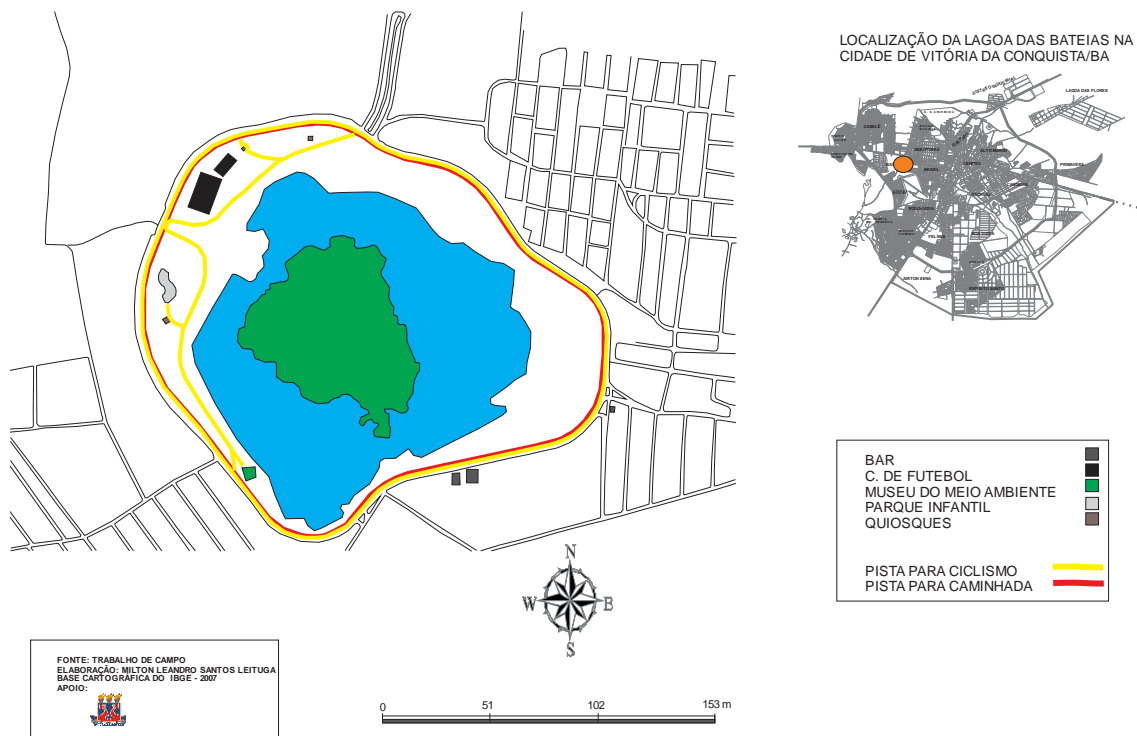
O mapa elaborado dos equipamentos existentes no parque nos dá um pouco da ideia da estrutura retratada na entrevista. Veja o mapa abaixo:

---

<sup>175</sup> Entrevista concedida ao autor pelo coordenador do parque, contudo o mesmo preferiu não se identificar, em 20 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>176</sup> Entrevista concedida ao autor pela Tec. Em Meio Ambiente e Gerente de Projetos da Secretaria do Meio Ambiente Municipal, Ludmila Dias de Araújo Lima, em 28 de Agosto de 2014 na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Mapa 3: Equipamentos de Lazer do Parque Lagoa das Bateias, Vitória da Conquista, Bahia, 2012.



Primeiramente, comparando o que foi apresentado pela coordenação do Parque com o que foi descrito pela Secretaria do Meio Ambiente, já se percebe uma incongruência, porque no primeiro caso se tem um problema que foi a construção do Parque sem um Plano de Manejo Ambiental e, logo em seguida, os representantes da Secretaria do Meio Ambiente relatam que ele foi construído dentro da lógica do plano. Isso demonstra, não só certa discrepância entre os discursos de quem administra o Parque, como também reflete a realidade que os moradores apontam sobre o abandono.

Na lógica do Plano de Manejo, ele tem que ser elaborado com a participação popular, e isso nos leva a crer que, cada vez mais, a população está distante das determinações do Parque. Em algumas falas isso fica claro, como relata um entrevistado:

O ponto que ficou ruim, é que eles não tão cuidando de nada. O bairro nosso agora está todo desgraçado. Aqui você pode ver. Roda aqui de noite, é água caindo no meio da rua, é lâmpada tudo queimada, é praça cheia de lixo, tudo aí cheio de lixo, e a gente tá brigando direto. Eu fui esses dias lá no [...], na Secretaria do Meio Ambiente, e eles falaram que não tem dinheiro. Não tem dinheiro para fazer isso aí, para limpar as praças, mais tem dinheiro para fazer festa. Agora pensa bem, é uma vergonha.<sup>177</sup>

De acordo com a entrevista, a revolta do morador para com os responsáveis pela manutenção da Lagoa das Bateias, é baseada na realidade de um dia a dia em que ele observa o quanto está degradado o parque, com lixo e esgoto sendo despejados sem controle.

Em relação aos dejetos, que ainda são despejados na lagoa de forma clandestina, os responsáveis dizem:

Com a implementação do esgotamento sanitário na localidade e com a consequente redução/eliminação do despejo clandestino de esgotos dentro do lago, que é um gerador e receptor de águas, possui uma dinâmica ecológica que permitirá a natural “despoluição” do recurso hídrico, chamado de AUTO-DEPURAÇÃO.<sup>178</sup>

Em outro relato:

---

<sup>177</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. Wilton Silva Leal, em 01 de setembro de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA

<sup>178</sup> Entrevista concedida ao autor pela Tec. Em Meio Ambiente e Gerente de Projetos da Secretaria do Meio Ambiente Municipal, Ludmila Dias de Araújo Lima, em 28 de agosto de 2014 na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Com algumas dificuldades, que ainda têm pessoas que não ligaram as suas redes de esgotos e não ligando as suas redes de esgotos, ainda tem pessoas jogando os seus dejetos na Lagoa das Bateias. Mais isso num futuro bem próximo vai estar resolvido, porque a central de abastecimento nova já foi implantada e esses dejetos não vão mais para o Pinicão como você sabe, e essa estação de tratamento anaeróbica é uma das mais modernas do mundo, você imagina o que é todos os dejetos da cidade que vem para um lugar faz o processo que tem que ser feito e a água que sai desses dejetos pode ser utilizada na agricultura, claro não é uma agricultura de hortaliça, café, mandioca, a água que sai você pode aproveitar imagina.<sup>179</sup>

A questão do esgotamento sanitário que polui as Bateias parte de ligações clandestinas, dificuldade essa ainda muito grave, porque geram um problema ambiental muito sério no Parque. Dessa maneira, nos vem um questionamento: se o Plano de Manejo Ambiental fosse instalado na época da construção, isso poderia não estar acontecendo? A população teria uma melhor consciência ambiental? Essas questões poderiam ser respondidas se o Plano de Manejo Ambiental tivesse sido feito. Contudo, no processo de construção não houve uma discussão coletiva entre os moradores e a Prefeitura, muito menos para construção do projeto do Plano de Manejo. Isso reflete as determinações da produção do espaço urbano na lógica da cidade mercadoria.

Em uma das entrevistas, um morador fala a respeito de ligações clandestinas de esgoto:

Coleta de lixo [...], tem o esgoto que vem não vai para dentro da lagoa, porque ali tem o [...] uma fossa bem grandona que recebe o esgoto e de vez em quando faz a drenagem e pega e leva não sei para onde. Não vai, esgoto para a lagoa não vai, vai de algumas casas aqui, de algumas casas que vai.<sup>180</sup>

Na sequência temos outra revelação:

Inclusive ali tem muito esgoto que cai ali, esgotos de casas que jogam ali naquele manancial de água, que poderia ser uma água tratada, uma água que pudesse até servir de lazer, como assim foi o projeto né? No governo, que ali iria ser uma área de lazer, ali eu vejo uma área de lazer só para caminhadas, águas impróprias entendeu?

---

<sup>179</sup> Entrevista concedida ao autor pelo Secretário de Lazer e Cultura Sr. Nagib Pereira Barroso, em 25 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

<sup>180</sup> Entrevista concedida ao autor pela Sr.<sup>a</sup> Helena, em 21 de abril de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

Inclusive as taboas tomou conta, tirou até mais a beleza do manancial da lagoa né?<sup>181</sup>

As falas revelam como existe sim uma clandestinidade, o que contribui para a poluição. Assim, não podemos ser levados pelo discurso que coloca a culpa na população, uma vez que são percebidos, também, erros na construção e na gestão do Parque, os quais contribuem para essa triste realidade que o Parque Ambiental da Lagoa das Bateias vivencia.

Destarte, a problemática inserida na produção do espaço urbano, nas cidades capitalistas da contemporaneidade, gera uma complexidade nas análises não só sociológicas como também estruturais, porque mudanças que muitas vezes representariam um salto em qualidade de vida e em um planejamento urbano bem sucedido, por falta muitas vezes de competência administrativa, não supriram as necessidades dos cidadãos.

Pensar no direito à cidade, conforme teorizado por Lefebvre (2008), nos levam a crer que o modo de produção vigente não democratiza os usos nem o planejamento das cidades, impondo uma modernização dos espaços, não respeitando as culturas locais e nem a subjetividades dos sujeitos. Dessa forma, constrói-se um cotidiano atrelado e condicionado aos ditames do capital.

---

<sup>181</sup> Entrevista concedida ao autor por Sr. José Ribeiro Prado, em 15 de agosto de 2014, na cidade de Vitória da Conquista/BA.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais, a Ciência tem o compromisso de dar um suporte teórico e técnico para o entendimento sobre as relações humanas que se materializam no território. Nesse sentido, justifica-se a necessidade de maior compreensão da realidade, no caso, o estudo da memória e do cotidiano do urbano em cidades médias, num período em que a urbanização é fortemente caracterizada por modificações na estrutura pelas relações capitalistas, o que produz no seio do cotidiano citadino espaços de lazer segregados, destinados à reprodução da sociedade consumista.

Como se parte de um princípio de que a cidade é um espaço de livre circulação para a população para o lazer, o entretenimento e a cultura, mesmo que na prática isso não se realize, urge a necessidade de se fazer um estudo mais aprofundado sobre qual é o propósito desse projeto-modelo de cidade. Nesse sentido, levantamos questões importantes, como base na análise do cotidiano urbano, desvelando: sua face espoliativa e criadora de novas contradições; a intensificação e apropriação desigual de espaço, geradora de grandes desigualdades sociais; e, sobretudo, como o processo de urbanização não democratiza na sua expansão os diversos usos propostos em seus discursos ideológicos. Assim, a pesquisa esmiuçou a memória do cotidiano urbano de Vitória da Conquista e lançou luz sobre o processo de constituição do espaço urbano, no espaço urbano, sua materialização.

Percebe-se que no caso estudado conteúdo do urbano vem se fragmentando em suas relações baseadas na lógica capitalista, que impõe aos citadinos um cotidiano fundado em contradições entre os que têm renda para disfrutar dos espaços segregados e os que ficam à margem do processo, com pouca opção para se apropriar da cidade enquanto espaço da reprodução da vida.

Para tanto, o levantamento feito nas transformações espaciais nas Bateias, demonstram como os processos políticos são decisivo na compreensão do conteúdo social percebido na localidade. O exemplo é a complexidade observada em campo e relacionada com a teoria, ou seja, um espaço que entre as décadas de 1940 e 1970, era praticamente agrário, e somente na década de 1980 se intensifica



o seu processo de urbanização, coincidindo com as demandas do capitalismo na Bahia.

A interpretação da memória do cotidiano tem forte ligação com as relações capitalistas, nas quais, com a intensificação das formas globalizantes, que se inserem no espaço urbano voltado para uma sociedade consumista e classista, segregam e excluem quem historicamente esteve subjugado às relações de poder que se estabelecem no dia a dia urbano.

Entretanto, o presente trabalho fez uma análise teórico-metodológica de como está se processando a urbanização da cidade de Vitória da Conquista /BA, na perspectiva da memória e História Oral, questionando, de forma contundente, os processos de produção do espaço urbano e de revitalização de lugares hinóspitos, que não levam em conta a participação dos diversos sujeitos que habitam a área.

Dessa maneira, a abordagem teórica adotada no presente trabalho, que reflete a respeito da produção espacial, na perspectiva da História Oral, deu subsídios para a compreensão da urbanização na lógica da capitalista. Contudo, os fatos levantados em campo, em conjunto com a discussão teórica, deram respaldo para um entendimento abrangente de como a produção das cidades, em seu conteúdo, gera grandes desigualdades sociais, base de desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Na construção da narrativa foi possível perceber, no processo de ocupação história da localidade, e em específico na construção do Parque Ambiental da Lagoa das Bateias, que o envolvimento da população só se deu sendo ela espectadora, enquanto o setor público tinha todas as definições do projeto, ou seja, foi de “cima para baixo”, sem levar em conta as especificidades do local. Dessa forma, uma postura que demonstra a não democratização do planejamento urbano, e a conseqüente imposição do Estado em sua efetivação.

Outro fator a ser destacado se refere à manutenção da obra. Na análise dessa questão, foram confrontadas as falas dos representantes do setor público e dos moradores, percebendo-se, no primeiro caso, o discurso sobre o cuidado e o zelo pelo ambiente e também o incentivo ao envolvimento da população. Entretanto, no segundo caso, as falas da população são sobre o abandono, não só da

manutenção, como também das atividades que envolvam os moradores e toda a comunidade cidadina.

Essa realidade apresentada, de acordo com as entrevistas levantadas em campo, mostra a situação de abandono e descaso por parte dos representantes do Governo Municipal, restando à sociedade civil a iniciativa própria, como aparece na fala do coordenador do Parque.

Com uma maior concentração e incentivo para o crescimento da população urbana no município, efetiva-se todo um projeto de reestruturação do solo e um novo modelo na vida cotidiano, porque as novas relações são impostas, fortemente ligadas aos ditames capitalistas, impondo ao cidadão um ritmo de vida, em que o lazer, dentre outras ações cotidianas, é manipulado pela sociedade consumista, porque é no cotidiano que se efetiva a alienação do sistema produtivo vigente.

Por fim, a análise da memória do cotidiano urbano, revela a face espoliativa e criadora da urbanização, cujo cerne é a produção de novas contradições na sociedade; a intensificação e apropriação desigual de espaço urbano de Vitória da Conquista, que são geradoras de grandes desigualdades sociais; o processo de urbanização que não democratiza, em sua expansão, os diversos usos propostos, em seus discursos ideológicos; e a fragmentação do urbano em cidades médias como Vitória da Conquista, em um período em que a urbanização é fortemente caracterizada por modificações na estrutura das relações capitalistas, que produz espaços de lazer segregados e destinados à reprodução da sociedade consumista.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral / Verena Alberti. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES, G. A. P. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal Precarização do trabalho e redundância salarial. **Revista Katalysis**, v. 12, p. 188-197, 2009.

ANTUNES, R. DRUCK, Maria da Graça . A epidemia da terceirização. In: Ricardo Antunes. (Org.). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III**. 1ed.São Paulo: Boitempo Editorial, 2014, v. , p. 13-24.

BARCELLOS, J. A. S. Territórios do Cotidiano: introdução a uma abordagem teórica contemporânea. In: MESQUITA, Zilá; Brandão, Carlos, Roberto. (Org.). **Territórios do cotidiano**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Editora da Universidade Luterana do Brasil, 1995, v. , p. 40-48.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura/ Walter Benjamim; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeane Marie Gagnebin. 8. ed. Revista – São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v.1)

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FERRAZ, Ana Emilia de Quadros. **O urbano em construção**. Vitória da Conquista: um retrato de duas décadas. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

GIL, A. H. C. F; Gil Filho, S. F. . Geografia do Cotidiano: Uma Leitura da Metodologia Sócio-Interacionista de Erving Goffman. **Ateliê Geográfico**, v. 2, p. 102-118, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Tr. de Laurent Léon Schaffter. Editora Revista dos tribunais, São Paulo: 1990.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico** – 1940. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico**: Estado da Bahia, 1950. V. XX, tomo I. Rio de Janeiro: IBGE, 1955.

\_\_\_\_\_. **Sinopse Preliminar do Censo Demográfico**: Brasil. 1960. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico Bahia**: recenseamento geral, 1970, v. 1, tomo XIII. Rio de Janeiro: IBGE, 1973.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 1980**: dados distritais-Bahia, v. 1, tomo 3, n. 13. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 1991**: resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios, n.17-Bahia Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

\_\_\_\_\_. **Sidra**: Bando de dados sobre Censo Demográfico, 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br> >. Acesso: 05 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo2010/>>. Acesso: 05 mai. 2012.

FAUSTINO, J. **Planificación y gestión de manejo de cuencas**. Turrialba: CATIE, 1996. 90p.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. Henri, 1901 – 1991 **O direito à cidade**/ Henri Lefebvre; Tradução Rubens Eduardo Farias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITUGA, M. L. S. **A Fragmentação do cotidiano no urbano de Vitória da Conquista/BA**. 2012. 100f. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2012.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens. Trabalho e ser social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MONTALI, L. T. Família e Trabalho na Reestruturação Produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (Impresso), v. -, n.42, p. 55-71, 2000.

NASSER, Ana Cristina Arantes. Sair para o mundo - trabalho, família e lazer: relação e representação na vida dos excluídos. In: LADISLAU, Dowbor; Samuel, Kilsztajn. (Org.) **Economia Social no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC, 2001, v. p. 305-314

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Revista do programa de Estudos Pós graduados em História, do Departamento de História da PUC, São Paulo: São Paulo, SP, 1993.

PASSOS, Julia Gabriela Fernandes. **Produção do espaço urbano e requalificação de áreas degradadas**: o caso do bairro Santa Cruz, entorno da Lagoa das Bateias, Vitória da Conquista, Bahia. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

PETERSEN, S. R. F. . Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana. In: MESQUITA, Zilá; Brandão, Carlos, Roberto. (Org.). **Territórios do cotidiano**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Editora da Universidade Luterana do Brasil, 1995,, v. , p. 49-66.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras** / Arlete Moysés Rodrigues: revisão Rosa M. C. Cardoso e Candida M. V. Pereira. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1991. – (Coleção repensando a geografia).

PIRES, G. L. Lazer e Formação Cultural. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE IX. **Anais**. São Paulo: USP/Leste - SENAC/SP, 2008. v. unico.

PORTELLI, A. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo. Educ, n. 15, 1997.

SANTOS, J. Urbanização e Produção de Cidades na Bahia: reflexões sobre os processos de estruturação e reestruturação urbana. **Bahia Análise & Dados**, v. 19, n. 2, p. 499-509, 2009.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 508 f. Tese (Livre Docência)-UNESP, Presidente Prudente, 2004.

**APÊNDICE A: Entrevista com o Secretário do Meio Ambiente**

1 – Como se dá a manutenção Ambiental no Parque Ambiental da Lagoa das Bateias?

2 – Há alguma degradação ambiental no Parque? Quais as medidas cabíveis pela Secretária do Meio Ambiente do Município?

3 – Existe a necessidade de um projeto de reestruturação do Parque?

4 – Qual é a política em relação à prevenção de despejo de esgotos no parque ambiental?

5 – Há alguma proposta de educação ambiental para os moradores na região para conservação do parque?

6 – Existe algum projeto de conservação da área do Parque que venha a incluir os moradores?

7 – Existe algum projeto para despoluir a água do Parque?

8 – Qual é a importância de um equipamento como esse para o cotidiano do lazer na cidade de Vitória da conquista?

**APÊNDICE B: Entrevista com Secretário do Lazer e Esporte da cidade**

1 – Quais as políticas de Estado em relação ao lazer urbano conquistense?

3 – Existem projetos que venham a inserir a população, independente de classe social, no uso livre do lazer na cidade?

4 – Existe alguma política de estado que venha contemplar o Parque Ambiental da Lagoa das Bateias?

5 – O que pensa a secretaria de lazer e esporte do município sobre o cotidiano do lazer no Parque? Existem projetos que venham a incentivar o uso desse equipamento de lazer da cidade?

6 – Existem projetos de intervenções artísticas e culturas no Parque?

7 – Existe alguma proposta de inclusão dos moradores locais em atividades relacionadas à prática do lazer na Secretária?

8 – Qual é a importância de um equipamento como esse para o cotidiano do lazer na cidade de Vitória da conquista?

**APÊNDICE C: Entrevista com o coordenador do parque**

1 – Existe alguma política de manutenção do Parque por parte do poder municipal?

3 – Como está a manutenção dos equipamentos de lazer do Parque?

4 – Como se dá a inclusão dos moradores no uso cotidiano do Parque? Existe algum projeto municipal para esse fim?

5 – Tem alguma proposta de educação ambiental para os moradores na região, para conservação do Parque?

6 – Quais as atividades feitas por parte da prefeitura para atividades de lazer no Parque? Existe alguma iniciativa popular sobre o lazer no Parque?

7 – Existe a necessidade de um projeto de reestruturação do Parque?

8 – Qual importância de um equipamento como esse para o cotidiano do lazer na cidade de Vitória da conquista?



**APÊNDICE D: Termo de consentimento****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Programa de Pós-Graduação em

**Memória: Linguagem e Sociedade \_PPGMLS**

**NOME DA PESQUISA:** MEMÓRIA, LAZER E COTIDIANO NA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA/BA

**RESPONSÁVEL:** Milton Leandro Santos Leituga

**TELEFONE PARA CONTATO:** 77 – 88127960

O presente projeto tem por meta pesquisar a construção da memória, no que se refere ao cotidiano do lazer, e seus impactos na cidade de Vitória da Conquista/BA e na estruturação no imaginário do urbano. Entendemos que é no local de desenvolvimento da vida cotidiana dos habitantes, seja no lazer, trabalho, nas relações estabelecidas entre os vizinhos e nos lugares de significância das atividades das mais variadas possíveis, que surge o urbano inerente à cidade. Dessa maneira, urge a necessidade do entendimento dos impactos causados ao cotidiano dos moradores nas áreas a serem estudadas.

Neste sentido, você está convidado a participar desta pesquisa, dando depoimentos sobre sua história de vida.

Cabe esclarecer que o destino dos dados será exclusivamente para fins científicos e que sua identidade será revelada, caso concorde com isto. Toda transcrição da entrevista será apresentada ao entrevistado, a fim de ficar ciente sobre as informações contidas.

Mediante as informações acima apresentada, você poderá decidir pela sua participação ou não, sem nenhuma consequência ou prejuízo para sua pessoa.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº. \_\_\_\_\_, abaixo assinado, declaro ter recebido informações sobre a natureza e os objetivos da pesquisa, bem como sobre os procedimentos a serem nela adotados. Estou ciente e concordo em participar do estudo, depondo

sobre as temáticas que me forem apresentadas. Concordo com as condições postas, autorizo a publicação de informações por mim fornecidas.

DIVULGAÇÃO DO NOME:  Sim      Não

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_